



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA

**VARIABILIDADE CERÂMICA E HISTÓRIA INDÍGENA NO  
BAIXO SÃO FRANCISCO, SE - OS SÍTIOS PORTO BELO I E II**

Maria Sandra Nunes da Silva

Laranjeiras- SE

2019

Maria Sandra Nunes da Silva

**VARIABILIDADE CERÂMICA E HISTÓRIA INDÍGENA NO  
BAIXO SÃO FRANCISCO, SE OS SÍTIOS PORTO BELO I E II**

Monografia apresentada ao Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Arqueologia.

Orientador administrativo: Professor Dr. Alberico Nogueira de Queiroz

Laranjeiras- SE

2019

Variabilidade cerâmica e história indígena no baixo São Francisco, SE  
Os sítios Porto Belo I e II

Monografia apresentada a comissão julgadora do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Arqueologia.

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca examinadora

---

Orientador- Professor Dr. Alberico Nogueira de Queiroz

---

Examinador 1- Professora Dra. Juliana Salles Machado Bueno

---

Examinador 2- Professor Dr. Paulo Jobim de Campos Mello



Figura 1 - Rio São Francisco. Vol. I, Part I, Fasc. See Urban Prancha 10 Publicado em 1906.

*Aos meus pais Gercina e Luiz, meu irmão Luciano e minhas irmãs Graça e Angela, porque sonharam esse sonho comigo, foram fortes e me fortaleceram, porque são meu porto, meu lar.*

## AGRADECIMENTOS

As pessoas lá de casa. Mãe obrigada pelas preces, meu exemplo de fortaleza e sabedoria, minha maior inspiração. Seu Santo, meu pai, obrigada por me ensinar tantos valores. Vocês me ensinaram que fazer o que é certo, o que é justo, pode ser o caminho mais longo, mas é o único que vale a pena seguir. A Angela, irmã querida, pessoa de sorriso largo e alma bonita. O elo que une todos. A Graça, responsável por tornar tudo isso possível, lutou pelo meu sonho como se fosse o dela, presença constante. A Ciano, é justo, de fala concisa e de grandes gestos. Obrigada família por tanto cuidado, generosidade e amor. E para quem passou tanto tempo longe de casa, as notícias de vida chegando que encheram o coração de alegria: Gui (2016), Elijan (2018), Lorena (2018), pessoinhas que vieram ao mundo com o dom de trazer alegria.

Minha admiração e agradecimento às professoras e aos professores do Departamento de Arqueologia, por todo conhecimento compartilhado. Obrigada Suely Amancio, Olivia Carvalho, Márcia Barbosa, Daniela Klökler, Juliana Salles Machado, Lorena Garcia, Jaqueline Barreto, Fernando Ozorio, Leandro Duran, Paulo Jobim, Albérico Queiroz e Jenilton Santos.

Faço aqui um agradecimento a parte ao professor Dr. Fernando Ozorio por ter cedido a datação do Porto Belo II e por me orientado em trabalhos de iniciação científica, e por ter se disponibilizado para fazer considerações a esse trabalho.

Agradeço a professora Dra. Juliana Salles Machado e ao professor Dr. Paulo Jobim de Campos Mello por aceitarem compor banca. Igualmente sou grata ao professor Dr. Alberico Nogueira de Queiroz por aceitar a orientação administrativa.

Na secretaria do Departamento de Arqueologia, agradeço ao Carlos Alves Rocha por ser sempre gentil e solícito no repasse de informações.

Ao pessoal do Laboratório de Paisagem e Sociedade, em especial, à equipe da cerâmica, tenho muito que agradecer. Ivan Paiva, partilhamos a mesma admiração no primeiro contato que tivemos com a cerâmica de Xingó, fotografamos cada fragmento das coleções dos sítios que foram escavados pelo PAX e que viriam a ser analisados no Lapso, posteriormente; admiração partilhada também com Adriana Schuster. Nas análises de material, Eunice Dantas compartilhou muito do seu conhecimento comigo, principalmente quando se tratava das bordas. Carolina Santos, sou grata pelo auxílio nas análises e pela introdução em desenho vetorial. Do Lapso levo com carinho a amizade de

uma pessoa muito querida, foram longas discussões sobre o material que me ajudaram a clarear as ideias: obrigada Adriana Schuster pela gratuidade das suas ações.

Sou grata ao projeto PROBASÃO. Nas três etapas do seu desenvolvimento (2016-2018) tive a oportunidade de conhecer e trabalhar com pessoas incríveis. Na primeira etapa do projeto tive minha primeira escavação, agradeço a Gilmar Henrique por usar de tamanha paciência ao me ensinar.

Ao pessoal do Museu de Arqueologia de Xingó com os quais convivi durante o estágio. Com carinho agradeço a Railda Nascimento (pessoa de força imensurável), Thaís Vaz, Davino Dias, Vanessa Xavier, Priscyla Viana, Elaine Alves, Cicero (o motorista mais gente boa da UFS). Ao diretor do Museu Gilson Rambelli.

Agradeço às pessoas e às circunstâncias por contribuírem com meu crescimento e por despertarem em mim, vontade de potência.

**GRATIDÃO**

## **RESUMO**

O presente trabalho aborda a variabilidade dos vestígios cerâmicos dos sítios Porto Belo I e II, localizados em um terraço na margem sergipana do baixo curso do rio São Francisco. Os sítios foram escavados na primeira etapa do Projeto Arqueológico de Xingó, desenvolvido na década de 1990, por meio de uma demanda da Arqueologia Preventiva, durante a construção da barragem da hidroelétrica de Xingó. Objetivando compreender o significado da variabilidade da cerâmica nestes dois sítios, utilizamos a análise dos elementos tecnológicos e decorativos que permitiram classificar os fragmentos cerâmicos quanto à composição da pasta, opções de escolhas durante o processo de manufatura, elementos decorativos e índice de queima. A análise sobre a variabilidade tecnológica, em escala temporal e espacial, nos forneceu indícios da dinâmica das populações ceramistas de Xingó.

**PALAVRAS-CHAVES:** Variabilidade Cerâmica; História Indígena; Baixo São Francisco.

## **ABSTRACT**

O presente trabalho aborda a variabilidade dos vestígios cerâmicos dos locais Porto Belo I e II, os locais em um terraço na margem sergipana do curso inferior do rio São Francisco. Os locais foram escavados na primeira etapa do Projeto Arqueológico de Xingó, desenvolvido na década de 1990, por meio de uma demanda da Arqueologia Preventiva, durante a construção da barragem hidroelétrica de Xingó. Objetivando compreender o significado da variabilidade da cerâmica nesses dois tipos, use uma análise dos elementos tecnológicos e decorativos que permitam classificar os fragmentos cerâmicos quanto à composição da massa, opções de escolha durante o processo de fabricação, elementos decorativos e índice de queima. Uma análise sobre a variabilidade tecnológica, em escala temporal e espacial, nos forneceu indícios das ameaças cerâmicas de Xingó.

**KEYWORDS:** Ceramic Variability; Indigenous history; Low San Francisco.

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Sítios arqueológicos identificados pelo PAX.....	45
Tabela 2 - Sítios cerâmicos de Xingó. Modificado de Luna, 2005. ....	47
Tabela 3 - Sítios cerâmicos de Xingó.....	47
Tabela 4 - Distância entre os sítios.....	52
Tabela 5 - Vestígios arqueológicos diretos e indiretos quantificados por nível.....	55
Tabela 6 - Vestígios arqueológicos diretos e indiretos quantificados por nível.....	57
Tabela 7 - Vestígios arqueológicos diretos e indiretos quantificados por nível.....	58

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Fases arqueológicas da zona da mata e litoral pernambucano. ....	21
Quadro 2- Fases arqueológicas do semi-árido pernambucano. ....	22
Quadro 3 - Características da cerâmica do semiárido pernambucano. ....	22
Quadro 4- Características da cerâmica dos sítios dunares, Sub-médio São Francisco...	25
Quadro 5- Características da cerâmica de Xingó. ....	28
Quadro 6- Levantamento das principais fases e tradições do Nordeste .....	28
Quadro 7- Classificação das Famílias linguísticas do tronco Macro-Jê. Fonte: Aryan Rodrigues.....	36
Quadro 8 - Associação dos povos de Filiação Linguística do Tronco Macro-Jê as áreas Culturais .....	37
Quadro 9 - Caracterização da Cerâmica Kariri quanto a forma e função. Fonte: Lima, 1987 .....	39
Quadro 10 - Estimativa dos períodos de ocupação dos sítios cerâmicos de Xingó.....	49
Quadro 11- Datações dos sítios de Xingó .....	49
Quadro 12 – Ficha de análise .....	60
Quadro 13 - Padrão decorativo - Porto Belo I.....	86
Quadro 14 - Padrão decorativo Porto Belo II.....	88
Quadro 15 - Reconstruções gráficas da cerâmica do Porto Belo I.....	89
Quadro 16 - Recorrência tipológica nos níveis – Porto Belo I.....	90
Quadro 17 - Reconstruções gráficas da cerâmica do Porto Belo II.....	91
Quadro 18- Recorrência tipológica nos níveis – Porto Belo II .....	92
Quadro 19- Comparação dos atributos predominantes na cerâmica do Porto Belo I e II .....	100
Quadro 20 - Presença das formas nos níveis dos sítios Porto Belo I e II.....	101
Quadro 21- Cerâmica do sítio Porto Belo I.....	102
Quadro 22 - Cerâmica do sítio Porto Belo II.....	104
Quadro 23 - Análise da cerâmica dos sítios Cipós, Barracão e Vitória Régia .....	106
Quadro 24 - Análise da cerâmica dos sítios Curitiba, Justino São José e Jeremum.....	107

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Rio São Francisco. Vol. I, Part I, Fasc. See Urban Prancha 10 Publicado em 1906.....	4
Figura 2 – Formas da cerâmica de São Raimundo Nonato- PI: a) Baixão da Serra Nova; b) Aldeia da Queimada Nova; c) Aldeia de Barreirinho..	20
Figura 3- Formas cerâmica dos sítios do semiárido e zona da mata Pernambucano. a) Sítio aldeia do Baião, Araripina-PE; b) Sítio Aldeia Sinal Verde, São Lourenço da Mata- PE..	23
Figura 4 - Motivos da cerâmica do Sítio Aldeia do Baião, semiárido Pernambucano...	23
Figura 5 - Localização de etnias ao longo do rio São Francisco..	30
Figura 6 - Áreas Culturais..	37
Figura 7 - Croqui da distribuição das tribos Jê, incluído na carta de 20.7.1934..	39
Figura 8 - Oferenda para os encantados; Potes pequenos dos Kariri de Mirandela. ....	40
Figura 9 - Índia Kariri de Mirandela fiando algodão; ao lado um vasilhame, possivelmente de cerâmica. ....	40
Figura 10 - Índia Kariri de Mirandela fazendo cerâmica a partir da técnica acordelada (cordel de argila na vertical)..	41
Figura 11 - Consumo de jurema em uma cerimônia Tuxá. ....	41
Figura 12 - Índia Xokó confeccionando cerâmica entre os índios Funiô.....	42
Figura 13 - índios Xokó e Natu reunidos em acampamento para o ritual do Ouricuri ..	43
Figura 14 - Levantamento dos sítios localizados à montante de Xingó. ....	46
Figura 15- Representação dos períodos compreendidos pelas datações dos sítios de Xingó considerando as margens de erro.....	51
Figura 16 - - Representação do intervalo das ocupações considerado a data mais antiga e a mais recente (Justino, São José e Porto Belo I) e a margem de erro (demais sítios)...	52
Figura 17 - Mapa de localização dos sítios Porto I, II e VI. ....	54
Figura 18 - Trincheira do sítio Porto Belo I. ....	55
Figura 19 - Estrutura de combustão, Porto Belo I. ....	55
Figura 20 - Plano transversal do sítio Porto Belo I. ....	56
Figura 21 - Plano transversal do sítio Porto Belo II. ....	57
Figura 22 - Referência para caracterização da angulosidade dos minerais..	61
Figura 23 - Referência para análise da frequência dos minerais. ....	62
Figura 24 - Fragmento de borda diferenciada- Porto Belo II ..	93

Figura 25 - Fragmento de borda erodido na face externa - Nível 3, Porto Belo II.....	96
Figura 26 - Base plana- nível 1.....	97
Figura 27 - Base côncava - nível 2 .....	97
Figura 28 - Base côncava- superfície .....	97
Figura 29 - Cachimbo rabo de peixe- Porto Belo II .....	99
Figura 30 - Copo revestido com engobo vermelho- Porto Belo II .....	99
Figura 31 - Copo revestido com engobo vermelho- Porto Belo II.....	99
Figura 32 - Fragmento com marca de conserto- Porto Belo II.....	100

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Amostra analisada- Porto Belo I	Gráfico 2 - Amostra analisada Porto Belo- II.....	64
Gráfico 3 - Total de fragmentos analisados por nível- Porto Belo I.....		64
Gráfico 4 - Total de fragmentos analisados por nível- Porto belo II.....		65
Gráfico 5 - Técnica de manufatura P.B I	Gráfico 6 - Técnica de manufatura PB II.....	66
Gráfico 7 - Técnica de manufatura por nível- Porto Belo I.....		66
Gráfico 8 - Técnica de manufatura- Porto Belo II.....		67
Gráfico 9 – Frequência da classe de fragmentos e técnica de manufatura por nível- PB I .....		68
Gráfico 10 - Frequência da classe de fragmentos e técnica de manufatura por nível- PB II .....		68
Gráfico 11 - Frequência dos minerais- Porto belo I .....		69
Gráfico 12 - Frequência dos minerais- Porto Belo II .....		69
Gráfico 13 - Espessura do antiplástico- PB I	Gráfico 14 - Espessura do antiplástico- PB II.....	70
Gráfico 15 - Porcentagem do antiplástico- PBI	Gráfico 16- Porcentagem do antiplástico- PB II.....	71
Gráfico 17 - Forma dos minerais- Porto Belo I.....		71
Gráfico 18 - Forma do antiplástico- Porto Belo II.....		72
Gráfico 19 – Tipo de pasta- Porto Belo I.....		73
Gráfico 20 - Tipo de pasta- Porto Belo I .....		74
Gráfico 21- Cor da superfície (FI)- PB I	Gráfico 22 - Cor da superfície (FI)- PB II .....	75
Gráfico 23- Tipo de queima- Porto Belo I.....		76
Gráfico 24 - Tipo de queima- Porto Belo II .....		76
Gráfico 25 - Estado de conservação- PB I	Gráfico 26 - Estado de conservação- PB II.....	78
Gráfico 27 - Estado de conservação por nível- Porto Belo I.....		78
Gráfico 28 - Estado de conservação por nível- Porto Belo II.....		79
Gráfico 29 - Tipo de alisamento- Porto Belo I.....		80

Gráfico 30 - Tipo de alisamento- Porto Belo II.....	81
Gráfico 31 - Tratamento de superfície por nível- Porto Belo I .....	82
Gráfico 32 - Tratamento de superfície por nível- Porto Belo II .....	83
Gráfico 33 - Espessura dos Fragmentos- Porto Belo I .....	83
Gráfico 34 - Espessura dos Fragmentos- Porto Belo II .....	84
Gráfico 35 - Tipo de decoração plástica- Porto Belo I. ....	85
Gráfico 36 - Tipo de decoração plástica por nível- Porto Belo I.....	85
Gráfico 37 - Tipo de decoração plástica por nível- Porto Belo II .....	86
Gráfico 38 - Frequência tipológica- PBI .....	90
Gráfico 39 - Frequência tipológica por nível- Porto Belo II .....	94

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>1. ÁREAS ARQUEOLÓGICAS DE POPULAÇÕES CERAMISTAS NO NORDESTE .....</b>	<b>19</b>
1.1. ARQUEOLOGIA NO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO .....	24
1.2. ARQUEOLOGIA NO BAIXO SÃO FRANCISCO .....	26
<b>2. O RIO SÃO FRANCISCO E SUAS GENTES .....</b>	<b>30</b>
2.1. HISTÓRIA INDÍGENA .....	31
2.2. POVOS MACRO-JÊ E POVOS SEM FILIAÇÃO LINGÜÍSTICAS .....	35
<b>3. A REGIÃO DE XINGÓ: CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA E SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS.....</b>	<b>45</b>
3.1. OS SÍTIOS DA REGIÃO .....	45
3.2. DESCRIÇÃO DOS SÍTIOS ESTUDADOS .....	54
<b>4. CLASSIFICAÇÃO DO MATERIAL CERÂMICO .....</b>	<b>59</b>
4.1. METODOLOGIA DE ANÁLISE .....	59
4.2. ANÁLISE CERÂMICA .....	63
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>95</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>110</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>112</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>120</b>

## INTRODUÇÃO

Os diversos povos indígenas do Nordeste possuem uma longa e dinâmica história cujas raízes estão enterradas no solo, junto com vestígios de ossos, plantas, rochas lascadas e cerâmicas. Por meio do estudo de suas tecnologias e das escolhas realizadas durante o processo de produção da cerâmica podemos compreender os aspectos do modo de vida desses coletivos indígenas, evidenciando assim, uma história que não se encerra com a chegada do invasor europeu.

É com essa concepção de que “o dinamismo da cultura acompanha o da própria vida” (VIDAL; SILVA, 2011:1) que buscamos compreender, por meio da análise dos elementos que caracterizam a produção, o significado da variabilidade cerâmica produzida no baixo Rio São Francisco e como se manifestam as escolhas dessas populações no modo tradicional de enformar\* a argila, uma vez que o sítio Porto Belo I abarca o período anterior e posterior a chegada do invasor, sendo ocupado até o século XVII.

A cerâmica do complexo de ocupações de Xingó compartilha uma unidade estilística própria com diferenças particulares em cada contexto de ocupação. Essa característica, que a torna única em uma escala ampla e heterogênea dentro do seu contexto, associada à sua profunda temporalidade se configura como um problema arqueológico complexo de difícil compreensão.

A dificuldade em interpretar o contexto arqueológico de Xingó, segundo Fernando Almeida; Thiago Kater (2017:59), pode estar no tipo de abordagem analítica adotada, a qual corresponde ao fato de esta ser vista como um todo heterogêneo, ao invés de conjuntos menores espalhados no tempo e no espaço. Justificando esta proposição, os autores relacionam os vasos rituais do sítio Justino com a cerâmica da Tradição Una, no alto São Francisco e com a cerâmica Itararé-Taquara, da região Sul do País, ressaltando as semelhanças de estilo com essas tradições: paredes finas, antiplástico mineral, pastas escuras, formas simples, bases aplainadas e côncavas.

---

\* O termo “enformar” empregado ao longo do texto é utilizado para conceituar a ação do oleiro, quando este orienta a argila para adquirir determinada forma; exprime o sentido estrito do atribuir forma a argila.

Almeida; Kater (2017:59) consideram que a análise comparativa de subconjuntos de cerâmica da região Nordeste com contextos mais amplos do Sul e Sudeste, associada a antiguidade das datações da região ( $\pm$  4mil anos AP), pode ser usada para se pensar na expansão dos povos Macro-Jê, pelas terras baixas brasileiras, a partir do rio São Francisco.

É com base nesses pressupostos que privilegiamos na pesquisa os trabalhos etnográficos e etnolinguísticos direcionados para povos Macro-Jê e povos de língua desconhecida, intentando um recorte ainda menor, apresentamos somente os que produzem cerâmica.

O principal objetivo da pesquisa é discutir a história indígena do baixo São Francisco por meio das cerâmicas dos sítios Porto Belo I e II. Analisamos a cerâmica buscando compreender as mudanças e permanências tecnológicas que caracterizam as escolhas dos ceramistas. Comparamos os sítios Porto Belo I e II com outros sítios escavados na região e apresentamos os dados históricos e etnográficos. A pesquisa foi estruturada em cinco capítulos e considerações finais.

No capítulo 1, apresentamos as principais áreas do Nordeste com ocupações ceramistas e o desenvolvimento das pesquisas arqueológicas nessas regiões. No capítulo 2 discutimos etnografia e história indígena. No capítulo 3, apresentamos a região de Xingó, descrevemos os sítios e apresentamos as discussões de autores que realizaram estudos na área. No capítulo 4, discorremos sobre a abordagem metodológica usada na pesquisa, descrevemos o material cerâmico e apresentamos os dados de análise. No capítulo 5, discutimos os resultados da análise cerâmica dos sítios Porto Belo I e II dialogando com outros sítios da região. Nas considerações finais apresentamos resumidamente as interpretações e as contribuições dessa pesquisa para os trabalhos futuros.

## **1. ÁREAS ARQUEOLÓGICAS DE POPULAÇÕES CERAMISTAS NO NORDESTE**

Os centros regionais que despontam no cenário da arqueologia do Nordeste compreendem lugares como: Serra da Capivara, no Sudeste do Piauí; região do Seridó, na Paraíba e Rio Grande do Norte; zona do litoral- mata, em Pernambuco; e região de Xingó, em Sergipe e Alagoas.

É conhecido pela etnografia, etnohistória e relatos missionários (NANTES, 1979; RIBEIRO, 1979; MAGALHAES, 2011; POMPEU SOBRINHO, 1937), que as terras circundadas pelos limites acima descritos, como parte do plano expansionista da colônia, foram palco de muitas movimentações de povos indígenas, seja para serem inseridos no sistema de missões ou para fugirem delas. Mesmo considerando o contexto hostil para tais andanças, pode-se pensar nesses roteiros já sendo percorridos por esses povos antes da invasão portuguesa (NANTES, 1979; RIBEIRO, 1979; MAGALHAES, 2011; POMPEU SOBRINHO, 1937).

Na região da Serra da Capivara, no sudoeste do Piauí, as pesquisas arqueológicas tiveram início na década de 1970 pela Missão Franco-Brasileira. Os primeiros estudos foram desenvolvidos no sítio Aldeia da Queimada Nova por Silvia Maranca (1976) do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. Foram evidenciadas nesse sítio 11 grandes manchas escuras, dispostas em círculos em torno de uma praça que indicavam fundos de habitação, dentro do círculo tinham três grandes fogueiras centrais com vestígios de material lítico. Outras duas aldeias escavadas apresentaram essa mesma configuração. A cerâmica, filiada à tradição Tupiguarani apresenta decoração pintada, corrugada, corrugada/ungulada, e roletada com alisamento interno, a técnica usada é a acordelada e o antiplástico varia de acordo com o tipo de tratamento de superfície, cerâmica corrugada tem como antiplástico areia grossa e cerâmica pintada areia fina. As vasilhas apresentam tamanhos que variam de 10cm a 60cm de diâmetro com bordas extrovertidas, introvertidas e diretas (Martin, 2005:218) (Figura 2).

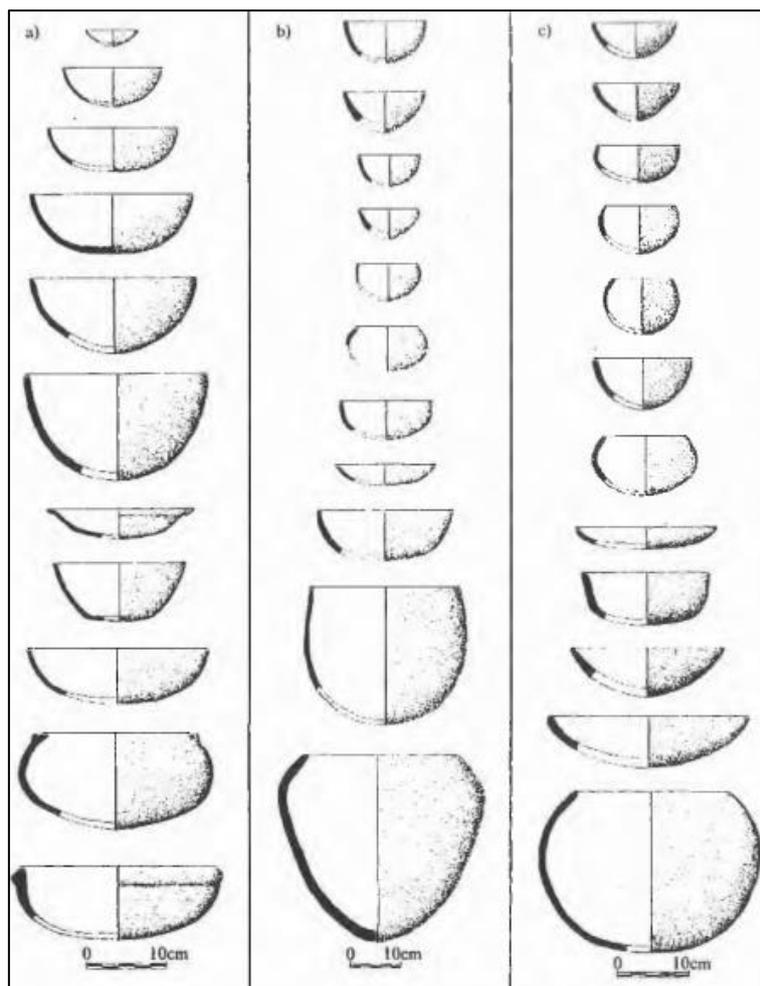


Figura 2 – Formas da cerâmica de São Raimundo Nonato- PI: a) Baixão da Serra Nova; b) Aldeia da Queimada Nova; c) Aldeia de Barreirinho. Fonte: Martin, 2005.

As pesquisas na região continuaram entre os anos de 1970 e 1980, em sítios a céu aberto e áreas abrigadas revelando diversidade tecnológica e cronológica (LUNA, 2006:168). Na década de 1990, escavações no abrigo Toca do Sítio do Meio revelaram datações com mais de 8 mil anos A.P, uma data extraordinária considerando que as ocupações ceramistas mais antigas do Nordeste datam de aproximadamente 5.000 anos A.P (GUIDON; PESSIS, 1993; GUIDON, 1994-1995). Tal antiguidade passou a ser comum nos sítios da Serra da Capivara, principalmente em sítios sob abrigos (PESSIS, 2000; LUNA, 2006).

Na costa do Rio Grande do Norte, as pesquisas tiveram início da década de 1960 com o PRONAPA. Durante o desenvolvimento do programa, Nasser (1967, 1971, 1974) classificou a cerâmica dos sítios dunares em duas fases: Curimataú, da tradição

Tupiguarani, filiada a sub-tradição Pintada e a fase Papeba, não filiada a nenhuma tradição.

Em 1994, o projeto “O homem das dunas” possibilitou um mapeamento e levantamento de 16 sítios no ecossistema litorâneo, dez deles com cerâmica em superfície (Albuquerque e Spencer, 1994). Os vestígios cerâmicos foram atribuídos à tradição Tupiguarani, bem como à uma cerâmica desconhecida (LUNA, 2006:172-173).

Em Pernambuco, na Zona Mata Litorânea, dezenas de sítios arqueológicos foram filiados à tradição Tupiguarani, atribuídos as seguintes fases (ALBUQUERQUE, 1991) (Quadro 1).

Quadro 1- Fases arqueológicas da zona da mata e litoral pernambucano.

	FASE	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS DA CERÂMICA	CRONOLOGIA
Tradição Tupiguarani	Tejucupaço	Litoral; mangue; ilhas	Pintada	Sem cronologia
	Itapacurá	Restinga	Pintada	Primeira metade do sec. XVI
	Quipapá	?	?	Sem cronologia
	Capabaribe	Zona da mata	Sem decoração ou pouco decorada	2130 ± 400 AP
	Cangaçá	Zona da mata		510 ± 150 AP

Fonte: Luna, 2006; Martin, 2000.

Ainda na zona mata, entre os estados de Pernambuco e Alagoas, o Projeto de Salvamento Arqueológico do Gasoduto Pilar cadastrou cerca de vinte sítios arqueológicos, classificados como aldeias a céu aberto (LIMA, 2006). Nessa faixa de zona florestada os vestígios cerâmicos e líticos afloravam em superfície. Com base em observações realizadas ainda em campo, Luna (2006:174) acredita que esses possam ser dois conjuntos, um pertencente à tradição Tupiguarani e um outro, não filiada a nenhuma tradição.

No semiárido Pernambucano, vertente sul da Chapada do Araripe, a cerâmica da tradição Tupiguarani também foi classificada em duas fases: a fase Croatá (510 ± 150 AP) e a fase Araripe (340 ± 150 AP) (ALBUQUERQUE, op. cit.) (Quadro 2). Todavia, o material dos sítios de Araripina, associado à tradição Tupiguarani também aparece, nas publicações, vinculado a tradições regionais (SENA, 2007:77).

Essa contradição encontrada na bibliografia, segundo Karla Sena (2007:77), é reflexo da “problemática arqueológica levantada naquele momento, a qual corresponde

ao fato desses sítios estarem assentados em áreas semiáridas, em oposição as áreas previamente definidas como favoráveis para ocupação desses grupos”.

Quadro 2- Fases arqueológicas do semi-árido pernambucano.

	<b>FASE</b>	<b>LOCALIZAÇÃO</b>	<b>DECORAÇÃO</b>	<b>CRONOLOGIAS</b>
<b>Tradição Tupi-guarani</b>	Araripe	Semiárido	Pintada; unzulada; borda talhada e ponteada	1610 A.D.
	Croatá	Brejo de altura ou semi-árido	Pintada e plástica	Sem cronologia

Fonte: Luna, 2006; Martin, 2000.

Essa configuração muda o paradigma da arqueologia usado para explicar a existência de sítios cerâmicos no semiárido Nordeste: Acreditava-se que as populações ceramistas dessa região, teriam adentrado no sertão por força de expulsão do litoral, pelos Tupi, e que estes também teriam sido expulsos do litoral pelos invasores portugueses. Contudo, os dados arqueológicos demonstraram contextos cerâmicos filiados a tradição Tupiguarani que antecede a invasão (LUNA, 2006:199).

Diante dessa contradição, superada na arqueologia, pois é consenso entre os pesquisadores a presença de povos Tupi-Guarani no semiárido, corroborada com o registro arqueológico que confere essa ocorrência anterior a invasão, apresentamos um quadro com as principais características tecnológicas dessa cerâmica (Quadro 3); os tipos de formas (Figura 3); e os tipos de motivos (Figura 4) encontrados no semiárido Pernambuco.

Quadro 3 - Características da cerâmica do semiárido pernambucano.

<b>CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS</b>	<b>FORMAS</b>	<b>DECORAÇÃO</b>
Apresenta tamanhos variados; tratamento de superfície alisados e pintados; técnicas de manufatura acordelada, modelada, acordelada/modelada na mesma peça; pasta compacta com boa distribuição de antiplástico.	Forma ovoide para as vasilhas pequenas, mas não excluindo ocorrência do tipo cônica; pratos abertos; painelas fundas cônicas e esféricas	Ungulado; escovado; borda talhada e borda ponteada; perfurações próximas a borda em alguns vasilhames; decoração pintada na cor; cinza, preto, marrom vermelha, vermelho sobre engobo branco; e aplique zoomorfo

Fonte: Sena, 2007; Martin, 1998; Nascimento, 1990; Albuquerque, 1991.

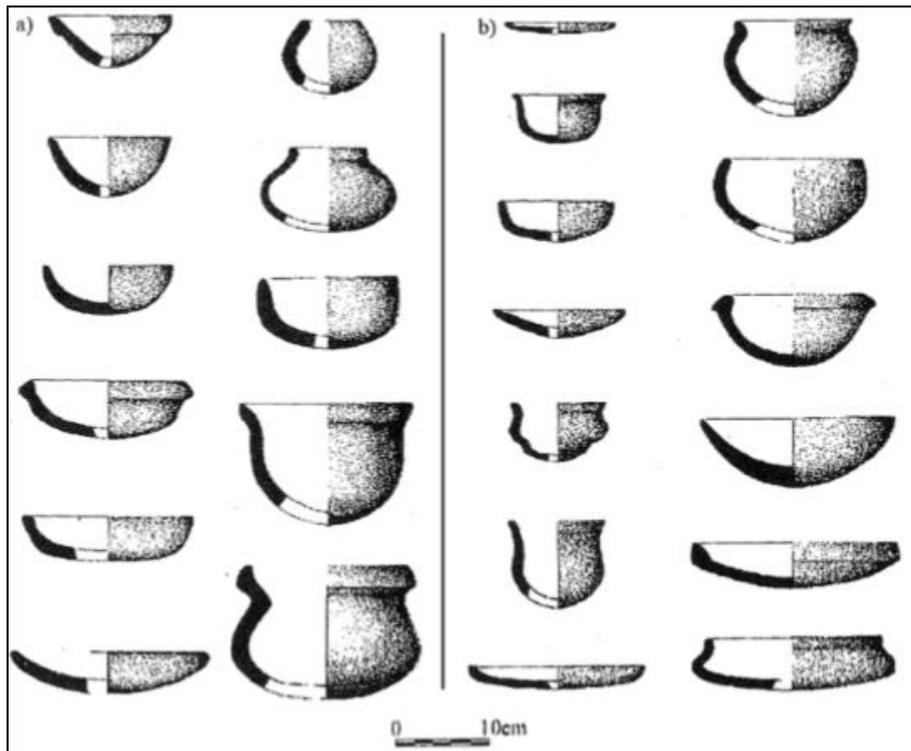


Figura 3- Formas cerâmica dos sítios do semiárido e zona da mata Pernambucano. a) Sítio aldeia do Baião, Araripina-PE; b) Sítio Aldeia Sinal Verde, São Lourenço da Mata- PE. Fonte: adaptado de Martin, 2000.

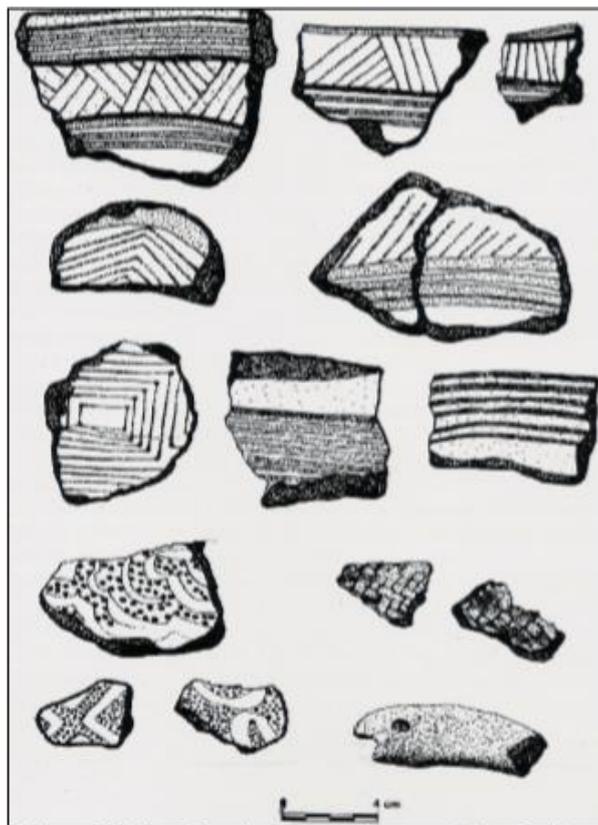


Figura 4 - Motivos da cerâmica do Sítio Aldeia do Baião, semiárido Pernambucano. Fonte Martin, 2000.

Todavia, mesmo com evidências arqueológicas Tupiguarani no interior que precede a invasão, é importante salientar que as tradições ligadas aos Tupi-Guarani estão ligadas mais ao litoral. Em contraponto, os Jê e os Kariri, são relacionados na etnografia, ao interior.

Saindo do contexto do semiárido e nos aproximando mais da área de estudo dessa pesquisa, apresentamos a seguir os trabalhos realizados na região do São Francisco. Em sua maioria, são pesquisas provenientes de demandas da Arqueologia Preventiva. Ao todo, foram efetuados três projetos de salvamento arqueológico durante a implementação de usinas hidrelétricas: Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico (1970), Projeto Itaparica de Salvamento arqueológico (1980) e Projeto Arqueológico de Xingó (1990) (LUNA, 2006:177).

### **1.1. ARQUEOLOGIA NO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO**

Os primeiros estudos na região do Sub-médio São Francisco aconteceram na década de 1930, na Gruta do Padre. Esse abrigo teve três fases de escavações: a primeira, realizada por Carlos Estevão (1930), a segunda por, Valentin Calderón (1960) e a terceira, realizada por Gabriela Martin (1980), durante à execução do Projeto Itaparica de Salvamento arqueológico (LUNA, 2006).

A Gruta do Padre é um dos sítios mais importantes da região Nordeste, foi nesse sítio que Calderón estabeleceu um horizonte lítico denominado de tradição Itaparica. Os sítios pertencentes a essa tradição foram localizados no vale do São Francisco, áreas de Serra Geral, Central, Sobradinho e Itaparica. O sítio teve duas fases de ocupação, subdividida em dois períodos (LUNA, 2006:178; MARTIN, 2000).

Na primeira fase o sítio foi ocupado entre 7000 e 4500 AP. O material lítico desse período é de fino acabamento, como raspadores unifaciais plano-convexos retocados e lâminas retocadas em sílex e calcedônia. A ocupação do segundo período, entre 4000 e 2500 AP, é caracterizada por instrumentos com pouco refino, são maiores com pouco ou nenhum retoque, muitos deles lascados com seixos da própria gruta (LUNA, 2006:178; MARTIN, 2000: 125 a 127).

A segunda fase de ocupação do sítio aconteceu aproximadamente 2000 anos AP, quando a gruta é utilizada como um espaço de práticas rituais. Os corpos, queimados nos

rituais funerários estavam acompanhados por um enxoval composto por contas de colar de conchas de ossos, plaquetas de conchas, dentes humanos ou de animais perfurados e restos de tecidos (LUNA:2006). Associada a esse período está também uma urna, pequena, piriforme, medindo 13cm de altura e 21 de diâmetro (MARTIN 2000:211).

Durante o desenvolvimento do PRONAPA Calderón realizou pesquisas arqueológicas em Pernambuco, Sergipe, e Bahia, que possibilitaram o estabelecimento, para a cerâmica, da tradição Aratu (Quadro 5). Uma tradição considerada de ampla dispersão, porém não apresenta a localização de sua ocorrência bem delineada. Na região do São Francisco ele registrou duas fases: Cabrobó e Curaçá (Quadro 5).

Na década de 1970 foi executado o Projeto Sobradinho de Salvamento arqueológico, a área impactada corresponde a municípios das duas margens do rio, na Bahia, desde Juazeiro até Xique-Xique, em Pernambuco, de Casa Nova a Pilão Arcado. Calderón, que supervisionou o projeto, usou a mesma metodologia adotada pelo PRONAPA (LUNA: 2006:188).

Foram 19 sítios identificados, a maioria com cerâmica em superfície. O sítio Américo Alves não teve ocorrência de cerâmica em superfície, contudo foram encontradas duas urnas funerárias com presença de cinzas, fragmentos de ossos e de cerâmica, e duas lâminas de machado (LUNA 2006:188)

O segundo projeto de salvamento arqueológico executado na região do Sub-médio São Francisco foi o de Itaparica em 1980. O projeto foi coordenado por Pedro Agostinho, na margem baiana, e Gabriela Martin, na margem Pernambucana. Na margem baiana foram identificados sítios habitação e/ou cemitérios em áreas de dunas fluviais denominados de “complexos dunares” (ETCHEVARNE, 1991). O material cerâmico desses sítios apresenta as seguintes características (Quadro 4):

Quadro 4- Características da cerâmica dos sítios dunares, Sub-médio São Francisco

<b>CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS</b>	<b>FORMA</b>	<b>DECORAÇÃO</b>
Manufatura acordelada; antiplástico areia fina e grossa; queima total ou parcial; tratamento de superfície alisado	Tigelas; panelas; pratos; assadores; cachimbos tubulares pisciformes	Decoração plástica incisa, roletada, corrugada, escovada, excisa, ponteadas; decoração pintada nas cores vermelho e preto.

Fonte: LUNA, 2006.

O sítio de Dunas de Sorobabel, onde foram evidenciadas dez sepulturas, foi datado fornecendo uma cronologia de 860 anos AP. Nesse sítio foram resgatadas quatro urnas funerárias. A partir de prospecções na área outras três urnas foram encontradas com presença de “restos ósseos humanos, enterramento calcinado, conchas bivalves, pingentes e contas de colar em osso e vidro, fragmentos de cerâmica e peso de cerâmica” (LUNA, 2006:192). A cerâmica desse sítio foi filiada por Martin a Cerâmica Cabrobó.

Na margem Pernambucana, foram poucos os dados sobre a cerâmica, a maioria dos vestígios são de sítios líticos e sítios de arte rupestre, ambos associados a grupos caçadores-coletores (LUNA, 1992:192).

O terceiro projeto de salvamento arqueológico será apresentado a seguir com uma descrição mais detalhada. Essa área de intervenção está localizada no baixo São Francisco e corresponde a área de estudo dessa pesquisa.

## **1.2. ARQUEOLOGIA NO BAIXO SÃO FRANCISCO**

As pesquisas sistemáticas da região do baixo São Francisco tiveram início no final da década de 1980 por meio de uma demanda empreendida pela Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF), foi implementado o projeto de construção da usina hidrelétrica de Xingó.

Firmou-se um convênio entre a CHESF e a UFS para o desenvolvimento do projeto que tinha o intuito de resgatar o material arqueológico proveniente dos sítios localizados na área afetada pela construção da usina. A área inundada abrange um total de 54 km das margens do rio São Francisco AL/SE. O salvamento arqueológico também seria realizado na margem alagoana, sob a responsabilidade da UFAL, em convênio firmado com a UFS. Após o resgate do material, em 1994, a barragem foi fechada e a área inundada. De acordo com as informações contidas no relatório final do Projeto Arqueológico de Xingó- PAX, foi recuperado o material arqueológico de 41 sítios localizados nos terraços e documentados os registros rupestres de 15 abrigos identificados no cânion do rio.

As pesquisas tiveram muitos desdobramentos e passaram por várias etapas. Em 1995 teve início uma nova fase do projeto que também consistiu em prospecções, sondagens e escavação sistemática, em uma área que teve como limite a jusante da

barragem até a foz do rio São Francisco. Os sítios Porto Belo I, II e VI, juntamente com os demais sítios localizados à montante da barragem, foram escavados na primeira etapa do projeto e inundados após o fechamento da barragem.

No âmbito geral, o projeto possibilitou a identificação de vários sítios arqueológicos com presença de cultura material que antecede a invasão portuguesa em toda a região do Baixo São Francisco. Os sítios com vestígios de atividades humanas classificados como sítio acampamento, habitação e cemitério apresentaram material lítico, cerâmico, material bioarqueológico, registros rupestres, além de vestígios com presença de louça, metal, vidro. Mesmo com as pesquisas realizadas na década de 1990 pelo Projeto Arqueológico de Xingó, poucas são as informações sobre a tecnologia cerâmica dessas populações.

Depois de mais de duas décadas, desde o resgate do material, poucos foram os sítios que tiveram suas coleções cerâmicas analisadas, dentre eles o sítio Justino, São José, Curitiba I, Vitória Régia I e II, Barracão e Cipó (DANTAS et al. 2006; VERGNE et al, 2006; LUNA, 2001; SCHUSTER, 2018; DANTAS, 2018; ALCÂNTARA, 2019; BASTOS, 2019; PAIVA, 2019).

A ênfase das pesquisas recaiu sobre sítio Justino. A popularidade desse sítio deve-se ao seu contexto e sua antiguidade. Por tratar-se de um sítio cemitério com aproximadamente 150 sepultamentos humanos resgatados, cuja datação mais antiga chega a aproximadamente 9000 anos AP, as pesquisas bioarqueológicas se sobressaíram na região.

No ano de 2016 foi iniciado um novo projeto para a região: **Do Sertão para o Mar: a Fluides de Pessoas, Ideias e Estilos Tecnológicos na História das Populações Ceramistas do Baixo São Francisco (AL/SE)\***. O principal objetivo do projeto é compreender a história das sociedades ceramista da região. Realizaram-se atividades de prospecções, e a escavações dos sítios Barragem, localizado na margem alagoana e Mundo Novo, onde estão localizados os sítios com presença de registros rupestres. Outra atividade tem sido a retomada dos materiais provenientes de sítios escavados pelo PAX na década de 1990 (PAIVA, 2019; SCHUSTER, 2018).

---

\* Coordenado por Fernando Ozório de Almeida e Daniela Klökler, docentes do Departamento de Arqueologia, da Universidade Federal de Sergipe.

O presente trabalho é parte integrante deste projeto e se dedicou à análise da cerâmica dos sítios Porto Belo I e II.

A cerâmica de Xingó tem uma das datações mais antigas do Brasil, aproximadamente 5 mil anos AP. Essa característica muda o paradigma da arqueologia usado para explicar a existência de sítios cerâmicos no semi-árido Nordeste: Acreditava-se que as populações ceramistas dessa região, teriam adentrado no sertão por força de expulsão do litoral pelos Tupi. Contudo, os dados arqueológicos demonstraram contextos cerâmicos filiados a tradição Tupiguarani que antecede a invasão (LUNA, 2006:199).

Apresentamos as características da cerâmica de Xingó, porém ressaltamos que não estão inclusas as recentes análises realizadas nos sítios da região, inclusive as análises desta pesquisa, de forma que não compõe um quadro geral das características da indústria cerâmica de Xingó (Quadro 5).

Quadro 5- Características da cerâmica de Xingó.

<b>CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS</b>	<b>FORMA</b>	<b>DECORAÇÃO</b>
Manufatura acordelada e/ou modelada; antiplástico areia; queima redutora; paredes escuras	Urnas funerárias e cerâmicas associadas a enterramentos; presença de cachimbos	Decorações plásticas incisas e escovadas (observadas em sua maioria em níveis mais profundos); corrugadas

Fonte: LUNA, 2006.

De posse de todas as informações sintetizadas neste capítulo, sobre as principais áreas de populações ceramistas do Nordeste, elaboramos um quadro com as informações das fases e tradições definidas para a região (Quadro 6).

Quadro 6- Levantamento das principais fases e tradições do Nordeste

<b>FASE/ FILIAÇÃO</b>	<b>CARACTERÍSTICAS DA CERÂMICA</b>	<b>LOCALIZAÇÃO</b>	<b>FORMAS</b>
<b>Tradição Aratu</b>	Manufatura acordelada; superfície alisada com engobo de grafite; sem decoração	Faixa litorânea da Bahia ao Espírito Santo; interior baiano; e depressão do São Francisco.	Globulares; semiesféricas com bordas onduladas; urnas piriformes; cachimbos tubulares.

<b>Tradição Tupiguarani</b>	Manufatura acordelada; corrugada, escovada ou policroma; linhas geométricas vermelha, marrom ou cinza; engobo branco ou creme; antiplástico caco moído		Abertas; bases planas; cachimbos tubulares e angulares; urnas
<b>Fase Curaçá</b>	Cerâmica associada a enterramentos; antiplástico areia grossa.	Região sanfranciscana (PE)	Tigelas e cachimbos em forma de peixe
<b>Fase Cabrobó</b>	Manufatura acordelada; antiplástico areia fina, areia grossa, areia e mica; Tratamento de superfície alisado, polido, corrugado, acanalado, espatulado e ungulado;	Sub-médio São Francisco	Tigelas e panelas, globulares com bordas simples, introvertidas, diretas ou extrovertidas e lábios apontados ou biselados

Fonte: Luna, 2006; Martin, 2000.

Os sítios de contexto cerâmico do Nordeste apresentados aqui, representam uma parcela muito pequena, diante dos sítios não localizados na região. Reconhecemos que as pesquisas realizadas nesses sítios, utilizando abordagens próprias de cada época, buscaram acompanhar o desenvolvimento da arqueologia, ao passo que, construíram uma base para a compreensão dos ceramistas da região.

O que sabemos sobre os ceramistas que habitaram o sertão, o litoral, a zona da mata e as margens do rio, é que nenhum lugar apresenta peculiaridades suficientes que impossibilite o desenvolvimento de práticas coletivas e o compartilhamento de experiências, mesmo existindo lugares preferencias para conviverem- margens de rio, irão encontrar em lugares não muito convidativos- semiárido, uma maneira de se relacionar com as condições que lhes forem apresentadas e significarão esses lugares dentro do seu contexto social-simbólico.

## 2. O RIO SÃO FRANCISCO E SUAS GENTES

“O sertanejo é, antes de tudo, um índio”.

Rondinelli Medeiros

A relação que povos indígenas possuem com os rios é destacada em muitos trabalhos etnográficos. *Nimuendaju* (1942) elaborou o mapa etnohistórico tendo como referência básica a hidrografia (BARBOSA, 1981:24). Ao longo do rio São Francisco *Nimuendaju* (1942) mapeou uma série de coletivos, como os Chocó, Romari, Carapotó, Aramuru, Aconã, Uruma, Huamoi, Pankararu, Proca, Dzubukuá, Caripó, Pontá, Massacará, Tamanouim, Tupinambá, etc (Figura 5).

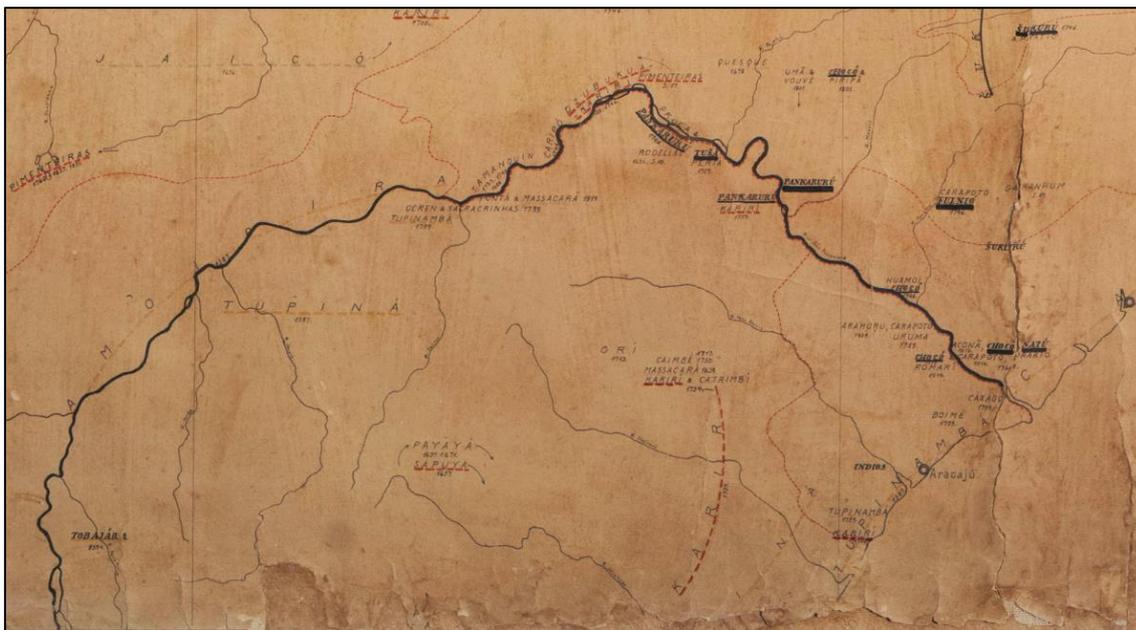


Figura 5 - Localização de etnias ao longo do rio São Francisco. Fonte: Nimuendaju, 1944.

O rio São Francisco, conhecido pelos índios Tupi como Opará, se revelou aos europeus em 1501, quando o geógrafo Américo Vespúcio chegou a essas paragens. Tornou-se objeto de exploração dos portugueses tempos depois (HOHENTHAL, 1960:37).

No século XIX, HALFELD (1860) na obra “Atlas e relatório concernentes à exploração do rio São Francisco desde a Cachoeira de Pirapora até o oceano Atlântico,” faz uma descrição detalhada das movimentações comerciais existentes no rio São

Francisco. Na sua viagem exploratória as distâncias são medidas por léguas, em cada uma delas é realizada uma descrição do rio, da paisagem, e do comércio. Esse trabalho permitiu o mapeamento de algumas localidades com produção de cerâmica ao longo do rio e as áreas de comércio. Na légua 6 Halfeld (1960) conta que é o comércio com Pitangui, Curvelo, Sabará e Distrito Diamantino, bem como do Rio de S. Francisco abaixo, que dá vida a população localizada nessa légua. Segundo foi informado, o comércio era bem maior em tempos anteriores. Os produtos negociados ao longo do curso do rio consistiam em milho, farinha de mandioca e de milho, feijão preto e amarelo, café, rapadura e açúcar, algodão em rama e tecido, toucinho, carne e peixe seco, queijos, fumo, arroz e amendoim, sabão, aguardente, sal, taboado, louça da terra, panelas de pedra.

Na légua 180, na Ilha do Miradouro, Halfeld (1960) chama a atenção para algumas olarias e muitas casas dispersas sobre a ilha. Em Penedo, na légua 374, as informações apontam para o trabalho em olarias, onde é produzido, em pouca quantidade, tijolo, telha e louça grossa, particularmente talhas grandes de guardar água. Nessa localidade do São Francisco não há quem faça a louça vidrada, vindo esta de Sergipe.

Segundo Almeida e Klökler (2016), o rio sempre foi uma conexão entre o litoral e o interior e propiciou a interação dos povos pré-coloniais, estabelecidas por relações comerciais, rituais ou de conflito. Vestígios líticos, cerâmicos e enterramentos nos terraços margeados do rio São Francisco nos dão indícios dessas movimentações.

Presentemente, alguns povos indígenas seguem ocupando as margens do baixo curso do rio, como os Kariri e os Xocó. Outros povos estão espalhados pelo interior, alguns deles às margens dos afluentes do rio, outros em sertões mais distantes. Nesse capítulo vamos revisitar a história desses povos.

## **2.1. HISTÓRIA INDÍGENA**

As incursões pelos sertões se deram justamente pelos rios, primeiro devastaram a bacia do rio São Francisco, passando a do rio Parnaíba, do Piauí, rio Itapecuru, do Maranhão e a do rio Piranhas na Paraíba. À medida que galgavam terras para criar gados, escravizavam índios e fundavam missões (POMPEU SOBRINHO, 1993).

A história das missões para tornar os índios civilizados teve início na Bahia com os missionários jesuítas. O ajuntamento de índios em uma área, mais conhecido como

aldeamento, foi desenvolvido nos moldes do pensamento religioso, introduzindo-os em novas práticas religiosas e de trabalho, numa concordância de interesses políticos entre igreja e colônia. (MAGALHÃES, 2011)

Na segunda metade do século XVII, nas missões em Pernambuco, o padre Martinho de Nantes relata o seu trânsito pelas aldeias cariris até a sua chegada as margens do São Francisco.

(...) fiquei somente oito meses nessa aldeia com padre Teodoro, mas tendo sabido desses mesmo índios um dos quais falava alguma coisa de português, que havia no rio S. Francisco uma grande quantidade de aldeias de sua mesma nação, resolvi transferir-me para lá (...) acompanhado de um jovem índio de cerca de quinze anos que havia desejado seguir-me, em parte induzido pela curiosidade de ver os cariris dessa outra região (NANTES, 1979).

Além do domínio ideológico administrado pela igreja o processo intrusivo de ocupação territorial do Nordeste teve a atividade pastoril como recurso de dominação indígena.

Deste modo constituía-se a fronteira de expansão pastoril, que, em menos de dois séculos ocupava todo o Nordeste. Aqui não se tratava de simples andanças para prear índios, como as bandeiras que cobriam áreas muito superiores, mas da ocupação efetiva da terra. Ocorre que estes campos constituíam o habitat de diversos povos indígenas, alguns dos quais contavam com uma cultura altamente especializada à vida nessas regiões áridas que lhes permitia tirar a subsistência dos poucos recursos que elas ofereciam. (RIBEIRO, 1922, p.50)

A história de usurpação de territórios indígenas é marcada pela resistência. Nos primeiros séculos, alguns povos indígenas aliaram-se aos franceses e holandeses contra os portugueses na disputa pelo domínio da terra. Depois de consolidada a conquista lusitana, continuaram resistindo, alguns tornaram-se posse junto com suas terras, sendo submetidos a um dono, “ilhados entre currais” tendo que defendê-las não só dos índios, mas de outros criadores (RIBEIRO, 1922, p.51).

O programa de povoamento dos sertões foi executado “sem dó nem piedade”, no início do século XVIII, o sertão já estava densamente povoado.

O povoamento seguiu de tal maneira, que, já em 1725 o rio Jaguaribe, a maior arteria fluvial do Ceará, estava conhecido e bastante habitado da barra às cabeceiras, nos altos sertões dos Inhamuns, o mesmo se dava com seus principais afluentes, inclusive o rio Salgado primitivamente chamado Jaguaribe-mirim. Os colonizadores do vale do Cariri não pertencem ao ciclo baiano, porém ao ciclo pernambucano, o que não

impede que gente oriunda da Baía ou de ou de Sergipe, pelo riacho da Brígida, haja alcançado terras cearenses e nela se tenha instalado. Estes colonos; porém, eram pessoas que, por diversos motivos, tinham interesse de fugir dos seus penantes e procurar invios abrigos no recesso dos sertões longínquos. Com o tempo cria a família, unindo-se as índias, que eram boas mães, alguns havia deixado parentes na Baía e, com a prosperidade da situação que exploravam e mais tarde legalizavam, mandavam notícias sua e até faziam vir alguns, os mais chegados, que ao seu lado também prosperavam. (POMPEU SOBRINHO, 1937, p.134)

As ações indígenas, tanto no passado quanto no presente, são explicadas, de acordo com Oliveira (2016:7), a partir de representações distorcidas e estigmatizantes. Oliveira considera que os povos indígenas do Nordeste não foram interesse de estudo etnológico por serem considerados povos que perderam os elementos tradicionais que os caracterizam culturalmente e por estarem integradas a sociedade nacional.

O rótulo acadêmico “invenção” já sugere, segundo Sahlins (2004:5), artifício, mas não nos preocupemos com a impressão que o termo causa, o que evidenciamos aqui são as narrativas históricas, e sobre isso importo sua provocação para a temática indígena do Nordeste: “(...) a literatura antropológica transmite, com demasiada frequência, a impressão de um passado meio falsificado, improvisado para fins políticos, que provavelmente deve mais a forças imperialistas que a fontes indígenas.” Curiosamente a invenção de tradições funciona para a cultura não indígena, mas quando a imersão no passado em busca das raízes e costumes tradicionais é uma reivindicação indígena, mudam-se os termos: segundo Sahlins (2004:6), o que seria para os europeus um “renascimento cultural genuíno”, para outros povos é “signo de decadência cultural, uma recuperação factícia, que não pode produzir senão simulacros de um passado morto”.

É coisa sabida que a partir da invasão, os povos indígenas foram confrontados com uma cultura totalmente diferente da sua, onde tanto os europeus quanto os povos indígenas tiveram que reformular suas concepções de mundo para inserir “o outro” em sua cosmologia (TOSSIN, 2017:56). No entanto, é sabido também que relações interculturais já existiam, a denominação de “índio”, atribuído pelos europeus às populações que aqui encontraram, não serve para designar uma unidade, não no sentido de constituir um único povo (MELATTI 2007:32). O território era habitado por uma multiplicidade de etnias que viviam em contato (e nesse caso específico, consideramos que a palavra contato possa ser usada sem restrições).

Na construção do discurso histórico a manipulação implícita assume várias formas e de modo irreflexivo, perpetua-se nas narrativas. A própria palavra “contato” quando usada de forma genérica para designar o período de encontro entre indígenas e portugueses, ao nosso ver, não passa de um eufemismo. Vale ressaltar que o termo anteriormente usado era “descobrimento”, o que segundo Oliveira (2016:48), é equívoco e inaplicável. Pode-se considerar que tanto contato quanto descobrimento são palavras usadas para naturalizar as relações desse período. De acordo com Oliveira (2016:48) essa narrativa não foi forjada no período da invasão, ela é produto do Segundo Império e do evolucionismo do século XIX. Certamente, não seria apropriado para a construção de uma memória coletiva da nação referir-se a esses tempos como o período da invasão ou ainda, usar-se de qualquer outro termo que apontasse a ilegítima, cruel e dizimadora posse de territórios e corpos. Entretanto, nenhum termo será apropriado se não for acompanhado de uma profunda crítica ao “sistema de verdades” da narrativa convencional (OLIVEIRA, 2016:48).

Há dois lugares destinados aos indígenas nessa narrativa, ambos lugares de ausência: no primeiro, a existência indígena antecede ao Brasil, sua extinção é certa devendo ser estudados e compreendidos antes que desapareçam, “a superioridade tecnológica e militar dos colonizadores, as violências e epidemias dariam conta de explicar a sua extinção” (OLIVEIRA, 2016:47-48). No segundo, os povos indígenas existem, mas a história da sua existência só existe mediante a colonização, dito de outro modo, a sua história só é considerada em relação a história europeia (TOSSIN, 2017:61). Nas duas perspectivas é negada a agência dos povos indígenas ou no melhor dos casos, são apresentados como agentes passivos de sua própria história.

É na fundação da nação que o mecanismo de exclusão indígena é posto em prática e é nesse contexto, “sob o fascínio de uma aparente harmonia e integração mais profunda, quase vegetal, com o meio ambiente, que coloca em operação a produção de um efeito de esquecimento” (OLIVEIRA, 2016:97).

De caráter evolutivo, moldado dentro das teorias antropológicas do século XIX, destacamos aqui a mais caprichosa dicotomia posta para a diferenciação cultural: selvagem/civilizado. Ser civilizado pressupõe ser possuidor de determinadas características e seguir um padrão de comportamento.

Tossin (2017: 18), ao analisar os sentidos historicamente construídos dos conceitos de civilizado e selvagem, afirma que ao recriar na América a oposição que

construiu a identidade do selvagem e civilizado, o europeu reivindicou para si um espaço de enunciação e um lugar social.

Só que esses espaços não são permanentes, eles precisam ser recriados e os papéis sociais assumidos à medida que as sociedades se modificam. Um exemplo mais recente é a oposição caboclo/português, onde os povos indígenas são tidos como povos aculturados, misturados, povos sem cultura.

No campo da antropologia citamos o exemplo de uma etnografia produzida por Bandeira (1972) sobre os Kariris de Mirandela. Em nenhum momento Bandeira utiliza o termo indígena ou índio ao se referir aos Kariris de Mirandela, com exceção do título. A autora fundamenta sua justificativa na dicotomia portugueses ou civilizados e índios ou caboclos, utilizada pela própria população ao definirem uns aos outros. Buscando manter a fidelidade do termo de diferenciação usado pela população, Bandeira se vale da dicotomia caboclo/português. Classificação essa, difícil de ser realizada, já que na sua concepção, ambas as denominações se referem a populações mestiças que se diferenciam apenas na sua origem. A autora não se atentou que os povos indígenas de Mirandela não se autodenominavam caboclos, esse termo era usado pelos povos não indígenas como instrumento de inferiorização e para assegurar seu espaço na sociedade.

Dessa forma, observamos que os conceitos de diferenciação cultural historicamente construídos implica em um primeiro momento na subtração da humanidade dos povos indígenas e em um momento mais recente na anulação de sua identidade.

## **2.2. POVOS MACRO-JÊ E POVOS SEM FILIAÇÃO LINGUÍSTICAS**

Dois dialetos da língua Cariri foram registrados no século XVII. O capuchinho Bernard de Nantes (1709) registrou com um catecismo o dialeto Dzubukuá das ilhas do médio São Francisco, na fronteira da Bahia com Pernambuco. O jesuíta Luís V. Mamiani, registrou com uma gramática (1699) e com um catecismo (1698) o dialeto Kipeá ou Kiriri de Jeru, no Sul de Sergipe (RODRIGUES, 1972:4035; POMPEU SOBRINHO, 1937).

Da classificação das famílias linguísticas do tronco Macro-Jê de Aryon Rodrigues (1972), destacamos dentro da região Nordeste, as famílias linguísticas dos Cariris, Maxakalí, Kamakã e Funiô e Karnijó (Quadro 7).

Quadro 7- Classificação das Famílias linguísticas do tronco Macro-Jê. Fonte: Aryon Rodrigues

<b>Jê</b>		<b>Bororo</b>	
1.Timbíra	16.kubén-kragnotíre	1.Borôro	8.Krenák
2.Canela (ramkókamekra)	17.Mentuktíre (txukahamãi)	2.Umouna	9.Nakrehá
3.Krikau	18.Kayapó do Sul	3.Botocudo	10.Iatê (fulniô, karnijó)
4.Tajé	19.Suyá	4.Krekmún	11.Ofayé (opayé)
5.Krenjé (krem-yé)	20.Akwên	5.Naknanúk	12.Karajá
6 Apiriyé	21.Xavante	6.Djiporóka,bakuên	13.Javaé
7.Krahó	22.Xerênte;	7.Pojitxá	14.Guató
8.Gavião do Tocantins;	23.Xikriabá		
9.Apâniekra (aponejikrã)	24.Kaingáng		
10.Kayapó	25.Kaingáng do Norte		
11.Kradaú	26.Kaingáng central		
12.Xikrín	27.Kaingáng do Sul		
13.Dióre	28.Xokléng (xokrên, botocudo de Santa Catarina)		
14.Gorotíre	29.Jeikó		
15.Kubén-kran- kegn			
<b>Kamakã</b>	<b>Maxakalí</b>	<b>Coroado</b>	<b>Cariri</b>
1.Kamakã	1.Maxakalí	1.Coroado	1.Kirirí,
2.Mongõyo	2.Makoní	2.Purí	2.Kipeá,
3.Kotoxó (kutaxó)	3.Monoxõ	3.Koropõ	3.Dzubukuá;
4.Meniên	4.Kapoxó		4.Sabuyá.
5.Masakará	5.Pataxó		
	6.Malalí		

Eduardo Galvão (1960) estipulou um limite temporal que vai de 1900 a 1950 para classificar os povos indígenas em áreas culturais, na sua análise o território brasileiro foi dividido em onze grandes áreas (Figura 6). A área cultural Nordeste foi delimitada com uma faixa entre o rio São Francisco e o litoral, compreendendo os estados de Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia e Minas Gerais. Estão também inseridos nessa área os grupos ceramista, Pankararú, Atikum, Xocó, Tuxá e Xucururú, todos com filiação linguística não classificada (Figura 5).

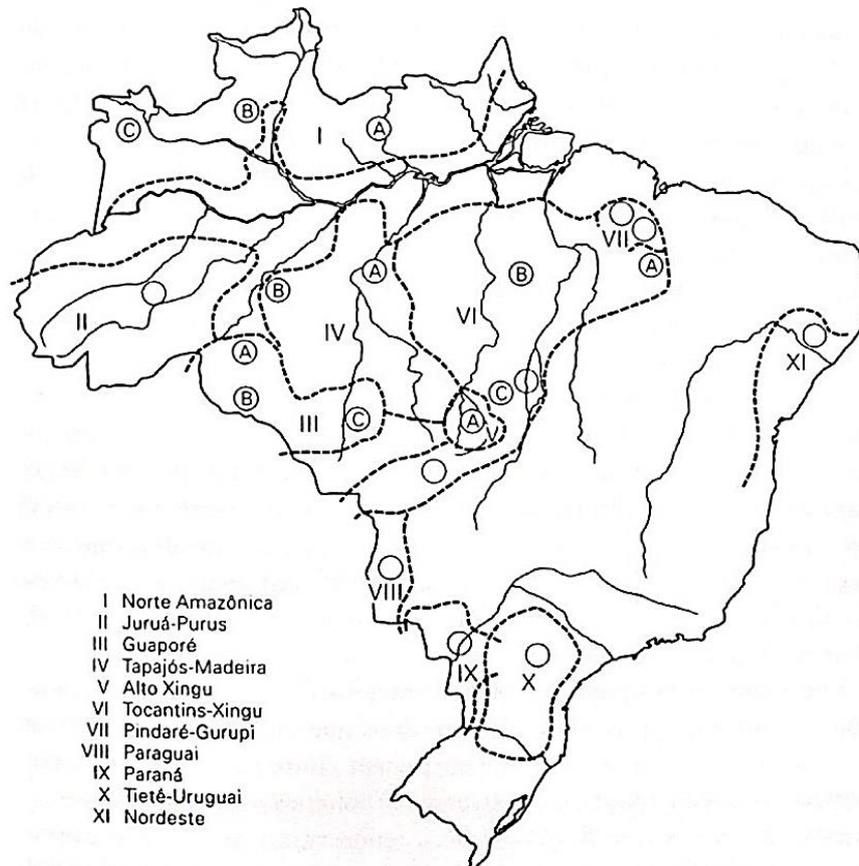


Figura 6 - Áreas Culturais. Fonte Galvão, 1960.

Com base na determinação de áreas culturais propostas por Galvão (op. cit.) e a classificação de filiação linguística de Aryon Rodrigues (1972), Tânia Andrade Lima (1987) realizou um levantamento da ocorrência da tecnologia cerâmica nessas áreas. De acordo com esses trabalhos, nos interessa discutir apenas os dados dos grupos de filiação linguística do Tronco Macro- Jê (Quadro 8).

Quadro 8 - Associação dos povos de Filiação Linguística do Tronco Macro-Jê as áreas Culturais

Povos	Filiação linguística	Ceramistas
<b>Área cultural V- Alto Xingu</b>		
Suyá	Jê	Não
Kreen-akore	Jê	Não
<b>Área cultural VI- Tocantins- Xingu núcleo a</b>		
Timbira	Jê	Não
Canela	Jê	Não
Apinayé	Jê	Não
Krahó	Jê	Não
<b>Área cultural VI- Tocantins- Xingu núcleo b</b>		
Xerente	Jê	Não

Akwé	Jê	Não
<b>Área cultural VI- Tocantins- Xingu núcleo c</b>		
Kayapó	Jê	Não
Gavião	Jê	Não
Karajá	Macro- Jê	Sim
Borôro	Macro- Jê	Sim
<b>Área cultural VII- Paraguai</b>		
Guató	Jê	Sim
<b>Área cultural X- Tieté- Uruguai</b>		
Kaingáng	Jê	Sim
<b>Área cultural XI- Nordeste</b>		
Funiô	Macro- Jê	Não
Pataxó	Macro- Jê	---
Kariri	Macro- Jê	Sim
Maxakali	Macro- Jê	Sim

Dos 18 povos do troco Macro- Jê relacionados às áreas culturais, apenas 6 tem como prática tradicional a manufatura cerâmica, desse total dois deles estão localizados justamente na área cultural Nordeste, os Kariri e Maxakali. Somando-se a esse número destacamos a presença dos povos ceramistas com filiação linguística não classificada: Pankararú, Atikum, Xocó, Tuxá e Xucurú.

A proposta das áreas culturais de Galvão (op. cit.) tem certa semelhança com a distribuição dos povos Gê realizada por Nimuendaju (1934) (Figura 6). Apesar de suas atividades junto aos Jê estarem voltadas, predominantemente, para os Jê Centrais e Setentrionais foi investidas algumas visitas aos indígenas do Nordeste (MELATTI, 1985). A primeira ocorreu no ano de 1934 na região de Pernambuco, junto aos Funiô e Xucurú. Quatro anos depois (1938 a 1939) Nimuendaju volta ao Nordeste, para realizar pesquisas na região da Bahia, se estendendo a Minas Gerais e Espírito Santo, entre os Pataxós, Kamacá, Machakari e Bototuco (FARIA, 1981).

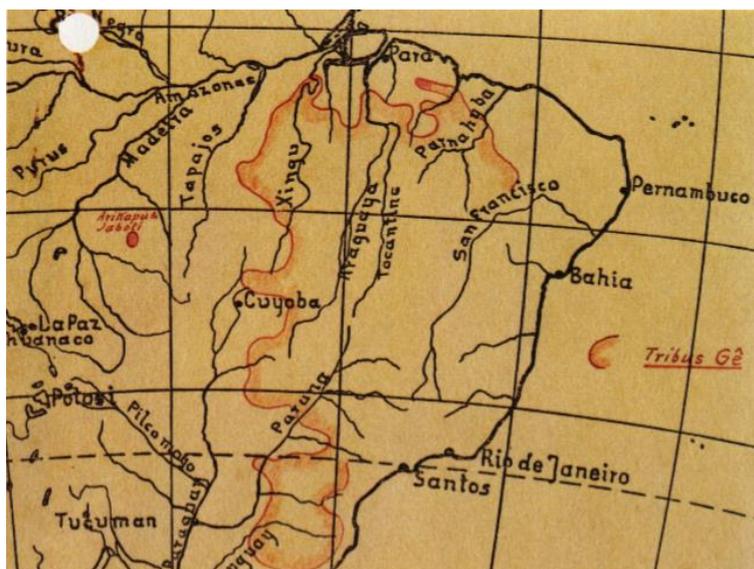


Figura 7 - Croqui da distribuição das tribos Jê, incluído na carta de 20.7.1934. Fonte: Nimuendaju.

A cerâmica dos povos Kariri, apesar de ter alguns elementos modificados, ainda resguarda algumas das características tradicionais das técnicas de produção. Confeccionam cerâmica tanto utilitária como para uso ritual. As formas dos vasos apresentam uma grande variedade com funções definidas (LIMA, 1987: 228) (Quadro 9).

Quadro 9 - Caracterização da Cerâmica Kariri quanto a forma e função. Fonte: Lima, 1987

Forma	Função
Potes globulares	Armazenamento de água para uso geral
Moringas	Armazenamento de água potável
Panelas	Cozinhar alimentos e preparo de banhos
Tigelas hemisféricas	Múltiplas funções
Potes pequenos globulares com tampa	Uso ritual

Os potes confeccionados para ritual são decorados com pintura de coloração amarelo e motivos geométricos na coloração branco, antes da impressão dos motivos a oleira faz o polimento da peça com semente. Adicionam de antiplástico areia fina, cinzas ou caco-moído (LIMA, 1987: 228).



Figura 8 - Oferenda para os encantados; Potes pequenos dos Kariri de Mirandela. Fonte  
Bandeira 1972

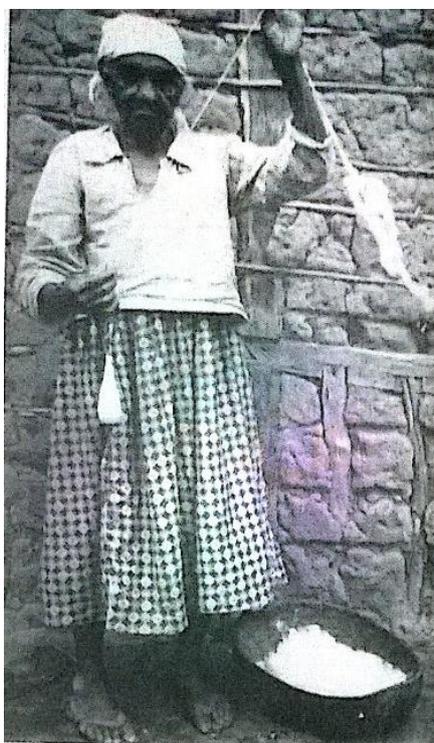


Figura 9 - Índia Kariri de Mirandela fiando algodão; ao lado um vasilhame, possivelmente de  
cerâmica. Fonte: Bandeira, 1972



Figura 10 - Índia Kariri de Mirandela fazendo cerâmica a partir da técnica acordelada (cordel de argila na vertical). Fonte: Bandeira, 1972

Os Tuxá, além de louça fazem cachimbos tubulares e angulares. Segundo Lima (1987: 228) entre os Maxacalí e os Tuxá apenas uma oleira domina a técnica tradicional.

O registro fotográfico de 1952 mostra índios Tuxá participando de uma cerimônia, onde é servida uma bebida à base de jurema, combinado a essa bebida para efeito de transe, os índios Tuxá trazem fumo de rolo (Figura 11).

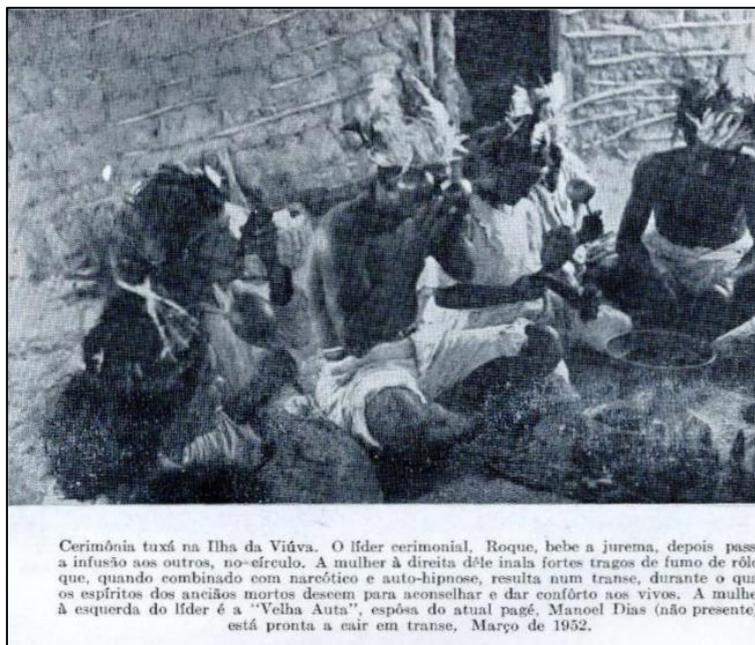


Figura 11 - Consumo de jurema em uma cerimônia Tuxá. Fonte: Hohenthal, 1960

Os Atikum substituíram quase que completamente os recipientes de barro pelos de metal, produzindo uns poucos vasilhames e potes para armazenamento de líquidos (LIMA, 1987: 229).

A imagem a seguir retrata uma índia Xokó produzindo cerâmica usando como suporte para moldar a base um fragmento de um prato (Figura 5). Algo interessante de ser observado também é a forma e os respectivos usos dos vasilhames. 4 potes de diferentes tamanhos. Os potes, no sertão nordestino, são usados até os dias atuais para armazenar água. A imagem também mostra duas panelas de tamanhos diferentes, com quatro asas simétricas próximo a borda.

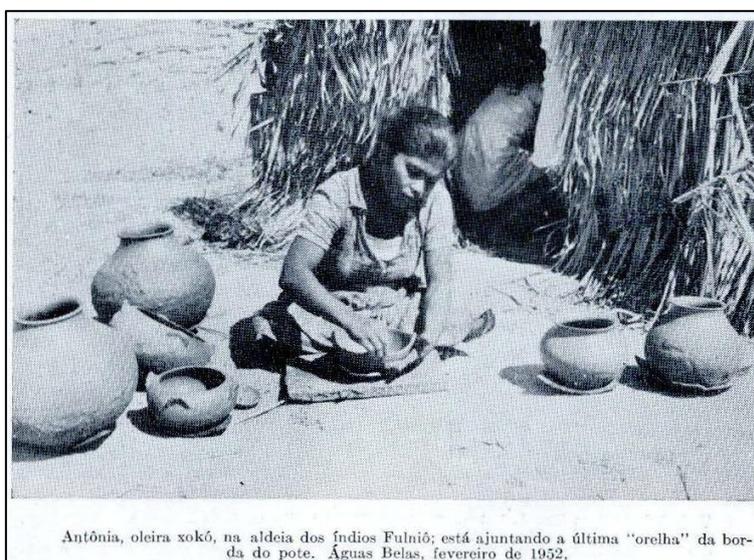


Figura 12 - Índia Xokó confeccionando cerâmica entre os índios Funiô. Fonte: Hohenthal, 1960

As relações dos Xokó com outros povos da região Nordeste, acontece tanto para compartilhamento de tecnologias, como observado na imagem acima, como também para práticas rituais (Figura 13).



Figura 13 - índios Xokó e Natu reunidos em acampamento para o ritual do Ouricuri. Fonte: Hohenthal, 1960

A segunda metade do século XVIII marca o período de início das relações do povo Funiô com a sociedade nacional. Apesar de não serem ceramistas os Funi-ô muitas vezes contam com a presença de mulheres Xokó (AL) em sua aldeia para produção de cerâmica. Estas, por serem boas oleiras desfrutam de um certo prestígio entre os Funiô (HOHENTHAL, 1960:62).

O artesanato Funiô é destacado pela produção de cestaria a partir do coroaá (*Neoglaziovia variegata*), uma planta nativa do Nordeste brasileiro. Uma vez ao ano, no mês de agosto, os Funi-ô movem sua aldeia principal para uma clareira circular onde cumprem o ritual do Ouricuri (MELO, 1930; POMPEU SOBRINHO, 1935).

Entre os Xucurú a cerâmica é simples, apresenta decoração pintada de coloração branco com motivos florais. O pigmento para as pinturas é extraído de uma argila da região. O processo de queima é feito com madeira nativa da caatinga e sua escolha é feita com um fim específico. A catingueira (*Caesalpinia pyramidalis*), o angico *Pipitadenia sp.*) e a imburana de cambão (*Buesera leptophloeus*) são devidamente escolhidas para proporcionar uma coloração avermelhada aos vasilhames (LIMA, 1987: 228).

Os Maxakalí fabricam peças alisadas com uma concha na face interna e na face externa com um sabugo de milho LIMA, 1987: 228).

Durante o século XVII os Pankararú foram aldeados, juntamente com os índios Porús, em algumas ilhas do rio São Francisco. Atualmente localiza-se no sertão pernambucano, na aldeia Brejo dos Padres. A aldeia foi instituída em de 1802, em 1861 passou a fazer parte da comarca de Tacaratu. Neste mesmo ano, os índios foram acometidos por uma seca que durou três anos, muitos morreram de fome e outros se dispersaram (HOHENTHAL, 1960:54).

### 3. A REGIÃO DE XINGÓ: CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA E SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

#### 3.1. OS SÍTIOS DA REGIÃO

Alguns sítios da região de Xingó relatados no levantamento inicial do Projeto Arqueológico de Xingó (PAX) não são computados no relatório final (Figura 13). De 73 sítios identificados, apenas 56 são descritos no relatório. Com base na quantidade e tipo de vestígio esses sítios foram classificados como acampamento, habitação e cemitério (Tabela 1).

Tabela 1- Sítios arqueológicos identificados pelo PAX

TIPOS DE SÍTIO		QUANTIDADE
Céu aberto	Acampamento	28
	Habitação	11
	Cemitério	2
Em abrigo	Ritual (?)	15
TOTAL		56

Estudo posteriores propuseram novas classificações. Fagundes (2007:64) em sua análise sobre sistema de assentamento e tecnologia lítica dos sítios de Xingó, considera que nem todos os sítios são habitação e acampamento, acredita que os sítios Topo, Curitiba II e Porto Belo II são sítios de “atividades específicas”.

Luna (2005), em sua análise, estabelece a junção dos sítios que se localizam no mesmo terraço aluvial (Tabela 2). Segundo a autora, a quantidade de vestígios cerâmicos e a proximidade dos sítios indicaram que esses sítios pertenciam à mesma ocupação. De 21 sítios arqueológicos com vestígios cerâmicos, apenas 13 são contabilizados após a aglutinação: os sítios Porto Belo II e VI, que são considerados acampamento, passam a fazer parte do Porto Belo I, como sítio habitação.

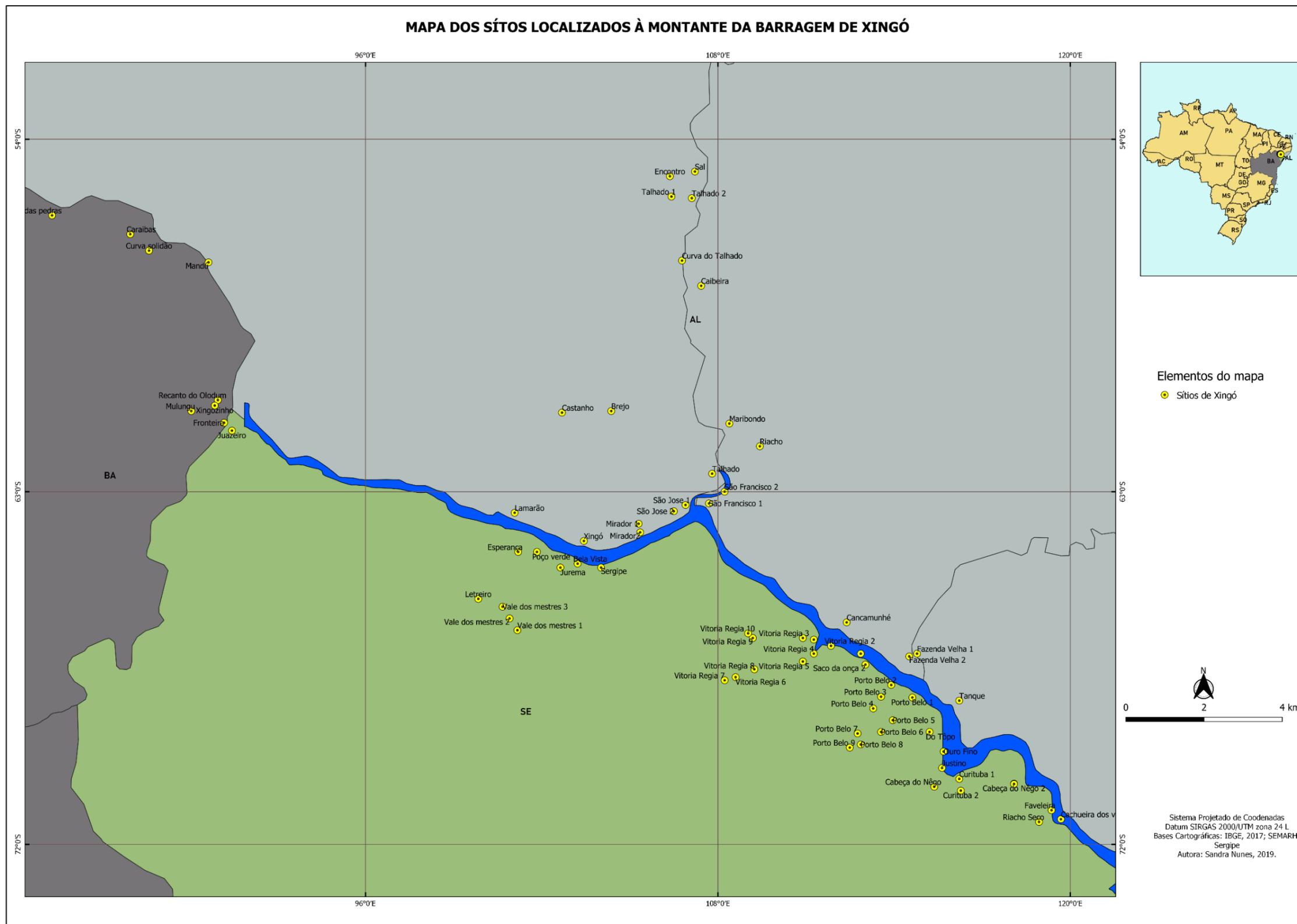


Figura 14 - Levantamento dos sítios localizados à montante de Xingó

Tabela 2 - Sítios cerâmicos de Xingó. Modificado de Luna, 2005.

	<b>DIVISÃO REALIZADA EM CAMPO</b>	<b>FRAGMENTOS</b>	<b>AGLUTINAÇÃO DOS SÍTIOS EM LABORATÓRIO</b>	<b>FRAGMENTOS</b>
1	São Francisco I	6	São Francisco I (A)	43
2	São Francisco II	37		
3	Porto Belo I	465	Porto Belo I (B)	884
4	Porto Belo II	411		
5	Porto Belo VI	8		
6	Vitória Regia I	1619	Vitoria Régia I (B)	2259
7	Vitória Regia II	601		
8	Vitoria Régia III	39		
9	Saco da Onça I	304	Saco da Onça (A)	333
10	Saco da Onça II	29		
11	São José I	437	São José (B/C)	629
12	São José II	192		
13	Curituba I	1582	Curituba (B)	1644
14	Curituba II	62		
15	Justino	13862	Justino (B/C)	13862
16	Sergipe	99	Sergipe (A)	99
17	Bela Vista	93	Bela Vista (A)	93
18	Ouro Fino	195	Ouro Fino (A)	195
19	Fazenda Velha	89	Fazenda Velha (A)	89
20	Topo	239	Topo (A)	239
21	Tanques	188	Tanques (A)	188

Relacionando os dados disponíveis no Relatório Final do Salvamento Arqueológico de Xingó, 2002 e no trabalho de LUNA (2005) fica evidente não só uma discrepância na quantidade dos vestígios cerâmicos, mas também uma supressão de sítios arqueológicos (Tabela 3). De 33 sítios com vestígios cerâmicos, são apresentados no trabalho de Luna apenas 21 sítios. Uma possível justificativa para tal seleção pode ser a baixa densidade de cerâmica. O que se sabe é que os sítios Lamarão, Mandu, Xingozinho e Fronteira não tiveram sua cerâmica analisada por serem consideradas recentes (LUNA, 2001).

Tabela 3 - Sítios cerâmicos de Xingó.

	<b>SÍTIOS</b>	<b>VESTÍGIOS CERÂMICOS*</b>	<b>VESTÍGIOS CERÂMICOS**</b>

1	Bela Vista	94	93
2	Cabeça do Nêgo	6	0
3	Carafbas	6	0
4	Curituba 1	1575	1582
5	Curituba 2	63	62
6	Curva solidão	6	0
7	Do Tôpo	254	239
8	Fazenda Velha 1	92	89
9	Fronteira	10	0
10	Jurema	15	0
11	Justino	14743	13862
12	Lamarão	52	0
13	Mandú	1	0
14	Mulungu	70	0
15	Ouro Fino	267	195
16	Poço verde	8	0
17	Porto Belo 1	455	465
18	Porto Belo 2	385	411
19	Porto Belo 6	7	8
20	Recanto do Olodum	57	0
21	Saco da onça 1	302	340
22	Saco da onça 2	28	29
23	São Francisco 1	7	6
24	São Francisco 2	56	37
25	São Jose 1	386	437
26	São Jose 2	183	192
27	Sergipe	119	99
28	Tanque	178	188
29	Vitoria Regia 1	1678	1619
30	Vitoria Regia 2	608	601
31	Vitoria Regia 3	33	39
32	Vitoria Regia 4	1	0
33	Xingozinho	45	0
	TOTAL	21790	20593

\* Retirado de Luna (2005).

\*\* Retirado do PAX (2002).

Ainda de acordo com a autora acima citada, a quantidade e o tipo de vestígios sugerem que os sítios Justino, São José, Vitória Régia, Porto Belo e Curituba foram ocupados por períodos prolongados, enquanto os demais sítios teriam sido ocupados por curtos períodos. Sem definir quanto tempo é necessário para ser considerado longo, ela sugere que “a pouca quantidade de vestígios estaria relacionada à curta permanência nesses locais” (LUNA, 2007: 85).

Mesmo considerando as datações existentes insuficientes para propor relações entre os períodos de ocupações dos sítios, a autora arrisca-se a criar um quadro de

estimativa dos períodos de ocupações ceramistas, tendo como base a densidade de cerâmica em cada nível, a existência de concentrações e ausência de vestígios (Quadro 9).

Quadro 10 - Estimativa dos períodos de ocupação dos sítios cerâmicos de Xingó.

Sítios	1º ocupação entre 5570 e 3500 anos AP	2º ocupação entre 3500 e 2650 anos AP	3º ocupação entre 2530 e 1280 anos AP	4º ocupação posterior a 1280 anos AP
Justino				
São José				
Porto Belo				
Tanques				
Sergipe				
Vitória Régia				
Curituba				
Saco da Onça				
Topo				
Bela Vista				
Fazenda Velha				
São Francisco				
Ouro Fino				

Fonte: Luna, 2005.

Dentre todos os sítios de Xingó o Justino é o que possui mais datações, contudo na análise cronológica a seguir, consideramos apenas três: a data mais antiga; a que corresponde ao surgimento da cerâmica; e a mais recente (Quadro 10). O sítio Porto Belo I possui três datações (nível 9, 6 e 1). O sítio São José também possui mais de uma datação, enquanto os demais sítios possuem apenas uma. Algumas dessas datações não correspondem ao início de ocupação do sítio, a datação do Vitória Régia por exemplo corresponde ao nível 6, sendo que a ocorrência de vestígios é verificada em níveis bem mais profundos. O mesmo acontece com o Porto Belo I que possui datação para o nível 9, mas os vestígios cerâmicos surgem no nível 10.

Quadro 11- Datações dos sítios de Xingó

Sítio	Datação (AP)	Método	Nível	Profundidade do nível	Altura dos terraços	Profundidade do sítio	Fragmentos cerâmicos
-------	--------------	--------	-------	-----------------------	---------------------	-----------------------	----------------------

Justino	8950 ± 70	C14	40	4,1 m	6,8	6,40 m	14743; 7 vasilhames; 23 reconstituídas
Justino	5570 ± 70	C14	20	2,1 m	6,8	6,40 m	14743; 7 vasilhames; 23 reconstituídas
Justino	1280 ± 45	C14	3	0,40 m	6,8	6,40 m	14743; 7 vasilhames; 23 reconstituídas
Vitória Régia I	2240 ± 389	TL	6	0,90 m	8,24	4,5 m	1678
Saco da Onça I	1491 ± 210	TL	6	0,90 m	7,8	2,68 m	302
Porto Belo I	2003 ± 195	TL	9	1,70 m	7,24	1,75 m	455
Porto Belo I	537 ± 85	TL	3	0,45m	7,24	1,75 m	455
Porto Belo I	342 ± 51	TL	1	0,15 m	7,24	1,75 m	455
Porto Belo II	810 ± 30	C14	5	1 m	7,24	1,35 m	385
Curitiba I	1588 ± 140	TL	9	1,90 m	4,9	2,2 m	1575
São José II	4140 ± 90	-	-	-	14,34	7,5 m	183
São José II	3500 ± 110	-	-	-	14,34	7,5 m	183

Fonte: Fagundes, 2007; Relatório final- PAX; A datação do Porto Belo II não foi publicada.

A datação do Porto Belo II não foi publicada ainda. É uma datação radiocarbônica\* que foi realizada recentemente pelo projeto PROBASÃO, sendo cedida pelos coordenadores do projeto para ser apresentada neste trabalho.

As datas apresentadas nos gráficos a seguir são apenas estimativas aproximadas de ocupações, não objetivamos construir um quadro cronológico para região, nosso intuito é apenas ter uma visualização esquemática da temporalidade desses sítios.

De acordo com o período aproximado das ocupações podemos inferir que a região só foi densamente ocupada a aproximadamente 2.240 anos AP, quando observamos um aumento quantitativo de sítios distribuídos no espaço (Figura 15). Curiosamente, antes dessa “expansão” dos locais habitados o que observamos são dois sítios com práticas

---

Site	Sample	Method	Level	Lab Number	Conventional Age	Calib
* Porto Belo II	SPB2Q4-85729	C14	F5	Beta - 509966	810 +/- 30 BP	1217 - 1286 AD (95.4%)

rituais de enterramentos, Justino e São José. O primeiro com uma ocupação que antecede o surgimento da cerâmica, o segundo exclusivamente ceramista.

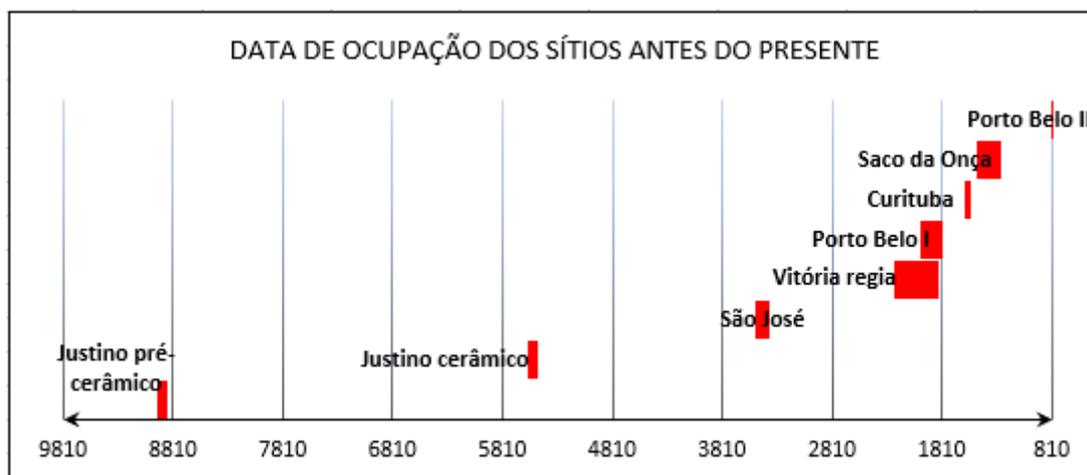


Figura 15- Representação dos períodos compreendidos pelas datações dos sítios de Xingó considerando as margens de erro.

As datações disponíveis nos sugerem ocupações simultâneas nos terraços de Xingó. No gráfico a seguir apresentamos o recorte temporal entre a data mais antiga e mais recente dos sítios Justino, São José e Porto Belo I (Figura 16). Para os demais sítios consideramos a margem de erro, já que só dispunham de uma datação. A data mais recuada é do sítio Justino ( $8950 \pm 70$  A.P), a ocupação do Justino, coexiste, a partir das ocupações ceramista ( $5570 \pm 70$ ), com o sítio São José ( $4140 \pm 90$  anos AP), o Vitória Régia ( $2240 \pm 389$  anos AP), o Porto Belo I ( $2003 \pm 195$  anos AP) O Curitiba ( $1588 \pm 30$  anos AP) e Saco da Onça ( $1491 \pm 210$  anos AP).

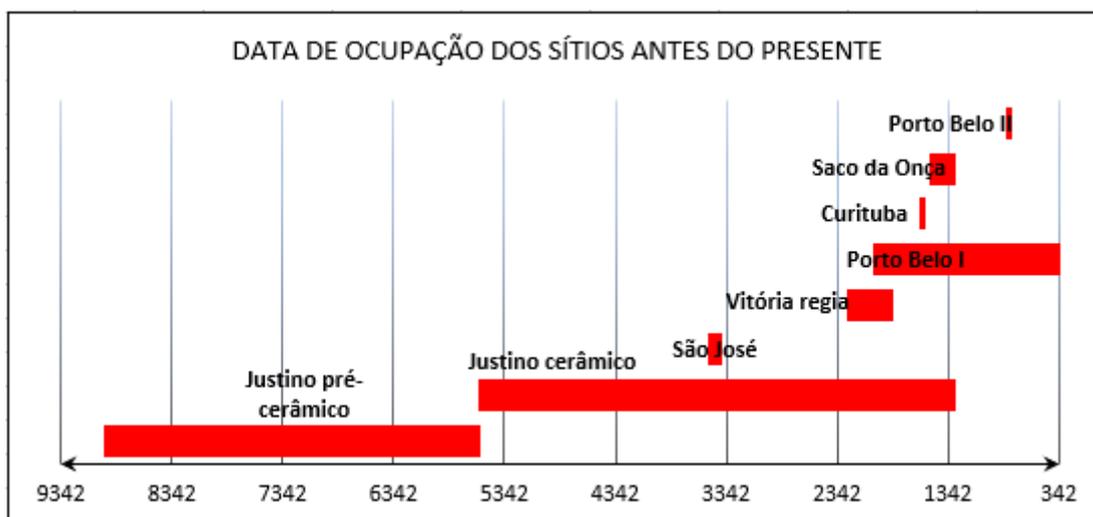


Figura 16 - - Representação do intervalo das ocupações considerado a data mais antiga e a mais recente (Justino, São José e Porto Belo I) e a margem de erro (demais sítios).

O sítio Porto Belo I é um sítio diferenciado, pois abarca dois períodos distintos, o período anterior e posterior a invasão portuguesa, por volta do século XVII, coexistindo com alguns sítios da região. O mais interessante nesse sítio, observado nas análises, é que a cerâmica não apresenta elementos como marcas de torno, decoração pintada nem introdução de novas formas tipológicas que surgem em períodos mais recentes, como potes para armazenar água (SCHUSTER, 2018). Essa ausência pode estar relacionada ao momento em que o sítio deixou de ser ocupado tendo coincidido com início das missões no baixo São Francisco.

Concordamos com Luna ao considerar que os sítios Porto Belo I e II fazem parte de uma mesma ocupação, contudo, ressaltamos que a distância não foi o único critério que utilizamos para sugerir que os sítios compõem uma única ocupação, foi considerado também, e principalmente, à semelhança dos vestígios cerâmicos. Apresentamos a seguir um quadro com a distância dos sítios que se localizam em um raio de aproximadamente 3.000 km (Tabela 4).

Tabela 4 - Distância entre os sítios

SÍTIOS	DISTÂNCIA (em metros)		
	Porto Belo I	Porto Belo II	Porto Belo VI
Cancamunhé	1150	1450	2880
Cabeça do Nêgo	2150	2500	200
Curituba I	2050	2350	2500
Curituba II	2450	2850	2100
Fazenda Velha I	900	750	2150

Fazenda Velha II	800	550	1950
Justino	1650	1950	2100
Ouro Fino	1400	1700	1850
Porto Belo I		300	450
Porto Belo II	300		150
Porto Belo VI	450	150	
Saco da Onça I	1250	950	800
Saco da Onça II	1450	1150	1000
Tanques	900	1300	2100
Tôpo	950	1250	1400
Vitória Régia I	2950	2650	2500
Vitória Régia II	2600	2300	2150
Vitória Régia III	3050	2750	2600

De acordo com Fagundes (2006: 89), os geoindicadores\* apontam para a existência de *lugares persistentes* no canyon do rio, que se caracterizam por serem propícios ao desenvolvimento de atividades socioculturais, de caráter funcional e simbólico. Lugares persistentes são lugares de memória, onde a paisagem, ao longo do tempo, é inserida no contexto cultural simbólico, são lugares significativos, reconhecidos por algo particular próprio das experiências e memórias partilhadas, “esses lugares podem até serem ressignificados, mas a longa duração no uso desses espaço faz deles lugares persistentes” (ALMEIDA, KATER, 2017:42; ZENDEÑO, BOWSER 2009:12; SCHLANGER, 1972:79).

De acordo com Fagundes (2006:89) esses lugares estariam representados na região de Xingó por apresentarem as seguintes características:

- Sítios de curva de rio: Topo, Ouro Fino e Tanques
- Sítios de cachoeira: Justino, Curitiba I e II e Cabeça do Nego
- Sítios de terraço no *canyon* e rotas de acesso: Vitória Régia I, II e III, Porto Belo I e II, Fazenda Velha I e II e Saco da Onça I e II
- Riachos intermitentes
- Sítios de registro rupestre próximo de riachos

---

\* O autor utiliza a definição de geoindicadores cunhada por Morais (2006:198): “elementos do meio físico-biótico dotados de alguma expressão locacional para os sistemas regionais de povoamento, indicando locais de assentamentos antigos”.

Os sítios Porto Belo I e II estão localizados em área de confluência entre o rio São Francisco e o riacho Fechado, essa característica, de acordo com os geoindicadores proposto por Fagundes, caracterizam esses sítios como *lugares persistentes* (Figura 17).



Figura 17 - Mapa de localização dos sítios Porto I, II e VI.

## 3.2. DESCRIÇÃO DOS SÍTIOS ESTUDADOS

### Sítio Porto Belo I

O sítio Porto Belo I recebeu essa denominação por estar localizado na fazenda Porto Belo, no município de Canindé de São Francisco, Sergipe; coordenadas UTM: 8.940.680,010 N /626.800,381 E. Datações realizadas no sítio Porto Belo I através do método de termoluminescência revelaram cronologias de  $342 \pm 51$  AP para camada 01 e  $2003 \pm 195$  AP para camada 09 (Santos & Munita, 2007). O sítio está localizado entre o rio São Francisco e o riacho Fechado (Lucu) em um terraço aluvial elevado à altura de 7,24 m acima do nível médio do rio



Figura 18 - Trincheira do sítio Porto Belo I. Extraído de Fagundes, 2007.

De acordo com relatório do PAX, para técnica de escavação optou-se por abrir uma trincheira transversal ao rio São Francisco (A/V- 1/12), medindo 2m x 19m e subdividida em quadrículas de 1m x 1m. A área total do sítio escavada corresponde a 38m<sup>2</sup>. Escavou-se por níveis artificiais de 15 em 15cm até atingir o embasamento rochoso à 1,75m. Foi feita a limpeza de 15cm de areia, retirando-se mais de 1,60m de areia, seixos e silte compacto. Do material coletado 455 eram fragmentos cerâmicos, 69 peças líticas, 1 ocre, 72 ossos de fauna e 4,55kg de sedimento. Foram identificadas 2 fogueiras com 32 blocos, além de manchas escuras, cinza e avermelhadas (Tabela 5).



Figura 19 - Estrutura de combustão, Porto Belo I. Extraído de Fagundes, 2007.

Tabela 5 - Vestígios arqueológicos diretos e indiretos quantificados por nível

Nível	Cerâmica	Lítico	Estrutura	Mancha	Fauna	Ocre	Sedimento
Superfície	15	---	---	---	01	---	---

1	20	31	01	---	---	---	0,45kg
2	73	10	01	1 escura	17	---	1,10kg
3	89	14	---	---	03	---	---
4	14	02	---	---	25	---	3,00kg
5	13	01	---	1 vermelha	---	---	---
6	01	---	---	1 cinza	---	---	---
7	---	---	---	1 escura	---	---	---
8	09	01	---	1 escura	19	---	---
9	204	06	---	1 escura	07	01	---
10	17	04	---	2 escura	---	---	---
Total	445	69	02	08	72	01	4,55kg

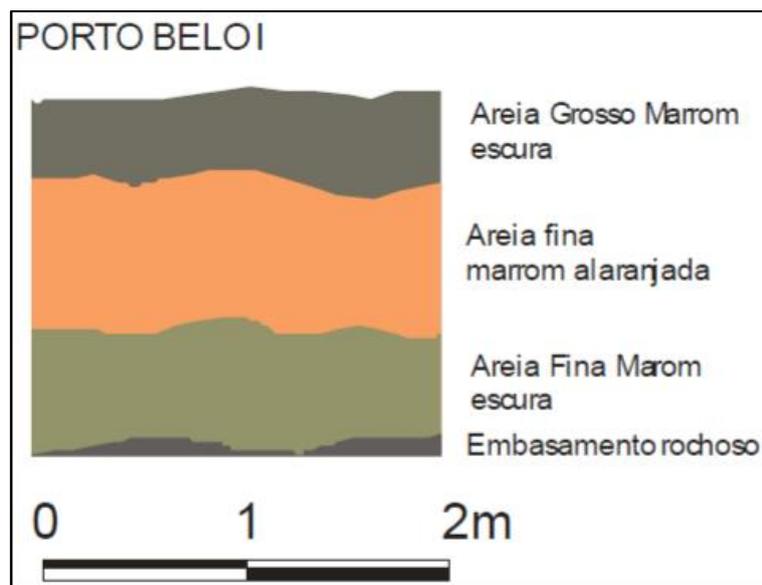


Figura 20 - Plano transversal do sítio Porto Belo I. Fonte: apud Fagundes, 2007.

### Sítio Porto Belo II

O sítio Porto Belo II está localizado a 300m de distância do sítio Porto Belo I, no encontro do rio São Francisco com riacho Fechado, sob um terraço elevado a altura de 7, 24m; coordenadas UTM: 8.941.000,730 N/ 626.260,230 E.

Segundo o relatório final do PAX, a técnica de escavação adotada corresponde a abertura de três trincheiras com demarcações de níveis artificiais a cada 20cm. Uma das trincheiras- Q/R- 1/33 foi aberta paralela ao rio medindo 2m x 33m, as outras duas, transversais medindo 2m x 20m e 2m x 13m respectivamente.

O sítio foi escavado até o embasamento rochoso extraído na limpeza 15 cm de areia e mais 1,15m de areia e silte compacto. Dos vestígios diretos e indiretos coletados 365 eram fragmentos cerâmicos, 1 ocre, 41 gramas de carvão, 112 peças líticas, 16/fauna

e osso, 1 fogueira com 26 blocos, 2 fragmentos de ossos humanos e 24,45kg de sedimento (Tabela 2).

Tabela 6 - Vestígios arqueológicos diretos e indiretos quantificados por nível

Níveis	Cerâmica	Lítico	Estrutura	Mancha	Carvão	Fauna	Ocre	Ossos Humanos	Sedimento
Sup.	33	36	---	---	---	---	---	---	---
Lim.	07	26	---	---	---	---	---	---	---
01	23	11	01	1 verde	---	---	---	---	5,90kg
02	89	21	01	---	4g	09	---	02	7,00kg
03	112	12	---	---	---	07	01	---	5,85kg
04	47	02	---	1 verde	---	---	---	---	2,4kg
05	14	01	---	1 escura	37g	---	---	---	3,25kg
06	60	03	---	1 cinza	---	---	---	---	---
Total	385	112	02	05	41g	16	01	02	24,45kg

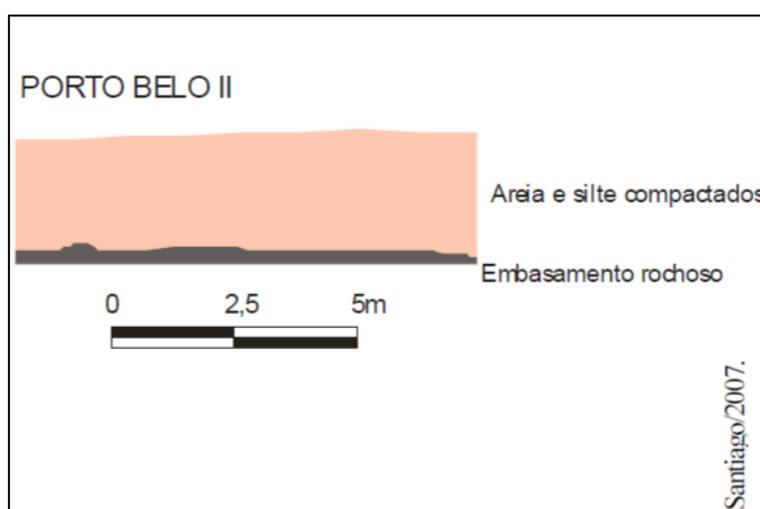


Figura 21 - Plano transversal do sítio Porto Belo II. Fonte: apud Fagundes, 2007

### Porto Belo VI

O Porto Belo VI tem sua área compreendida na fazenda de mesmo nome, nas margens do baixo São Francisco; coordenadas UTM: 8.939.800,330 N/ 626.000,710 E. O sítio está localizado nas proximidades de dois cursos d'água que desemboca no São Francisco, o riacho Fechado e a 180m, o riacho Covoado.

Esse sítio, estava localizado em um terraço elevado à altura de 7,24m sendo constituído basicamente de areia seixos e silte, onde foram abertas duas trincheiras escavadas em níveis artificiais de 20 em 20cm. Uma das trincheiras média 2m x 25m e a outra 2m x 22m, chegando a 1,15m de profundidade respectivamente. Os 15cm da

limpeza são formados por areia/silte e o restante da escavação, 1m, por areia, seixos e silte (compacto).

O sítio Porto Belo VI, classificado como acampamento, apresentou baixa densidade de vestígios arqueológicos. Do material coletado 6 eram peças líticas, 7 fragmentos cerâmicos, 105g de carvão e 11,91kg de sedimento (Tabela 3).

Tabela 7 - Vestígios arqueológicos diretos e indiretos quantificados por nível

<b>Níveis</b>	<b>Cerâmica</b>	<b>Lítico</b>	<b>Carvão</b>	<b>Sedimento</b>
Sup.	---	03	---	---
01	---	---	---	---
02	02	03	---	3,40kg
03	04	---	---	3,30kg
04	01	---	105kg	5,21kg
Total	07	06	105kg	11,91kg

O Porto Belo VI não será mencionado nas análises em função da sua baixa densidade de fragmentos cerâmicos.

Apesar de apresentarmos o sítio Porto Belo VI ele não será mencionado nas análises em função da sua baixa densidade de fragmentos cerâmicos.

## **4. CLASSIFICAÇÃO DO MATERIAL CERÂMICO**

### **4.1. METODOLOGIA DE ANÁLISE**

Mesmo sendo de nosso conhecimento que em contextos indígenas não há etapas de produção definidas sistematicamente, para fins de análise e visando um rigor científico, se faz necessária a classificação dos elementos diagnósticos por etapas. Dividimos de acordo com critérios tecnológicos, decorativos e morfológicos. Por fim, foi realizada a análise e interpretação dos dados.

Tendo em vista que o estabelecimento de uma linguagem uniforme dos termos conceituais empregados nas ciências busca evitar definições gerais que impossibilitem a sistematização dos dados e os estudos comparativos (Oliveira, 2001:23), considero o momento propício, antes de adentrar na discussão de análise dos atributos cerâmicos, para discorrer, brevemente, sobre os conceitos empregados na análise. Alguns termos e conceitos ainda não estão bem definidos na literatura da arqueologia brasileira, situação observada por Oliveira (2001:23) quando considera que os termos e conceitos encontravam-se em fase de revisão e redefinição. Desde a década de 60, os arqueólogos buscam um consenso quanto as terminologias, no entanto alguns termos ainda continuam com uma definição inadequada e imprecisa, sendo aplicados com sentidos e concepções diferentes (Oliveira, 2001:24). Ao que nos parece, essa fase ainda perdura.

Trabalhamos com a ideia inicial de possíveis ocupações Jê, porém não dispomos de um manual que se dedique exclusivamente para caracterização da cerâmica Jê como é o caso do trabalho produzido por La Savia e Brochado (1989), voltado exclusivamente para caracterização da cerâmica Guarani em todos os seus aspectos de manufatura. Apesar do seu caráter específico, o trabalho de La Savia e Brochado foi de grande auxílio nas análises, fizemos uso também de um dos principais trabalhos produzidos para padronização do sistema de análise, a “Terminologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica”, publicada na década de 60 pelo Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas e pela Universidade do Paraná e reeditada por Chmyz em 1976. Mesmo não sendo publicações atualizadas, esses trabalhos atenderam ao propósito de auxiliar na classificação cerâmica dos sítios estudados.

#### **Análise tecnológica**

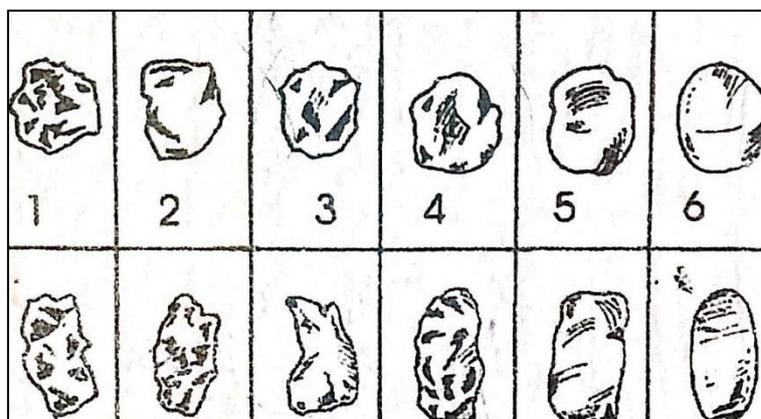
Os procedimentos necessários para análise tecnológica de material cerâmico, consiste na descrição e classificação de seus atributos. A criação de categorias para fragmentos cerâmicos permite que se perceba o grau de variação de algumas características (SHEPARD, 1956:306).

Nos guiamos por uma ficha de análise, padronizados para as coleções analisadas no Laboratório de Paisagem e Sociedade, que permitiram identificar, caracterizar e classificar os fragmentos cerâmicos quanto à composição da pasta (Figura 22) (Figura 23), opções de escolhas durante o processo de manufatura, elementos decorativos e índice de queima (Quadro 11).

Quadro 12 – Ficha de análise

<b>1-Categoria</b>	<b>10-Alisamento FI</b>	<b>20-Espessura do lábio cm</b>
0-Não identificada	1-Fino	<b>21-Diâmetro da boca cm</b>
1-Parede	2-Médio	<b>22- Porcentagem da borda</b>
2-Borda	3-Grosso	<b>23-Base</b>
3-Base	4-Polido	1-Convexa
4-Bolota de argila	<b>11-Alisamento FE</b>	2-Plana com ponto angular
5-Roda de fuso	1-Fino	3-Plano-convexa
6-Carena	2-Médio	4-Côncava
7-Rolete	3-Grosso	5-Anelar
8-Asa	4-Polido	6-Em pedestal
9-Aplique/Apêndice	<b>12-Tratam. De superfície FI</b>	7-Cônica
10-Alça	1-Eng. Vermelho	<b>24-Diâmetro da base cm</b>
11-Adorno	2-Eng. Branco	<b>25- espessura do fragmento</b>
12-Ombro	3-Eng. Marrom (barbotina)	<b>26-decoração plástica</b>
13-Outro	4-Esfumarado (resina)	1-corrugado
<b>2-Técnica de manufatura</b>	5-Brunidura	2-Inciso Fino
0-Não identificado	<b>13-Tratam. de superfície FE</b>	3-Inciso largo
1-acordelada	1-Eng. Vermelho	4-exciso
2-Modelada	2-Eng. Branco	5-Ungulado
3-Placas	3-Eng. Marrom (barbotina)	6-Digitungulado
4-Torneada	4-Esfumarado (resina)	7-Digitado
<b>3-Antiplástico</b>	5-Brunidura	8-Filete aplicado
1-Mineral	<b>14-Marcas</b>	9-Entalhado
2-Argila moída	1-Folha	10-Ponteadado
3-Cerâmica/caco moído	2-Furo	12-Roletado
4-Carvão	3-Cestaria	13-Escovado/inciso
5-Concha	4-Marcas de dedo	14-Carimbo
6-Outros	5-Alisamento/Polimento	<b>27-Decoração pintada</b>
<b>4-Mineral</b>	6-Outros	1-Vermelha
1-Quartzo	<b>15-Sinais de uso</b>	2-Branca

2-Óxido de ferro	1-Fuligem FI	3-Preta
3-Mica	2-Fuligem FE	4-Marrom
4-feldspato	3-Película de alisamento FI	<b>28-Motivo pint./Inciso</b>
5-Calcário	4-Película de alimento FE	1-Horizontal
6-Grafite	5-Outros	2-Vertical curta
7-Outros	<b>16-Morfologia da borda</b>	3-Vertical longa
<b>5-Espes. Do antiplástico</b>	1-Direta	4-transversal
1- < 1mm	2-Extrovertida	5-Trançada
2- >= 1mm e > 3mm	3-Introvertida	6-Triangular
3- >= 3mm e <5mm	4-Cambada	7-Angular
4- >= 5mm	5-Extrov. Com ponto angular	8-Espiral
<b>6-Porct. do antiplástico</b>	6-Extrov. Com ondulação	9-Ondular
1-5%	7-Ondulada	10-Curvilíneas
2-10%	<b>17-Inclinação da borda</b>	11-Em grega
3-20%	1-Vertical	12-Zonada
4-30%	2-Inclinada Interna	13-Achurado
<b>7-Cor da superfície</b>	3-Inclinada externa	14-Outros
1-Branco	<b>18-Espessura da borda</b>	<b>29-Local da decoração FI</b>
2-Amarelo	1-Normal	1-Lábio
3-Laranja	2-Expandida	2-Borda
4-Vermelho	3-Reforçada interna	3-Bojo superior
5-Cinza	4-Reforçada externa	4-Bojo inferior
6-Preto	5-Reforçada	5-Paredes
7-Marrom	6-Dobrada	6-Base
<b>8-Queima</b>	7-Contraída	<b>30-Local da decoração FE</b>
(vide modelo)	<b>19-Lábio</b>	1-Lábio
<b>9-Estado de conservação</b>	1-Arredondado	2-Borda
1-Não erodido	2-Plano	3-Bojo superior
2-Erodido FE	3-Apontado	4-Bojo inferior
3-Erodido FI	4-Biselado	5-Paredes
4-Erodido AF		6-Base



1 e 2- mineral muito angularo

3 e 4- angulosidade média

5 e 6- mineral arredondado

Figura 22 - Referência para caracterização da angulosidade dos minerais. Adaptado de Orton et al, 1993:239.

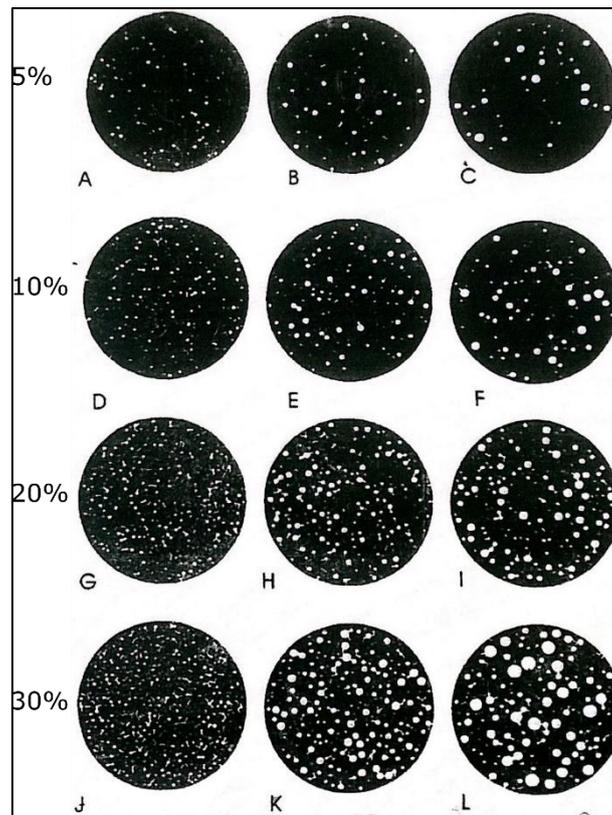


Figura 23 - Referência para análise da frequência dos minerais. Adaptado de Orton et al, 1993:238

### **Análise morfológica**

Para inferências morfológicas, utilizamos como base o quadro de reconstituições elaborado por Almeida (2008) para a cerâmica Tupi da Amazônia.

Embora os aspectos funcionais descritos por antropólogos e arqueólogos sejam importantes para classificar os vasilhames quanto à forma, a classificação mais comum é baseada em cálculo de altura por diâmetro máximo (Rice, 1987: 215), esse cálculo também possibilita conhecer a possível capacidade volumétrica que o vasilhame teria tido.

Contudo, Brochado *et all* (1994:109) considera que as reconstruções gráficas servem apenas para indicar possíveis formas e dimensões dentro de cada categoria e não uma indicação exata da forma que a vasilha teria tido, admite ainda que isso não se constitui um problema na análise, pois o objetivo final da reconstituição é indicar a funcionalidade das vasilhas.

Alertamos que nem todas as bordas são passíveis de reconstrução gráfica, fragmentos pequenos podem indicar um diâmetro que não corresponde ou não se aproxima da medida real do vasilhame, deve-se, portanto, selecionar sempre os fragmentos maiores.

### **Análise de dados**

Uma das etapas da pesquisa consiste no processamento dos dados gerados nas análises. Estes, foram copiados em gráficos e tabelas para discriminação e extração das informações mais relevantes, para a partir de então, serem feitas as discussões e interpretações a respeito do material cerâmico.

## **4.2. ANÁLISE CERÂMICA**

### **Tamanho da amostra**

A seleção dos fragmentos para compor a amostra a ser analisada seguiu o critério de tamanho. Apenas os fragmentos maiores que 2 centímetros foram analisados correspondendo a 83% da coleção do sítio Porto Belo I e 89% da coleção do sítio Porto Belo II (Gráfico 1) (Gráfico 2). Os fragmentos menores que 2 centímetros foram apenas contabilizados. Ficou determinado que os fragmentos colados não seriam somados, mas participariam da contagem como sendo um, já que comungam das mesmas características e atributos, como parte integrante de um único vasilhame. Sendo assim, de 423, que é a soma total de todos os fragmentos presentes no sítio Porto Belo I, para dados de análise, foram contabilizados apenas 351 que é a soma total de fragmentos quando desconsiderados aqueles que foram colados. A coleção do Porto Belo II totaliza 355 fragmentos, desconsiderando os fragmentos colados, foram contabilizados 275 fragmentos.

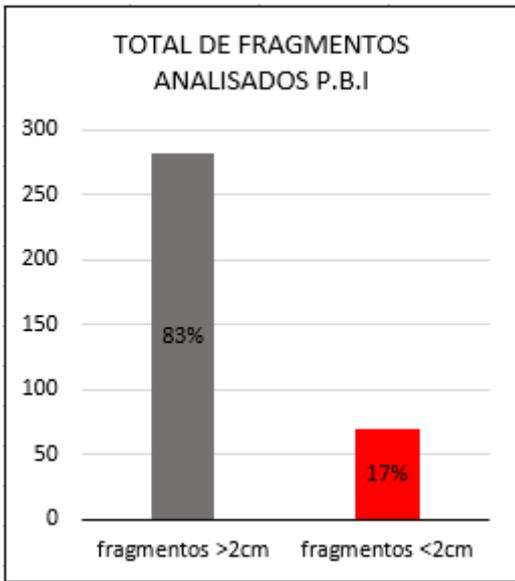


Gráfico 1 - Amostra analisada- Porto Belo I

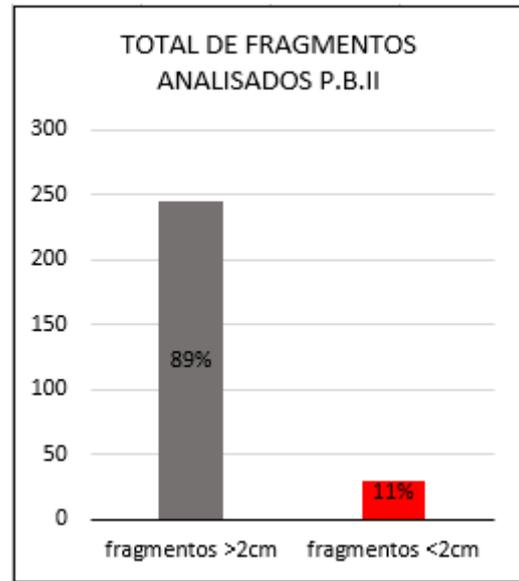


Gráfico 2 - Amostra analisada Porto Belo- II

No sítio Porto Belo I, os vestígios cerâmicos, concentrados em maior quantidade no nível 09 correspondendo a 28% do total de fragmentos da coleção. Percebe-se que nos níveis mais recentes a este, não há indícios de significativa ocorrência de cerâmica, sendo que no nível sete há ausência total de cerâmica. Nos níveis mais recentes os fragmentos voltam a ser evidenciados, sendo mais relevante nos níveis 03 e 02, estes somam em conjunto, 23% do total da coleção (Gráfico 3).

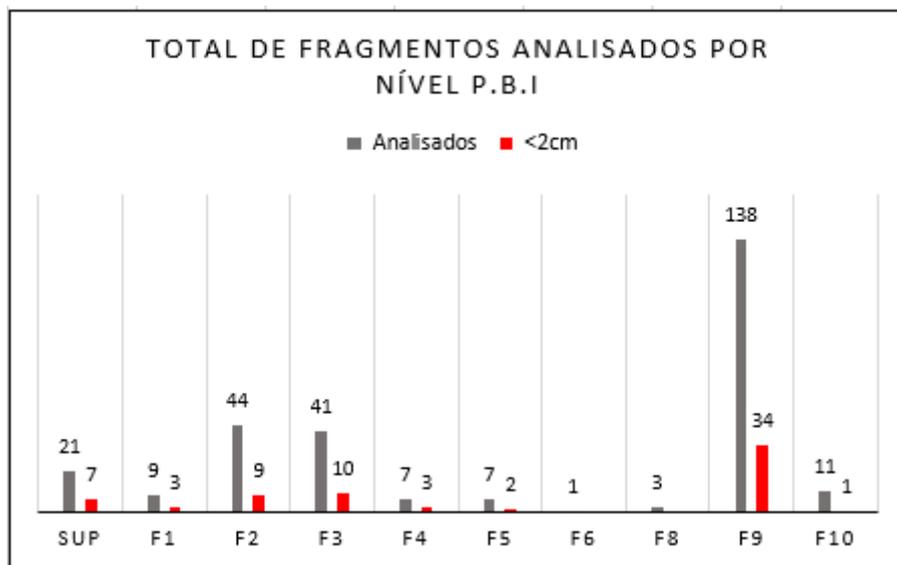


Gráfico 3 - Total de fragmentos analisados por nível- Porto Belo I

No sítio Porto Belo II, 26% dos fragmentos da coleção estão localizados no nível 3, os níveis 1 e 5 apresentam baixo índice de material, sendo 9 e 8 fragmentos no total. Já

o nível 2 conta com 15% do total da amostra. No nível mais antigo e no mais recente há uma presença significativa de fragmentos representando 13% (nível 6) e 11 % (superfície) do total da coleção (Gráfico 4).

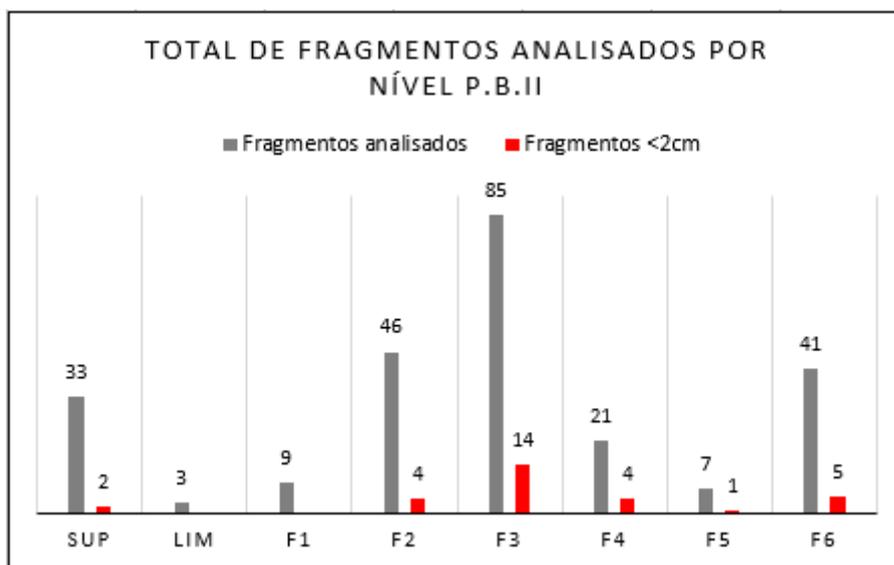


Gráfico 4 - Total de fragmentos analisados por nível- Porto belo II

### **Técnica de manufatura**

Nem sempre é possível observar a técnica, ou as técnicas, de confecção empregada na produção das vasilhas. Os fragmentos onde não foi possível verificar as marcas de rolete ou a junção de placas compõe a maioria da coleção, tanto do Porto Belo I quanto do Porto Belo II. O sítio Porto Belo I apresenta dados semelhantes com relação ao sítio Porto Belo II, os tipos de técnicas usadas na manufatura apresentam uma diferença mínima de 3% para a técnica acordelada e placas e 1% para técnica não identificada (Gráfico 5) (Gráfico 6).

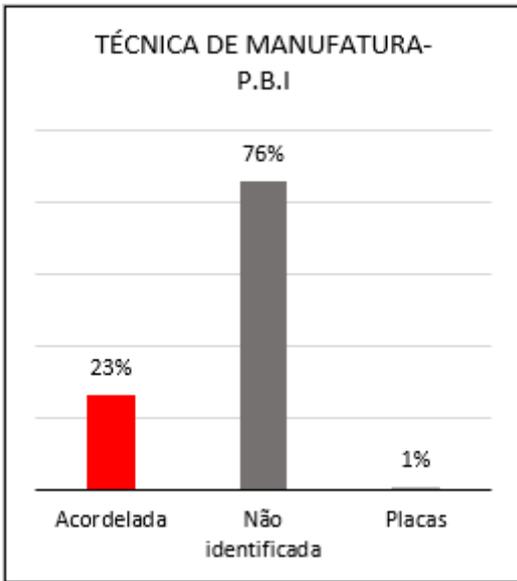


Gráfico 5 - Técnica de manufatura P.B I

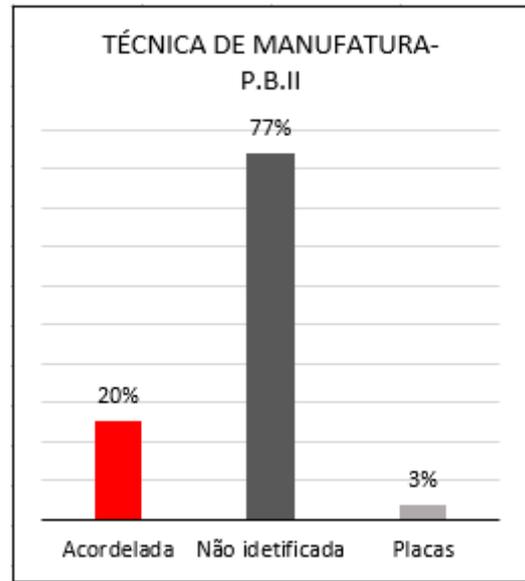


Gráfico 6 - Técnica de manufatura PB II

A distribuição nos níveis estratigráficos dos tipos de técnicas de manufatura permite uma visualização ampla das técnicas usadas em todos os momentos de ocupação do sítio.

Foi possível observar, no sítio Porto Belo I .A técnica acordelada é inexistente nos níveis 1, 4, 5 e 10, porém está presente tanto em níveis antigos como recentes. Já os fragmentos manufaturados a partir de placas foram identificados apenas dois, um no nível 3 e o outro no nível 9 (Gráfico 7).

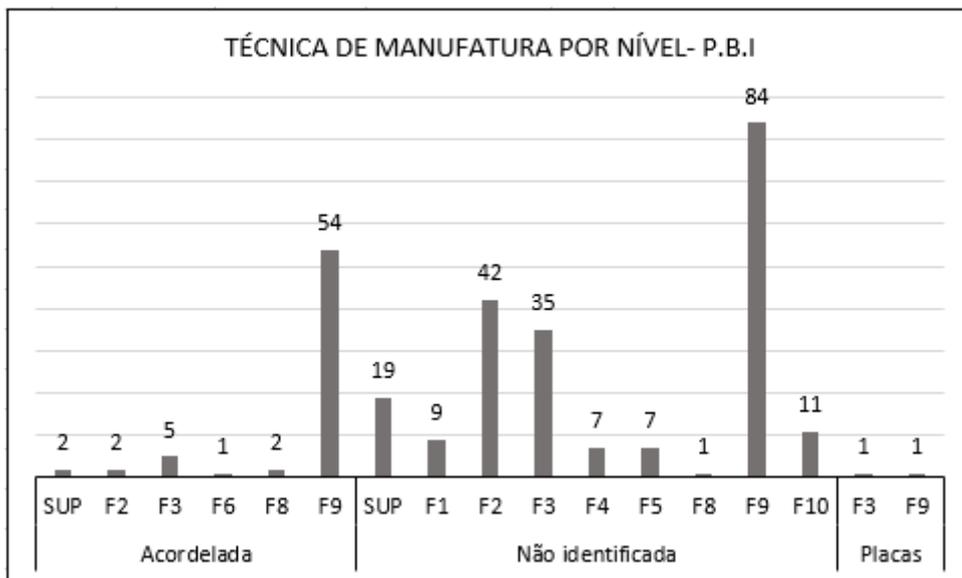


Gráfico 7 - Técnica de manufatura por nível- Porto Belo I

Assim como observado no sítio Porto Belo I, a técnica de manufatura modelada está presente em todos os níveis do Porto Belo II, sendo mais predominante no nível 3. Nos níveis 2 e 6 o modelado é observado na mesma quantidade de fragmentos, 35 em cada nível (Gráfico 8).

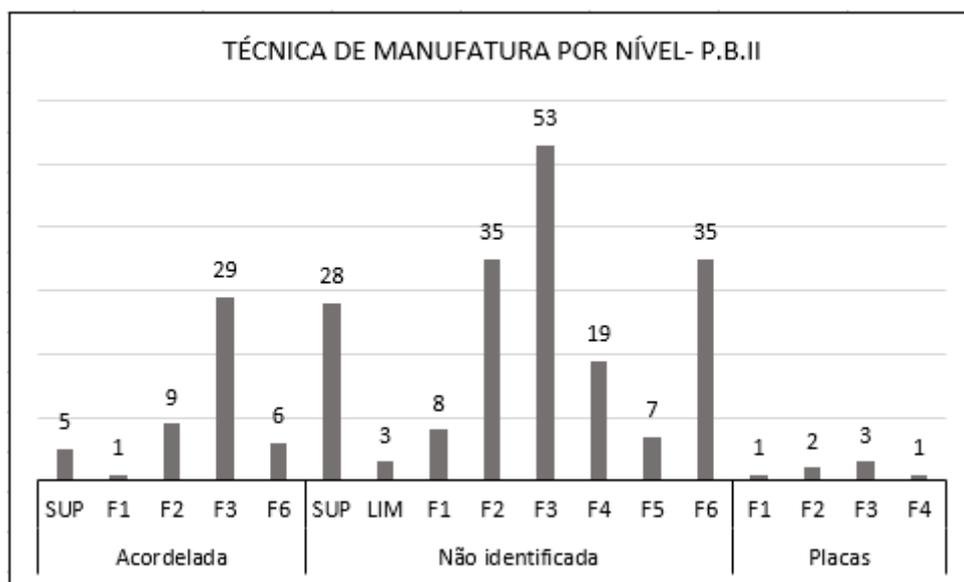


Gráfico 8 - Técnica de manufatura- Porto Belo II

Dentre os diferentes tipos de fragmentos que compõe a vasilha, foram identificados com mais frequência no sítio Porto Belo I, paredes com manufatura modelada (53 fragmentos) e paredes acordeladas (29 fragmentos). As bases estão presentes apenas nos níveis onde há maior presença de fragmentos (níveis 2, 3 e 9). Base manufaturada a partir de placas foi identificada não no nível mais antigo (nível 9), mas também em um nível recente (nível 3) (Gráfico 9).

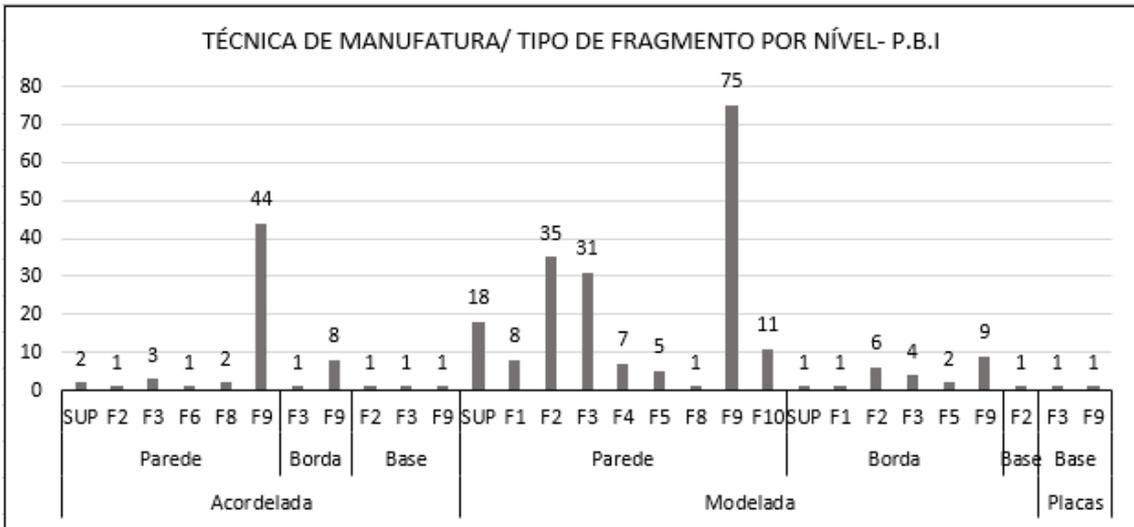


Gráfico 9 – Frequência da classe de fragmentos e técnica de manufatura por nível- PB I

No sítio Porto Belo II, os fragmentos de paredes e bordas, manufaturados por meio da técnica modelada, estão distribuídos em todos os níveis, porém é possível observar no nível 3 que bordas acordeladas são as que predominam. Paredes acordeladas aparece em baixa frequência na coleção. Os fragmentos identificados no gráfico na categoria “outros” corresponde a peças parcialmente completas, um cachimbo nível 2 e um copo nível 3. Nos níveis mais recentes, 1, 2 e 3, é possível observar o uso de placas para manufaturar os vasilhames, estando estas, presentes não só em bases, mas também em paredes (Gráfico 10).

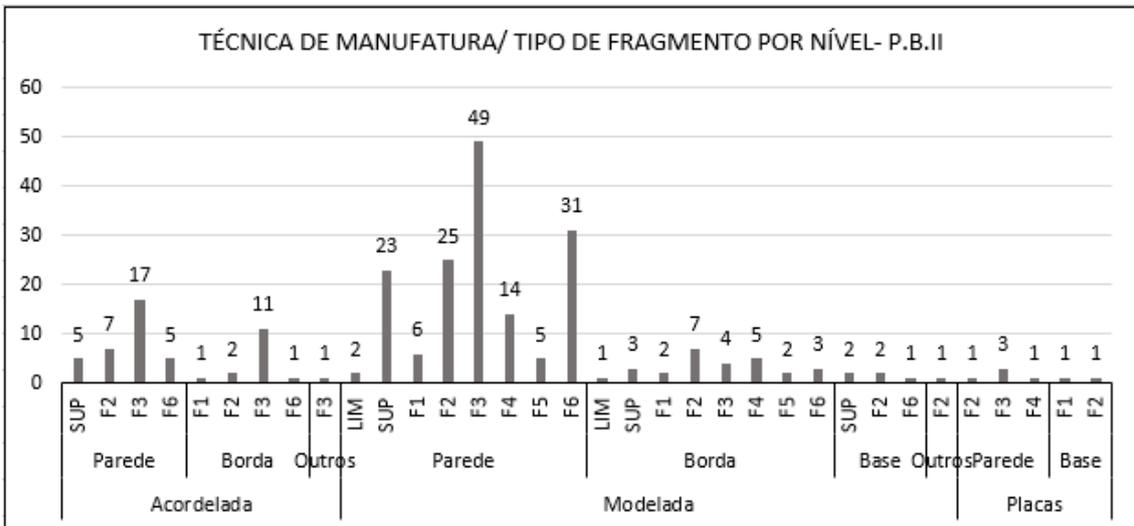


Gráfico 10 - Frequência da classe de fragmentos e técnica de manufatura por nível- PB II

Foi observado no nível 9 do Porto Belo I a presença de 4 fragmentos com possível presença de carvão como antiplástico. com exceção desses quatros fragmentos, o tipo de antiplástico que está presente em toda a coleção são os minerais, sendo os mais recorrentes a combinação de quartzo/mica/feldspato (38%) e quartzo/feldspato (36%). Os fragmentos que apresentam apenas quartzo corresponde a 15% (Gráfico 11).

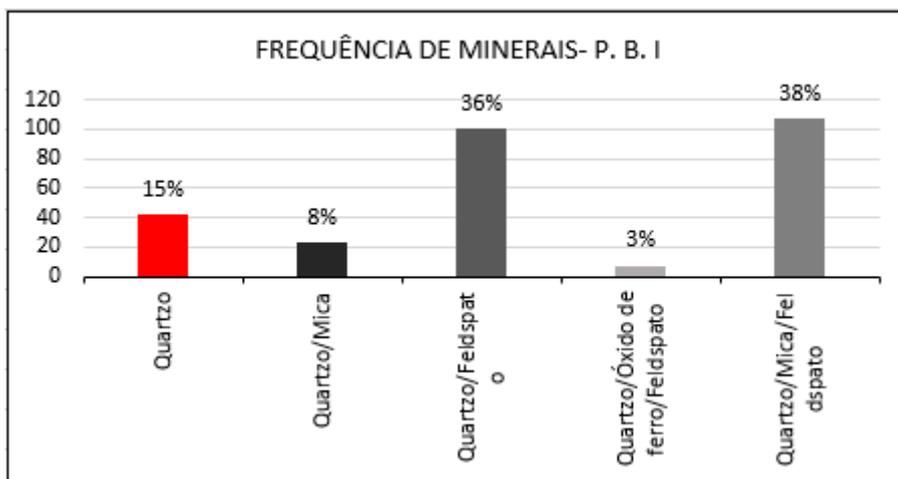


Gráfico 11 - Frequência dos minerais- Porto belo I

No Porto Belo II há o dobro de combinações de tipos de minerais existentes no Porto Belo I, porém a maioria com baixa frequência. A mais recorrente é quartzo/mica/feldspato (51%) e quartzo/mica, as demais combinações de minerais que compõe a pasta não ultrapassam 10% (Gráfico 12).

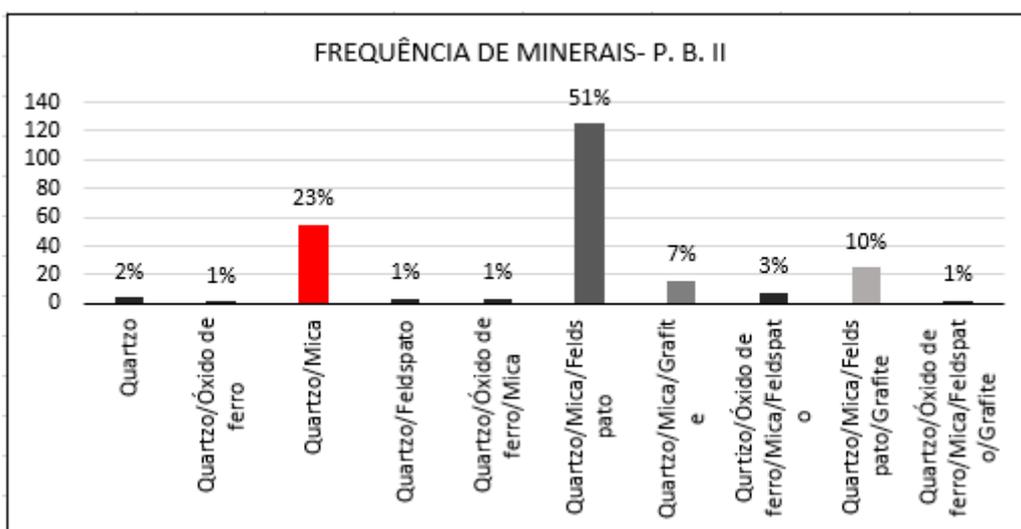


Gráfico 12 - Frequência dos minerais- Porto Belo II

Predominam na coleção dos sítios Porto Belo I fragmentos com mineral com espessura entre 1mm e 3mm, correspondendo 58% (Gráfico 13). No Porto Belo II a espessura dos minerais mais recorrente está entre 3mm e 5mm (Gráfico 14). No Porto Belo II a distribuição da espessura dos minerais (1mm a <3mm; 3mm a <5mm; e >5mm) tem maior proporcionalidade que no Porto Belo I. Não foram observados minerais com espessura abaixo de 1mm no Porto Belo II, essa ocorrência se restringe apenas ao Porto Belo I (14%).

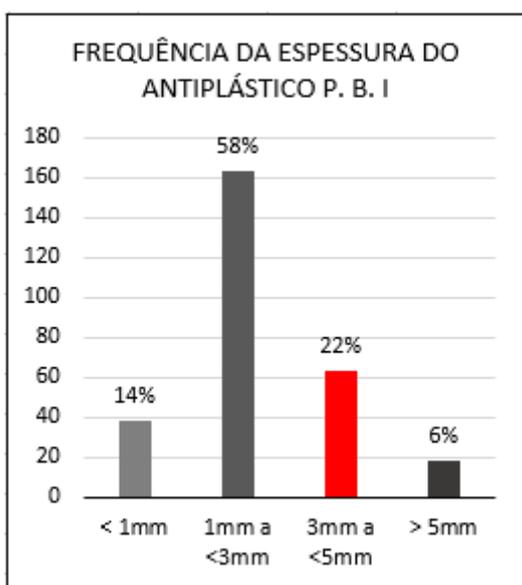


Gráfico 13 - Espessura do antiplástico- PB I

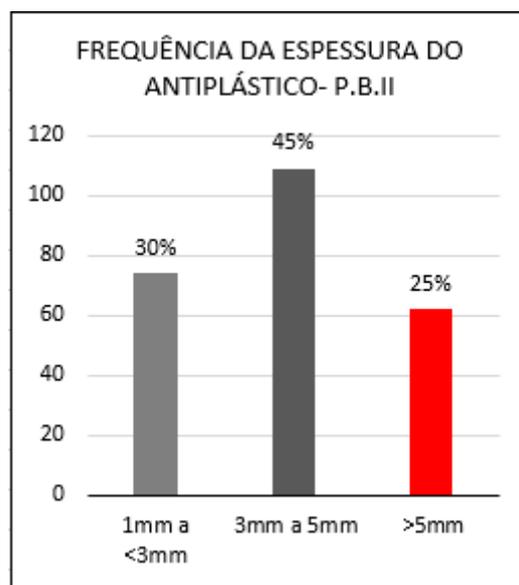


Gráfico 14 - Espessura do antiplástico- PB II

A porcentagem do antiplástico difere muito de um sítio para outro, enquanto no Porto Belo I a predominância é de fragmentos com 10% de antiplástico, sendo observado em 41% da coleção, no Porto Belo II essa mesma quantidade de antiplástico está presente em apenas 14% dos fragmentos. A quantidade de antiplástico que predomina nos fragmentos do Porto Belo II é de 30%, estando presente em metade da coleção, enquanto no Porto Belo I, essa mesma quantidade está presente em apenas 15% dos fragmentos. Já os fragmentos com 20% de antiplástico é observado no Porto Belo I com frequência de 32% e no Porto Belo II com 26%. Fragmentos com 5% de antiplásticos tem baixa recorrência, sendo observado apenas no Porto Belo I (12%) (Gráfico 15) (Gráfico 16).

- No eixo x o número 1 representa 5% de antiplástico; 2 representa 10%; 3 representa 20%; e 4 representa 30% (Gráfico 15) (Gráfico 16). Para análise da

quantidade de antiplástico, que é subjetiva, com efeito tivemos a nossa disposição o quadro de referência de Orton et al, 1993:238 (Figura 25).

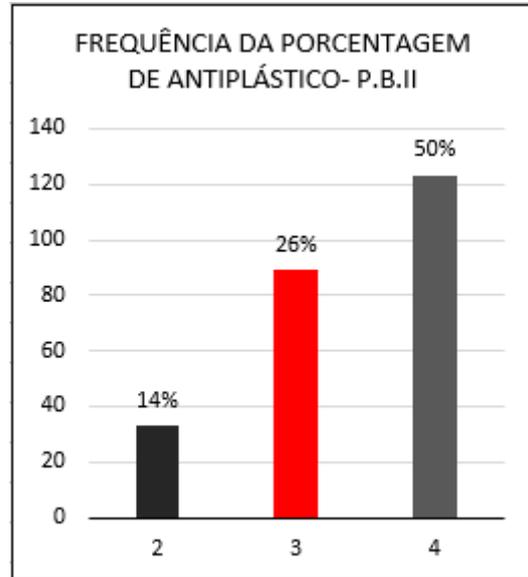
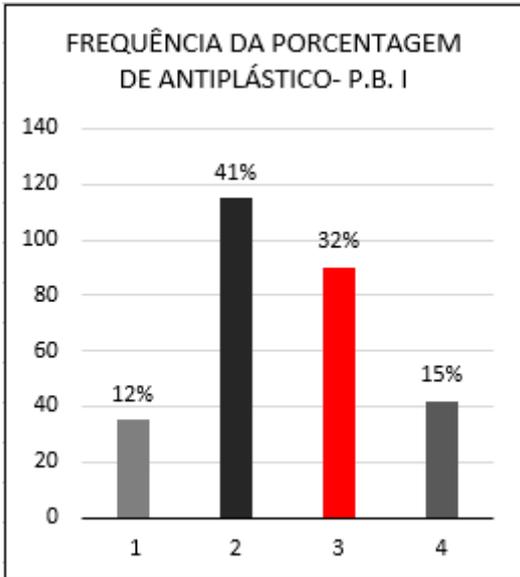


Gráfico 15 - Porcentagem do antiplástico- PBI Gráfico 16- Porcentagem do antiplástico- PB II

No Porto Belo I os fragmentos com presença de minerais arredondados (38%) e minerais com angulosidade média (36%) são predominantes na coleção. Minerais muito angulosos também tem recorrência significativa, estando presente em 20% dos fragmentos da coleção (Gráfico 17).

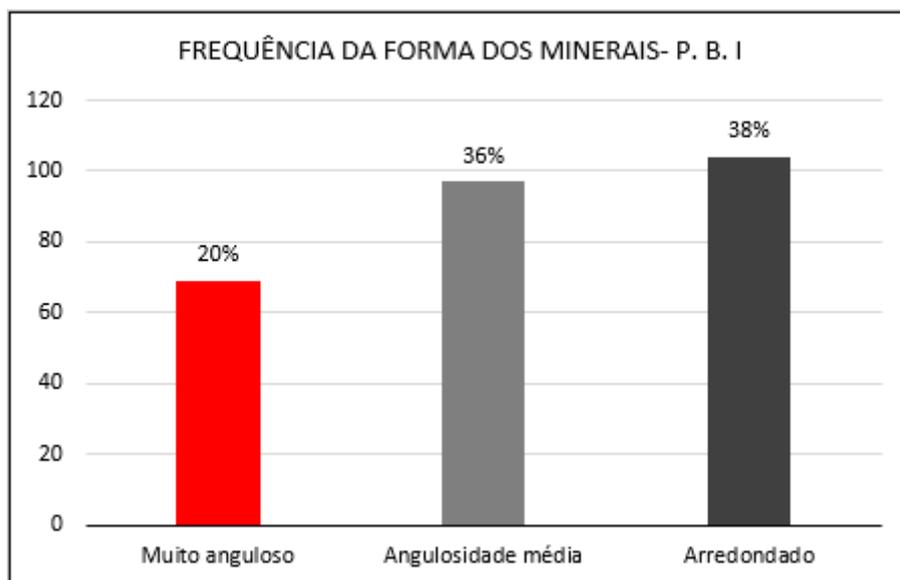


Gráfico 17 - Forma dos minerais- Porto Belo I

No Porto Belo II acontece o inverso do tipo de ocorrência do Porto Belo I, os minerais são predominantemente angulosos, com presença de minerais com angulosidade média em 34% dos fragmentos e muito angulosos em 53%. Minerais arredondados tem recorrência de 13% (Gráfico 18).

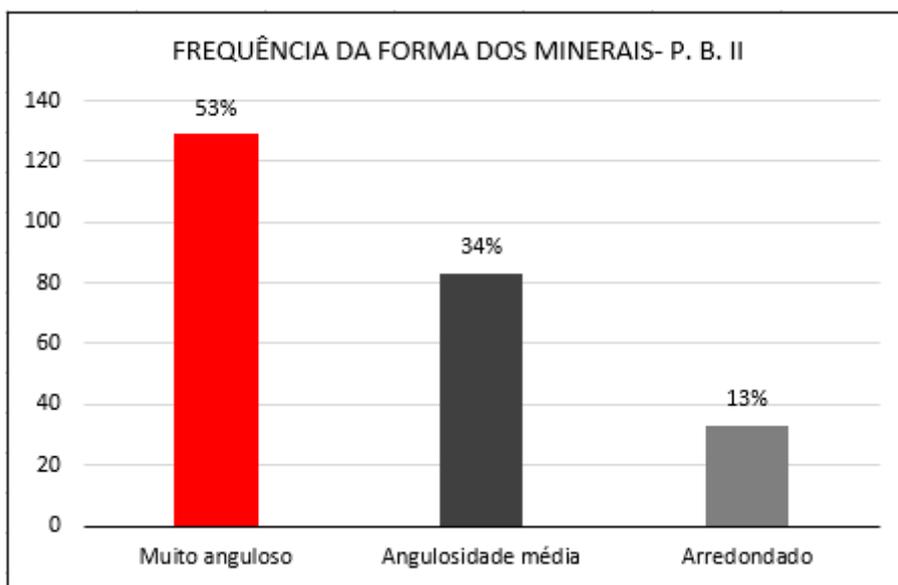


Gráfico 18 - Forma do antiplástico- Porto Belo II

## PASTA

Combinamos as características do antiplástico para definir os tipos de pastas utilizadas na manufatura da cerâmica de cada sítio. Dessa forma, foram selecionados os seguintes atributos.

- Tamanho do antiplástico: <1mm; 1mm a 2,9mm; 3mm a 5mm; >5mm
- Porcentagem do antiplástico: 5%, 10%, 20% e 30 (Figura 23)
- Forma do antiplástico: muito anguloso, angulosidade média, arredondado (Figura 22).

No Porto Belo I identificamos três tipos de pasta recorrentes.

**Pasta 1-** mineral com tamanho de 1mm a 5mm; 10% a 20% de antiplástico e mineral muito anguloso.

**Pasta 2-** Tamanho do mineral de 1mm a 5mm; 10% a 20% de antiplástico e mineral com angulosidade média.

**Pasta 3-** Tamanho do mineral de 1mm a 5mm; 10% a 20% de antiplástico e mineral arredondado.

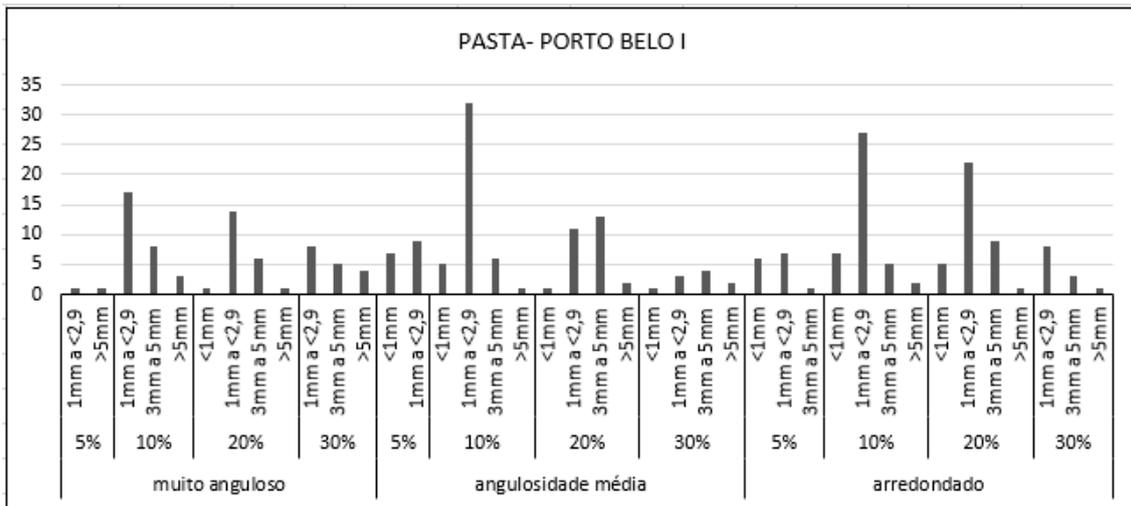


Gráfico 19 – Tipo de pasta- Porto Belo I

Porto Belo II a uniformidade nas características do antiplástico identifica apenas dois tipos de pasta recorrentes.

**Pasta 1-** Tamanho de 1mm a >5mm; 20% a 30% de antiplástico e mineral muito anguloso.

**Pasta 2-** Tamanho de 1mm a >5mm; 20% a 30% de antiplástico e mineral com angulosidade média.

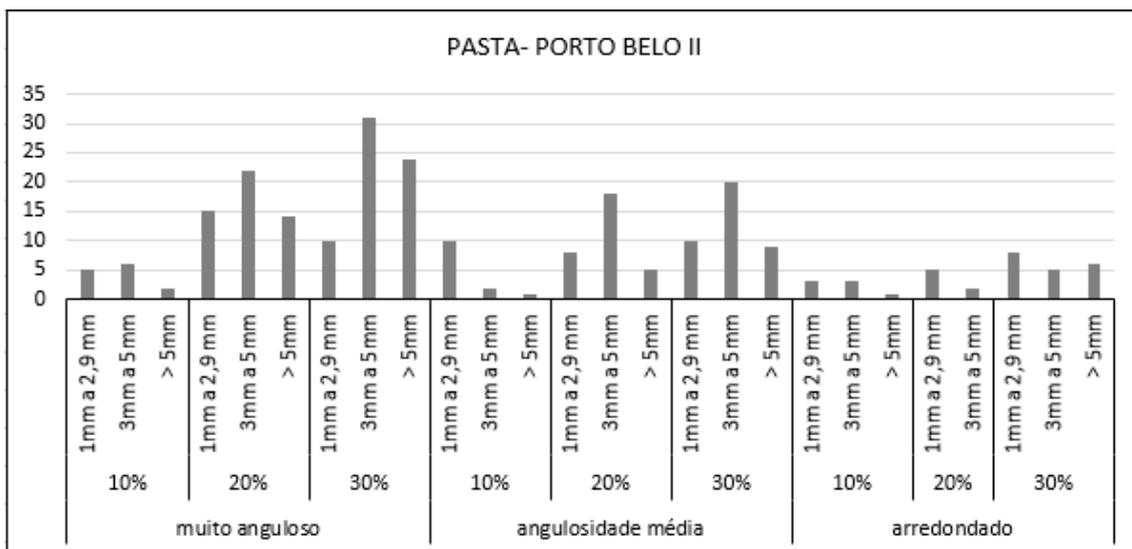


Gráfico 20 - Tipo de pasta- Porto Belo I

No Porto Belo II não há tanta variabilidade quanto no Porto Belo I o que nos leva a acreditar que esta constatação se deve ao fato do Porto Belo I ter tido dois períodos de ocupações distintos, conseqüentemente, locais diferentes para extração da argila. Observamos que os fragmentos com maiores espessuras são mais recorrentes no Porto Belo II, é também mais comum nesse sítio fragmentos com grandes quantidades de antiplásticos e com mineral que vai de muito anguloso a anguloso médio o que difere totalmente do Porto Belo I, que apresenta mineral com espessura mais fina, arredondado e quantidade média. Essas características da pasta do Porto Belo II são indicativos de que o mineral foi adicionado intencionalmente.

## Cor

Verificou-se a presença de quatro tipos de cores nos fragmentos dos sítios Porto Belo I e Porto Belo II. As cores presentes nos dois sítios são as mesmas e em proporções semelhantes, contudo, com exceção da cor marrom, essas cores não estão presentes em um número significativo de fragmentos. No Porto Belo I, a soma dos fragmentos de cor vermelha, cinza e preta não ultrapassa 15% do total da amostra analisada, porém à cor da superfície interna que predomina na coleção é a cor marrom, estando presente em 85% dos fragmentos da coleção. Semelhante ao Porto Belo I, a coleção do Porto Belo II é composta por fragmentos, na sua maioria, de cor marrom, estando presente em 81% dos

fragmentos, enquanto a soma das cores vermelha, cinza e preta se aproxima dos 20% (Gráfico 21) (Gráfico 22).

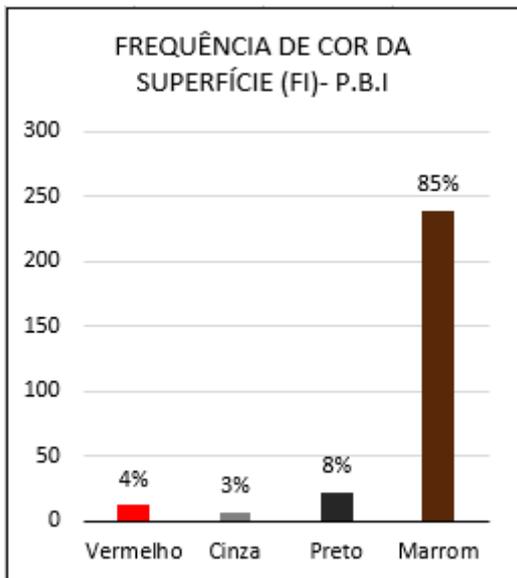


Gráfico 21- Cor da superfície (FI)- PB I

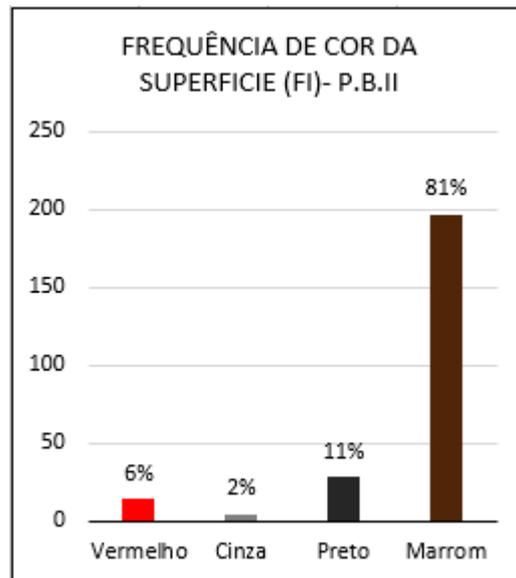


Gráfico 22 - Cor da superfície (FI)- PB II

## Queima

A queima redutora (39%) tem predominância na coleção do sítio Porto Belo I, seguido da queima oxidante externa/redutora interna (26%). A queima oxidante foi observada em 15% dos fragmentos, já a queima oxidante com núcleo muito reduzido é observada em 10% da coleção. Os demais tipos de queima têm baixa frequência na coleção (Gráfico 23).

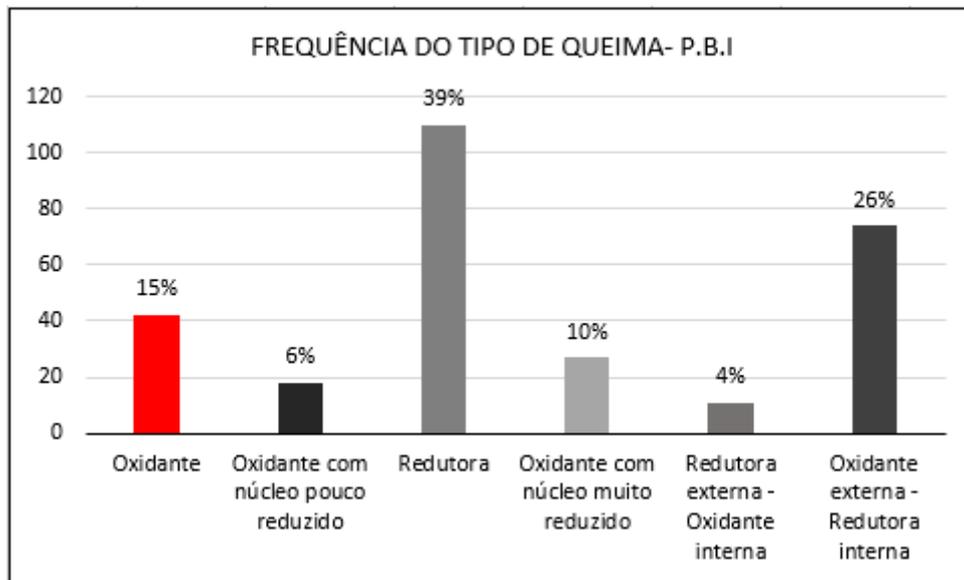


Gráfico 23- Tipo de queima- Porto Belo I

Os tipos de queima do Porto Belo II são observados em proporções semelhantes ao Porto Belo I. A queima redutora (34%) e a queima oxidante externa/redutora interna (26%) são os tipos que predominam na coleção. A queima oxidante é observada em 12% e a queima oxidante com núcleo muito reduzida em 14%. Os demais tipos de queima são observados com baixa frequência na coleção (Gráfico 24).

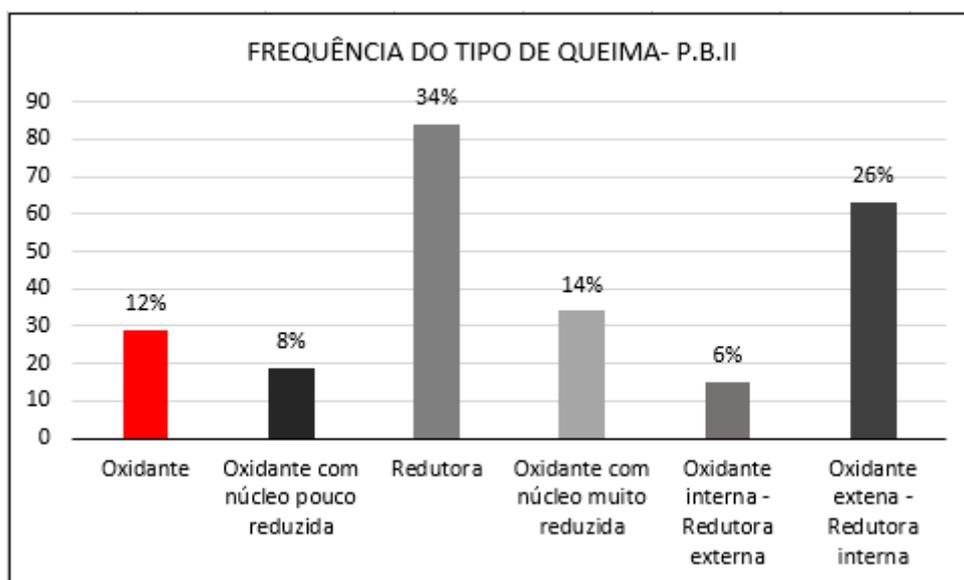


Gráfico 24 - Tipo de queima- Porto Belo II

Dos fragmentos analisados do sítio Porto Belo I, 80% estavam bem conservados, 11% estavam erodidos na face externa e 8% na face interna. Fragmentos erodidos em ambas as faces representaram apenas 1% da coleção. No Porto Belo II, apesar da predominância ser de fragmentos em bom estado de conservação (55%), é recorrente a presença de fragmentos erodidos na face externa (25%). A face interna dos fragmentos tem uma frequência mais baixa de erosão (9%), já os fragmentos erodidos em ambas as faces têm recorrência de 11% na coleção.

Essa diferença no estado de conservação dos fragmentos dos dois sítios pode estar relacionada ao tipo de depósito de cada sítio. Enquanto a estratigrafia do sítio Porto I é formada por quatro pacotes sedimentar bem definidos, o Porto Belo II é formado apenas por areia e silte compactado (Figura 22) (Figura 23).

### **Estado de conservação**

No sítio Porto Belo I os fragmentos erodidos estão distribuídos em todos os níveis e em baixa frequência, sendo mais recorrente nos níveis 2, 3, 9 e superfície (Gráficos 25 e 27).

No sítio Porto Belo II a maioria dos fragmentos erodidos estão presentes nos níveis 2, 3 e 6, sendo a predominância da erosão na face externa. O nível 3 apresenta recorrência de fragmentos erodidos tanto na face externa (22 fragmentos), quanto em ambas as faces (13 fragmentos) (Gráficos 26 e 28)

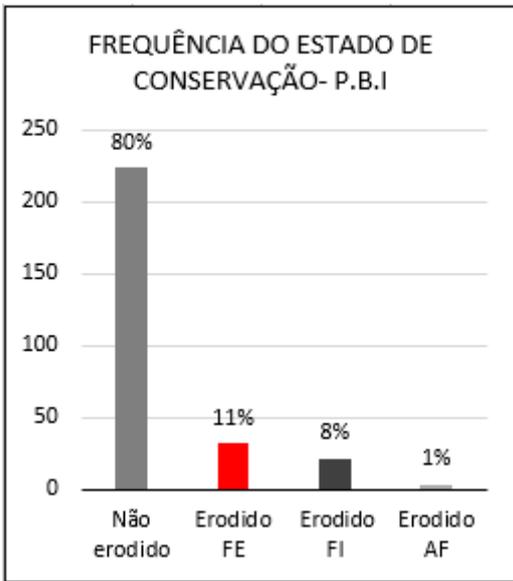


Gráfico 25 - Estado de conservação- PB I

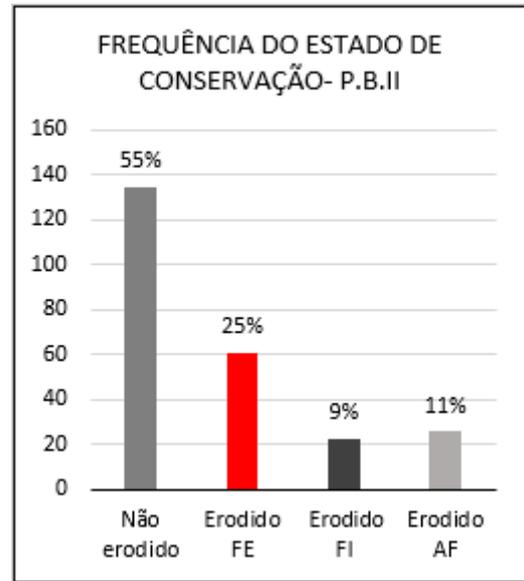


Gráfico 26 - Estado de conservação- PB II

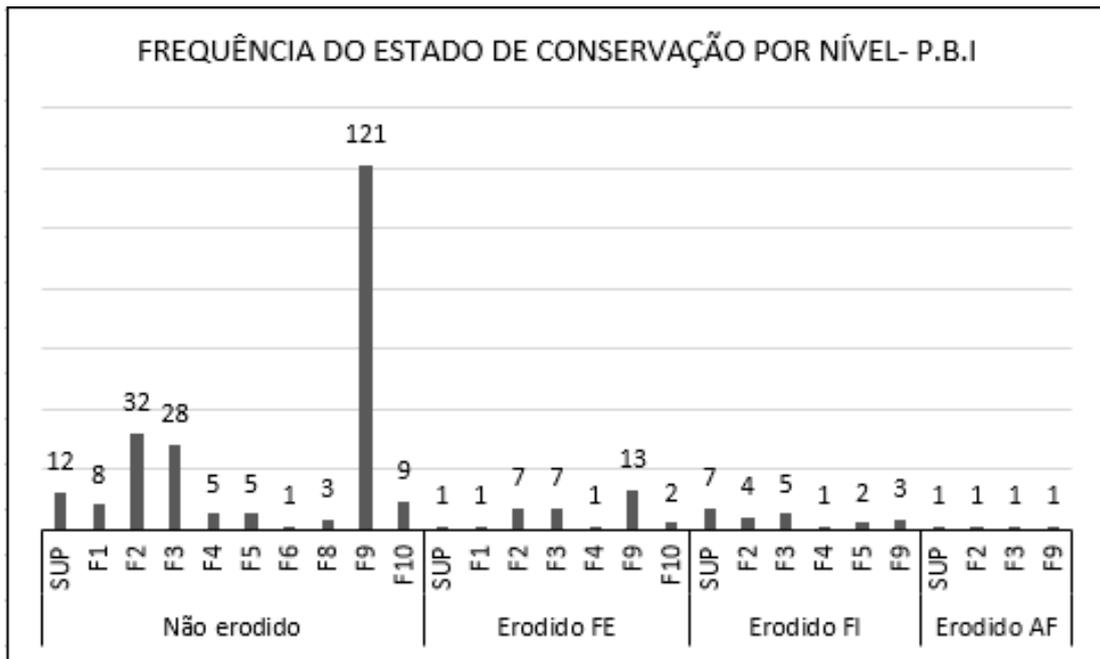


Gráfico 27 - Estado de conservação por nível- Porto Belo I

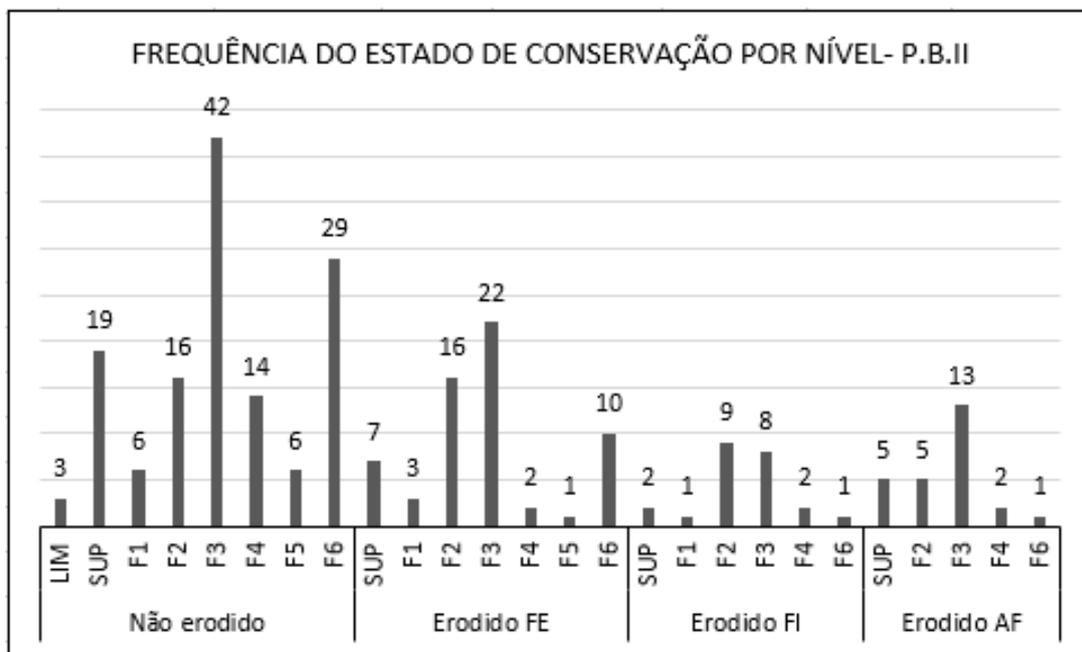


Gráfico 28 - Estado de conservação por nível- Porto Belo II

### Tipo de alisamento

O tipo de alisamento predominante no Porto Belo I é o alisamento fino na face interna, presente em 57% dos fragmentos e o alisamento médio na face externa, com frequência de 49%. Na face externa o alisamento fino corresponde a 31% e o alisamento grosso a 19%. Já na face interna o alisamento médio é observado em 34% dos fragmentos, enquanto o alisamento grosso tem baixa frequência (7%). O polimento não é muito usual na cerâmica desse sítio, mas ainda assim é uma escolha estando presente em 2% na face interna e 1% na face externa dos fragmentos (Gráfico 29).

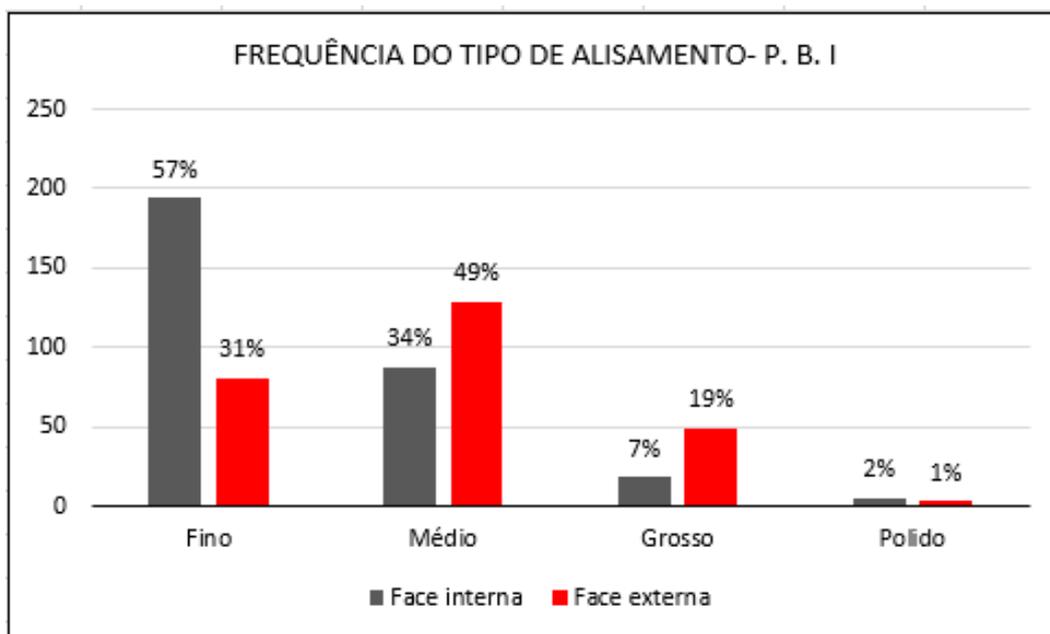


Gráfico 29 - Tipo de alisamento- Porto Belo I

O Sítio Porto Belo II também apresentou os mesmos tipos de alisamento predominantes do Porto Belo I. O alisamento fino na face interna dos fragmentos corresponde a 40%, enquanto na face externa é observado em 22% dos fragmentos. O alisamento médio na face externa é observado em 47% dos fragmentos, esse tipo de alisamento também é recorrente na face interna, estando presente em 31% dos fragmentos analisados. O alisamento grosso é observado praticamente na mesma proporção na face interna e externa sendo 22% e 20%, respectivamente. Já o polimento tem baixa frequência nos fragmentos da coleção, foram identificados apenas 7% na face interna e 11% na face externa (Gráfico 30).

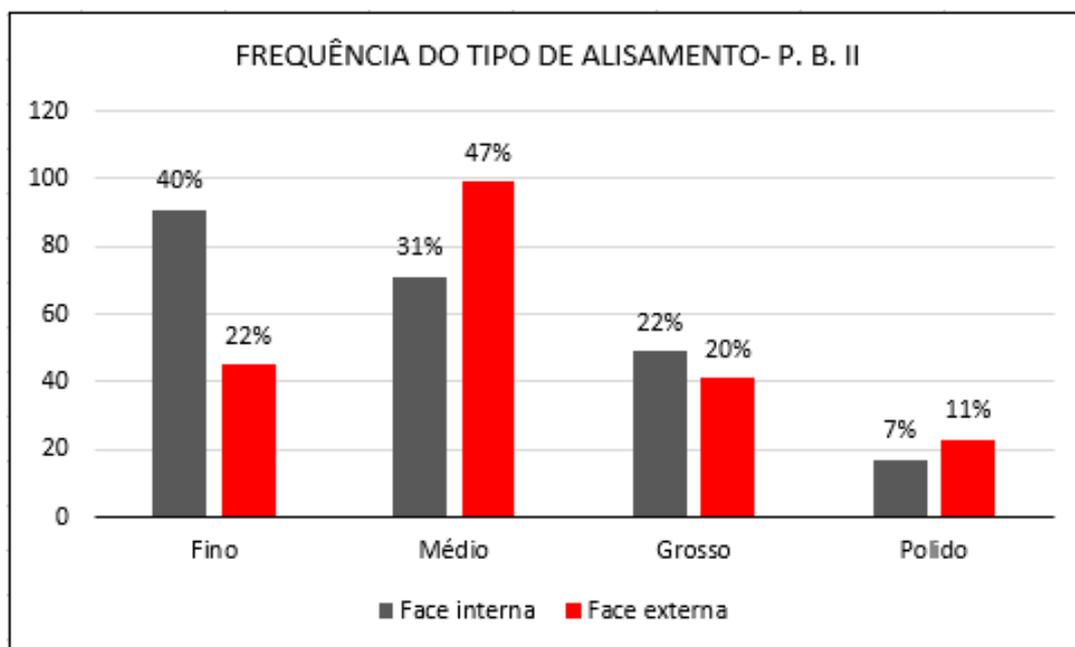


Gráfico 30 - Tipo de alisamento- Porto Belo II

### Tratamento de superfície

Algo interessante observado nos fragmentos da coleção dos sítios Porto Belo I e II é que a aplicação do tratamento de superfície é mais recorrente na face interna e não na face externa.

No sítio Porto Belo I há ausência de tratamento de superfície em fragmentos presentes nos níveis 1, 5, 6 e superfície. No nível nove estão presentes os tres tipos de engobo, sendo que o vermelho e o marrom foram identificados em face interna e externa e o branco apenas em face interna. O engobo vermelho foi observado em ambas as faces nos níveis 2, 3 e 9, o branco apenas na face interna dos fragmentos nos níveis mais profundos (8 e 9), já o engobo marrom foi observado na face interna dos fragmentos presentes nos níveis 3, 4, 8, 9 e 10 e na face externa de um fragmento no nível 9 (Gráfico 31).

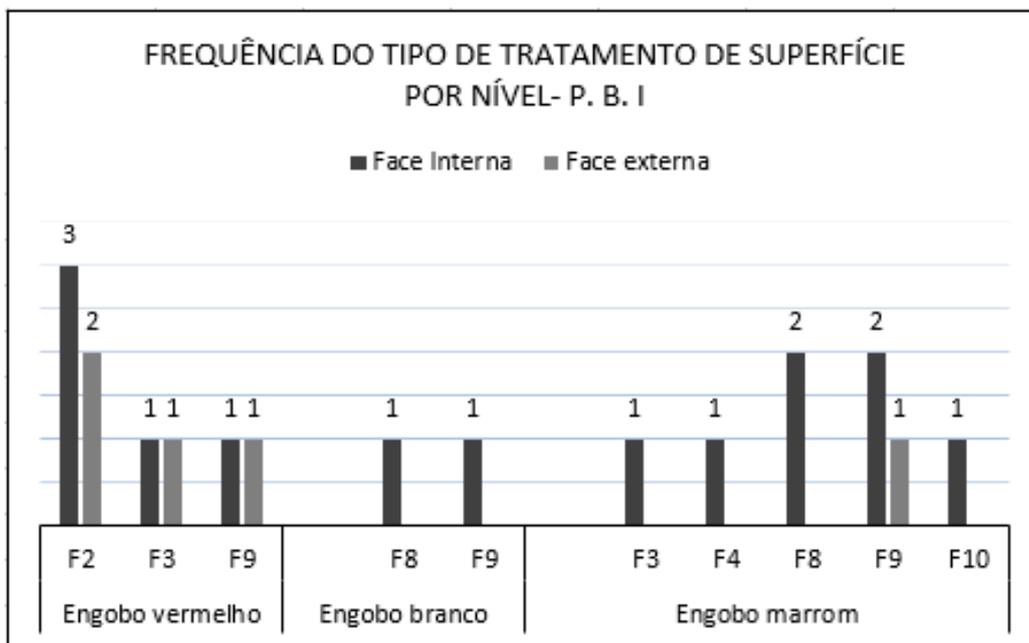


Gráfico 31 - Tratamento de superfície por nível- Porto Belo I

No sítio Porto Belo II foram observados dois tipos de tratamento de superfície na face interna dos fragmentos, o engobo vermelho e o engobo marrom. O engobo vermelho é recorrente em todos os níveis e sua preseça é mais frequente em fragmentos do nível 3. O engobo marrom foi identificado com baixa frequência no nível 3 e no nível 4. Na face externa, o tratamento de superfície aplicado não é tão expressivo quanto na face interna. Foi identificado engobo vermelho em apenas 11 fragmentos distribuidos nos níveis 1, 2 e 3 (Gráfico 32).

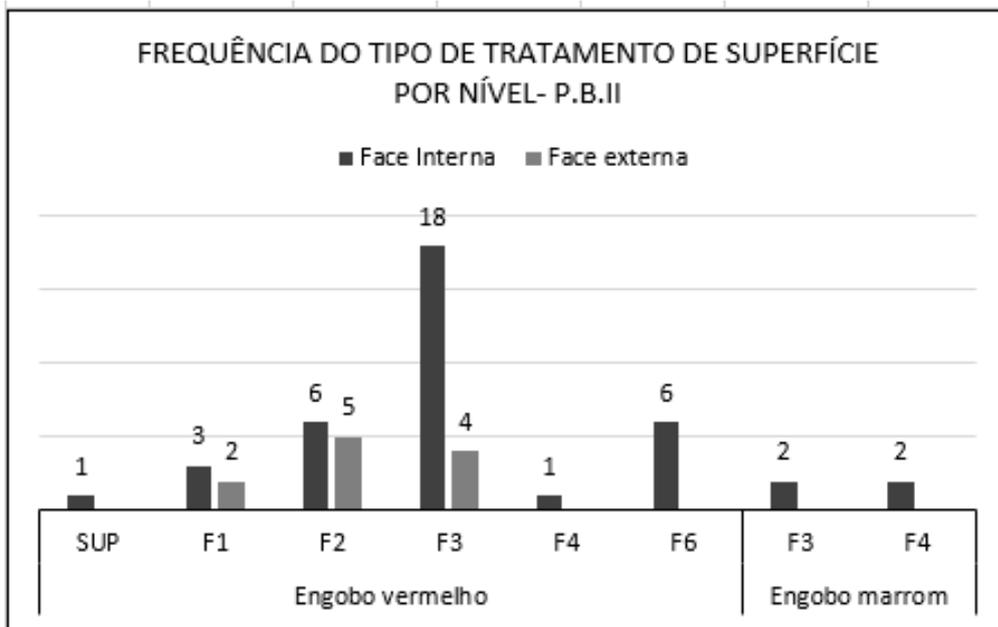


Gráfico 32 - Tratamento de superfície por nível- Porto Belo II

### Espessura dos fragmentos

A maioria dos fragmentos da coleção do Porto Belo I tem entre 0,5cm e 1cm de espessura, ocorrência observada em 75% da coleção, fragmentos com espessura de 1cm a 1,5cm compõem 20% da coleção, já os fragmentos com espessura muito fina menor que 0,5cm e os muito espessos, acima de 1,5cm, tem frequência (Gráfico 33).

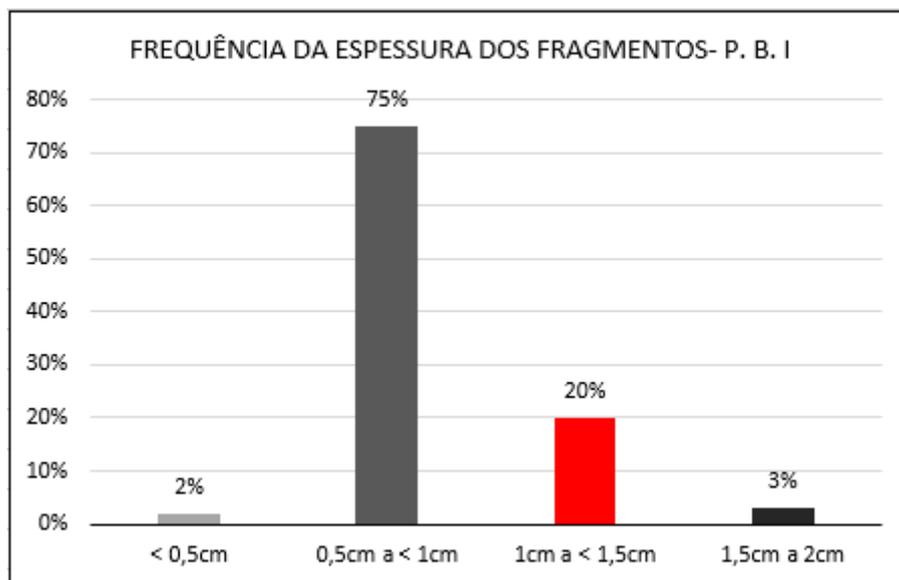


Gráfico 33 - Espessura dos Fragmentos- Porto Belo I

Os fragmentos com espessura de 0,5cm a 0,9cm são predominantes na coleção do Porto Belo II, com frequência de 47%. Fragmentos com espessura entre 1cm a 1,4 também são recorrentes, sendo essa a espessura de 40% dos fragmentos, já os fragmentos muito finos, com espessura menor que 0,5cm, tem baixa frequência na coleção. Algo interessante no Porto belo II que não ocorre no Porto Belo I é a presença significativa de fragmentos com espessura acima de 1,5cm, ocorrência observada em 12% dos fragmentos da coleção (Gráfico 34).

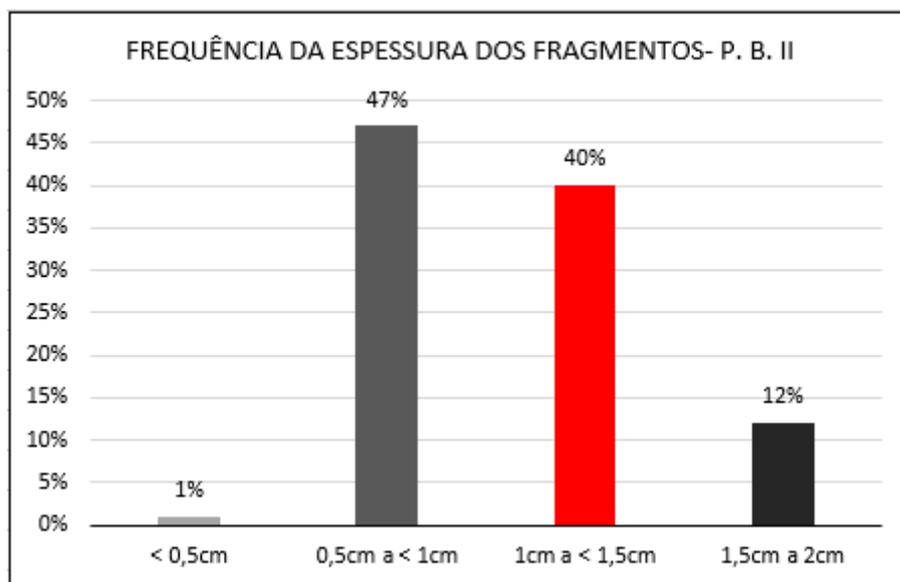


Gráfico 34 - Espessura dos Fragmentos- Porto Belo II

## Decoração

A distribuição do tipo de decoração nos níveis estratigráficos permitiu observar temporalidades específicas no uso de determinados tipos de decoração plástica. No Porto Belo I os tipos de decoração mais recorrente nos níveis é o inciso fino e o exciso, estando presente no nível 9, 10 e superfície. A grande maioria dos fragmentos decorados estão presentes no nível 9, foram observados sete tipos de decoração, sendo os mais recorrentes o inciso fino e o roletado (Gráficos 35 e 36).

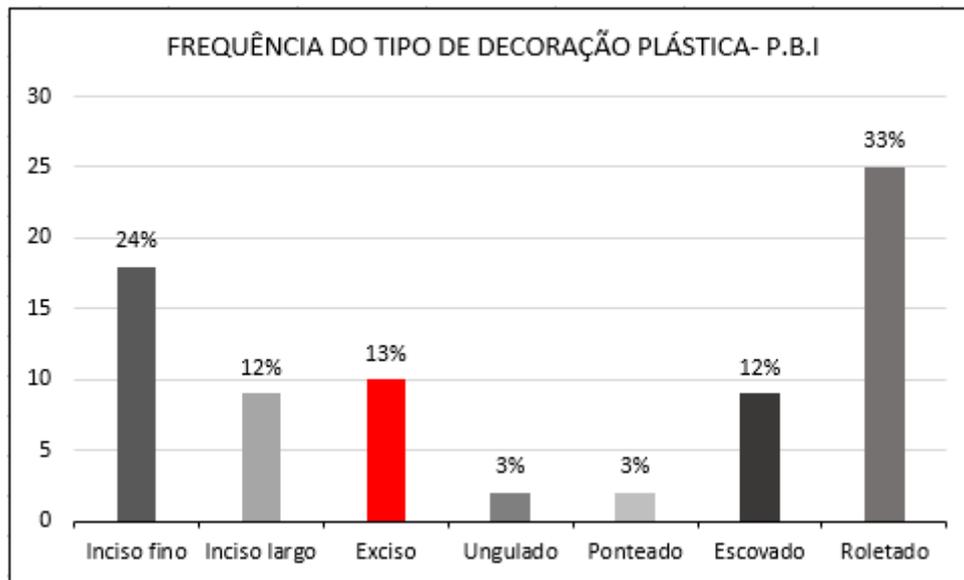


Gráfico 35 - Tipo de decoração plástica- Porto Belo I.

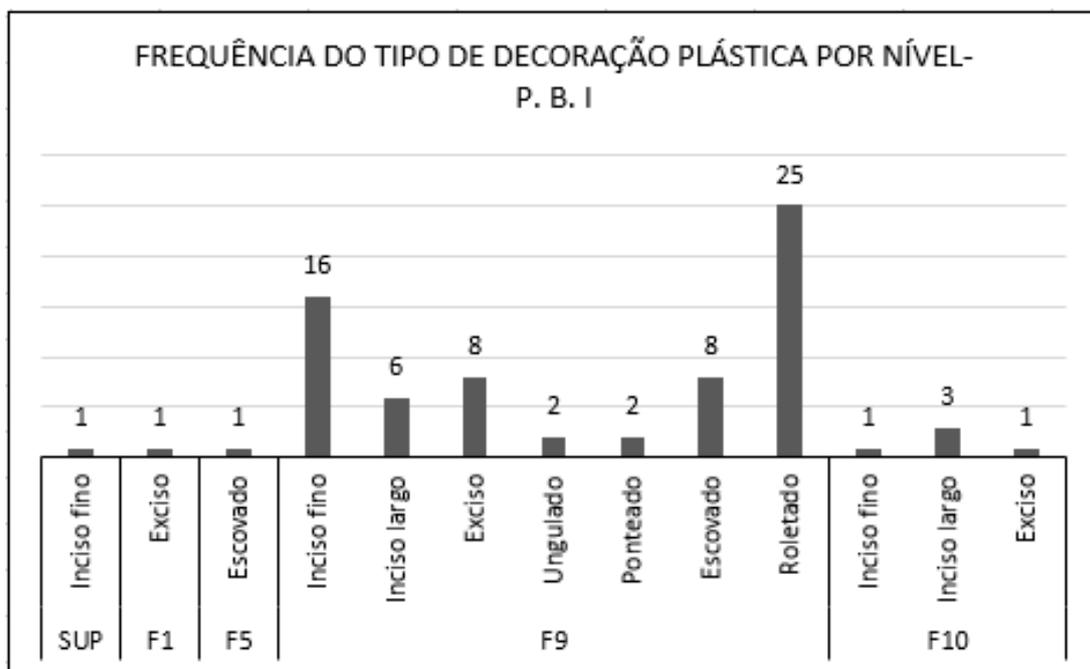


Gráfico 36 - Tipo de decoração plástica por nível- Porto Belo I.

No porto Belo II os fragmentos decorados têm baixa frequência na coleção. Foram observados 12 fragmentos decorados, sendo 2 no nível mais antigo e 10 na superfície. O tipo mais recorrente é o inciso fino estando presente em 8 fragmentos, sendo 7 na superfície e 1 no nível 6. O escovado também é observado nos dois níveis, já o exciso foi observado apenas na superfície (Gráfico 37).

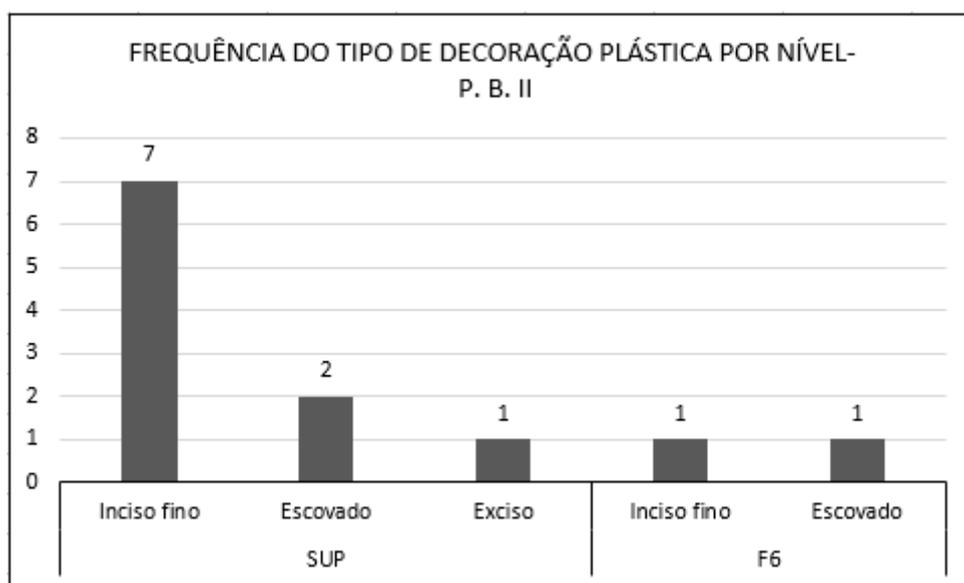


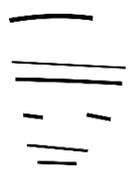
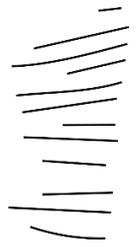
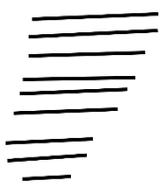
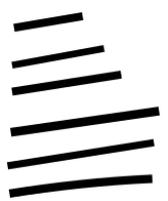
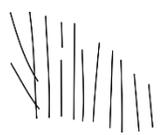
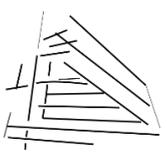
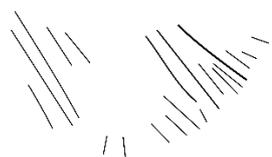
Gráfico 37 - Tipo de decoração plástica por nível- Porto Belo II

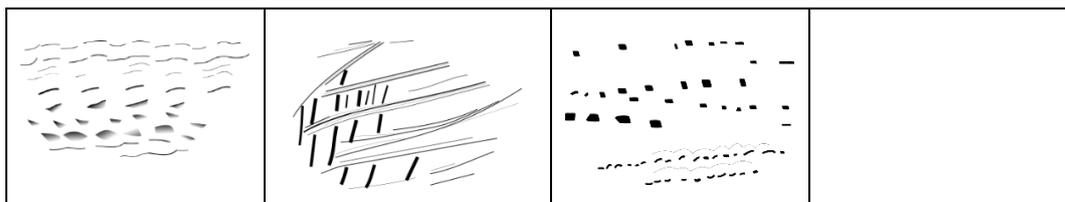
### Padrão decorativo dos sítios Porto Belo I e II

A decoração plástica ocorre na face externa dos vasilhames, a maioria em fragmentos de parede, não foi possível precisar a direção dos motivos, pois a presença de bordas nesses fragmentos decorados, que possibilitaria a indicação do seguimento dos traços na totalidade da peça, é inexistente. Em alguns casos, também não foi possível determinar se a composição das linhas resulta em um padrão ou se este encontra-se inacabado.

Quadro 13 - Padrão decorativo - Porto Belo I

1. nível 1	nível 9		2. nível 10
3. nível 9	4. nível 9		
5. nível 9	nível 9	nível 9	nível 9

			
6. nível 9	nível 9		7. superfície
			
8. nível 9	nível 9	nível 9	
			
9. nível 9	10. nível 9	11. nível 9	
			
12. nível 9	13. nível 10		
			
14. nível 9	nível 9	nível 9	nível 9
			
15. nível 9	16. nível 9	17. nível 9	
			
18. nível 9	19. nível 9	20. nível 9	



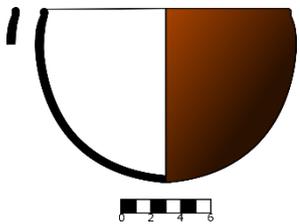
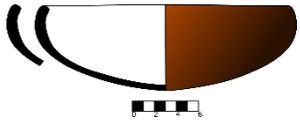
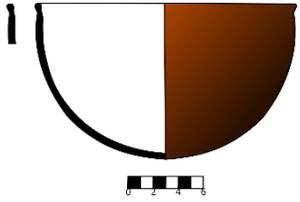
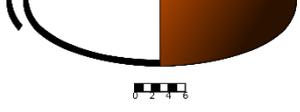
Quadro 14 - Padrão decorativo Porto Belo II

1. superfície	2. superfície	superfície
superfície	Nível 3	3. superfície
4. superfície	superfície	5. superfície

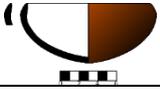
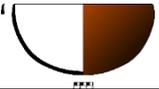
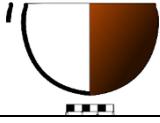
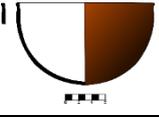
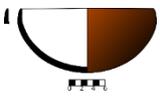
## TIPOLOGIA

A reconstrução gráfica permitiu identificar, no sítio Porto Belo I, 05 formas diferentes (Quadro 15). Os fragmentos de bordas passíveis de reconstrução foram identificados apenas na superfície e em três níveis arqueológicos - níveis 2, 5 e 9. Proporcionalmente, as formas mais recorrentes nos diferentes níveis foram as formas 2 e 3, estando estas presente nos níveis 9, 2 e superfície (forma 2); e nos níveis 2, 5 e 9 (forma 3). As demais formas só foram identificadas apenas em um único nível cada: forma 1, nível 5; forma 4, nível 9; e forma 5, nível 2 (Quadros 15 e 16).

**TIPOLOGIA DAS FORMAS DO SÍTIO PORTO BELO I**

<p>Forma 1</p> 	<p><b>Vasilha esférica</b> com contorno simples e boca constricta. Borda direta; inclinada verticalmente; espessura com reforço externo; lábio arredondado. O diâmetro da boca mede 16cm e o volume 1,81l.</p>
<p>Forma 2</p> 	<p><b>Vasilha semi-esférica</b> com contorno simples e boca constricta. Borda direta; inclinada internamente ou verticalmente; espessura normal; lábio arredondado, apontado ou plano. O diâmetro da boca varia de 13cm a 28cm, e o volume, de 0,75l a 13,79l.</p>
<p>Forma 3</p> 	<p><b>Vasilha semi-esférica</b>, contorno simples e boca aberta. Borda direta; inclinada verticalmente ou externamente; espessura normal ou expandida; lábio arredondado, biselado ou plano. O diâmetro da boca varia de 20cm a 44cm, e o volume, de 2,27l a 22,92l.</p>
<p>Forma 4</p> 	<p><b>Vasilha em forma de calota</b>, contorno simples e boca aberta. Borda direta; inclinada externamente; espessura normal ou contraída; lábio arredondado. O diâmetro da boca varia de 19cm a 32cm, e o volume, de 0,99l a 4,32l.</p>
<p>Forma 5</p> 	<p><b>Vasilha em forma de calota</b>, contorno simples e boca constricta. Borda direta, inclinada verticalmente, espessura normal; lábio arredondado. O diâmetro da boca mede 40cm e o volume 9,91l.</p>

Quadro 16 - Recorrência tipológica nos níveis – Porto Belo I

INCIDÊNCIA DE FORMA POR NÍVEL – SÍTIO PORTO BELO I					
	Forma 1	Forma 2	Forma 3	Forma 4	Forma 5
Sup.					
Nível 2					
Nível 5					
Nível 9					

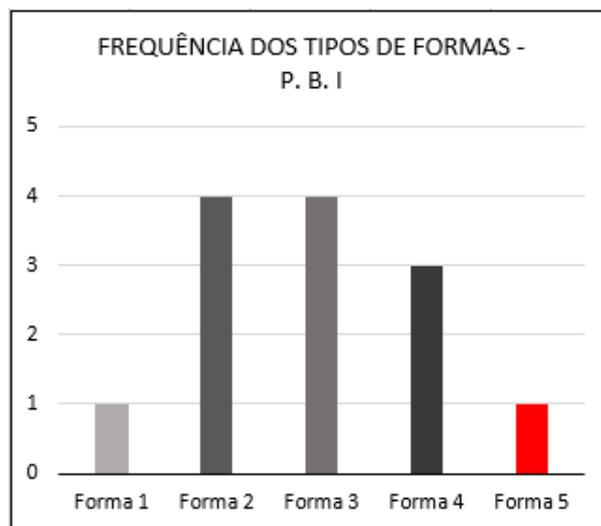


Gráfico 38 - Frequência das formas- PBI

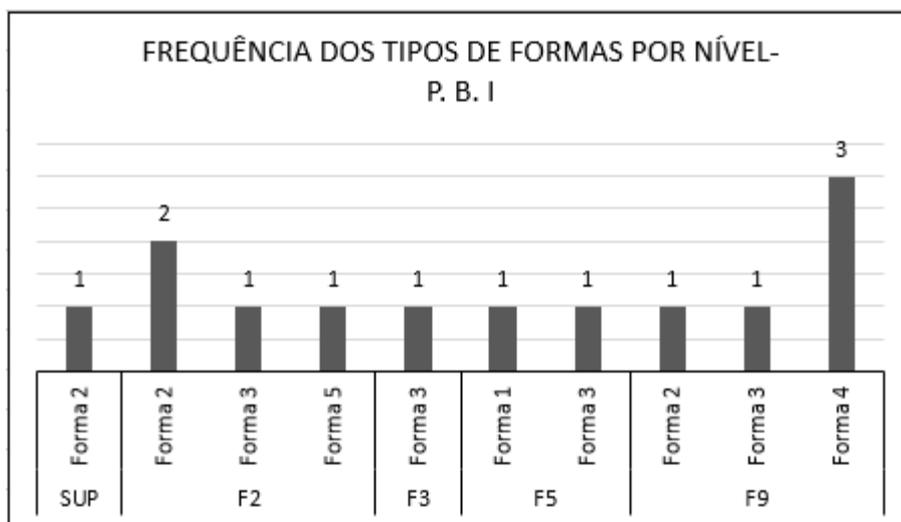


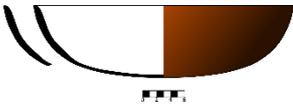
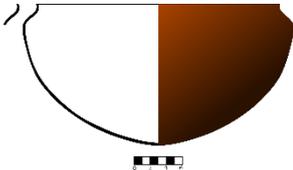
Gráfico 39 - Frequência das formas por nível- Porto Belo I

O sítio Porto Belo II apresentou 6 formas diferentes, de modo que, todas as formas encontradas no Porto Belo I estão também presentes no porto Belo II (Quadro 17). A forma 6 é a única que aparece apenas no Porto Belo II, o fragmento do qual foi feita a reconstrução gráfica é muito fino, com 0,4 centímetros de espessura, sendo a espessura do lábio de 0,2cm, polido na face externa e confeccionado a partir da técnica modelada, é um fragmento visivelmente diferente dos demais fragmentos da coleção (Figura 24).

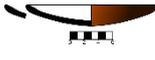
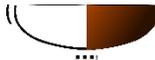
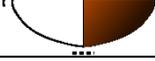
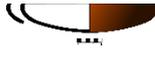
Quadro 17 - Reconstruções gráficas da cerâmica do Porto Belo II

### TIPOLOGIA DAS FORMAS DO SÍTIO PORTO BELO II

Forma 1		<b>Vasilha esférica</b> com contorno simples e boca constricta. Borda introvertida ou direta; inclinada verticalmente ou internamente; espessura normal; lábio arredondado. O diâmetro da boca varia de 19cm a 24cm, e o volume, de 4,60l a 6,46l.
Forma 2		<b>Vasilha semi-esférica</b> com contorno simples e boca constricta. Borda direta; inclinada internamente ou verticalmente; espessura normal ou reforçada externamente; lábio arredondado ou plano. O diâmetro da boca varia de 9cm a 38cm, e o volume, de 0,41l a 15,43l.
Forma 3		<b>Vasilha semi-esférica</b> com contorno simples e boca aberta. Borda direta; inclinada externamente; espessura normal; lábio arredondado ou plano. O diâmetro da

	boca varia de 28cm a 50cm, e o volume, de 3,79l a 15,55l.
Forma 4 	<b>Vasilha em forma de calota</b> com contorno simples e boca aberta. Borda direta ou introvertida; inclinada externamente, internamente ou verticalmente; espessura normal; lábio arredondado ou apontado. O diâmetro da boca varia de 17cm a 44cm, e o volume de 0,29l a 12,46l.
Forma 5 	<b>Vasilha em forma de calota</b> com contorno simples e boca constricta. Borda direta; inclinada verticalmente, espessura normal ou reforçada externamente; lábio arredondado ou plano. O diâmetro da boca varia de 32cm a 40cm, e o volume, de 3,59l a 10,59l.
Forma 6 	<b>Vasilha semi-esférica</b> com contorno inflectido e boca constricta. Borda cambada, inclinada direta, espessura normal e lábio biselado. O diâmetro da boca mede 44cm, e o volume, 10,13l.

Quadro 18- Recorrência tipológica nos níveis – Porto Belo II

INCIDÊNCIA DE FORMA POR NÍVEL – SÍTIO PORTO BELO II						
	Forma 1	Forma 2	Forma 3	Forma 4	Forma 5	Forma 6
Sup.						
Lim.						
Nível 1						
Nível 2						
Nível 3						
Nível 4						

Nível 5						
Nível 6						



Figura 24 - Fragmento de borda diferenciada- Porto Belo II

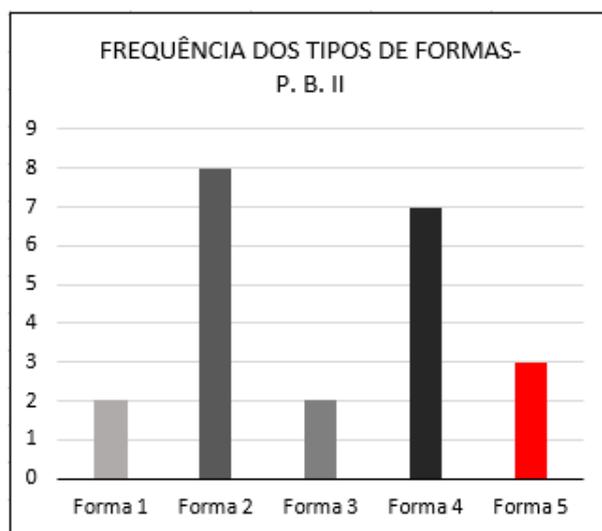


Gráfico 40 – Frequência das formas- PB II

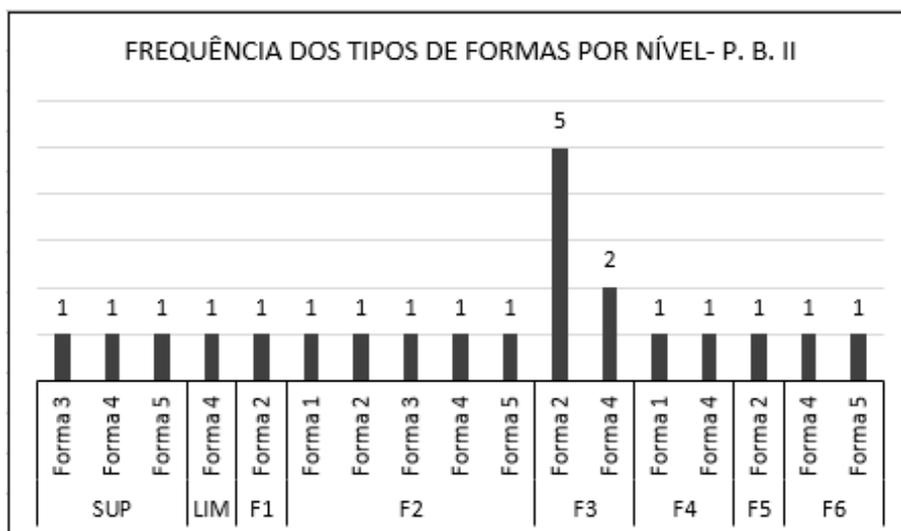


Gráfico 39 - Frequência das formas por nível- Porto Belo II

## **5. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **PORTO BELO I**

O sítio Porto Belo I é um sítio com uma configuração muito particular e ao que parece, está diretamente relacionada ao Porto Belo II. Não há ruptura no modo tradicional de enformar a argila, contudo existem elementos que distingue dois momentos de ocupação.

No Porto Belo I o primeiro momento de ocupação começa no nível 10 e vai até o nível 8. Usam a técnica acordelada para manufaturar as vasilhas, aliás 83% do emprego dessa técnica é verificada nesse momento. Tratam as superfícies das vasilhas com engobo vermelho e marrom. Esse é o momento de ocupação mais expressivo do sítio verificado por meio da decoração, 90% dos fragmentos decorados estão nos níveis 9 e 10. Dentre os tipos de decoração é observado o ungulado, ponteadado, escovado, inciso largo/fino, exciso e roletado.

As vasilhas produzidas no sítio são de baixo e médio volume, as maiores comportam aproximadamente 23 litros, já as menores são preenchidas com menos de 1litro. As formas que mais recorrem nos níveis é a semi-esférica constricta com diâmetro de 13cm a 28cm e a forma semi-esférica aberta com diâmetro de 20cm a 44cm. Essas características indicam uso individual e doméstico. Não há vasilhas que indiquem armazenamento de líquidos.

### **PORTO BELO II**

No sítio Porto Belo II, a cerâmica não apresenta uma frequência alta de fragmentação, pouco mais de 10% dos fragmentos são menores que 2cm, porém observamos uma recorrência considerável de fragmentos com pasta friável e consequentemente erodidos, algo não observado no Porto Belo I.

A maioria do estado de erosão ocorre na superfície externa dos fragmentos, essa constatação pode estar diretamente relacionada ao fato do tratamento de superfície ser, em grande maioria, na superfície interna, ocasionado não só uma maior impermeabilidade

da vasilha e conseqüentemente aumentado sua vida útil, mas também, sua conservação pós-deposicional (Figura 25).



Figura 25 - Fragmento de borda erodido na face externa - Nível 3, Porto Belo II.

Com relação a pasta, não observamos no Porto Belo II tanta variabilidade quanto no Porto Belo I, o que nos leva a acreditar que esta constatação se deve ao fato do Porto Belo I ter tido dois períodos de ocupações distintos, conseqüentemente, locais diferentes para extração da argila. Observamos que os fragmentos com maiores espessuras são mais recorrentes no Porto Belo II, é também mais comum nesse sítio fragmentos com grande quantidade de antiplásticos e com mineral que vai de muito anguloso a anguloso médio o que é um indicativo de que o mineral foi adicionado intencionalmente na pasta. O Porto Belo I difere totalmente do Porto Belo II, apresenta mineral com espessura menor, arredondado e quantidade média.

Os moradores do Porto Belo II dominavam as três técnicas de manufatura, placa, modelada e acordelada. A técnica acordelada tem uma recorrência significativa no nível 3. Os fragmentos manufaturados a partir de placas foi observado não só em bases, mas também em paredes (classificamos alguns fragmentos de paredes manufaturados por meio de placas, mas não desconsideramos a possibilidade de estes serem, parte de bases planas). Identificamos dois tipos de bases: plana reforçada com mais de duas placas, algo não muito comum no registro arqueológico (Figura 26); e côncava (Figura 27) (Figura 28).

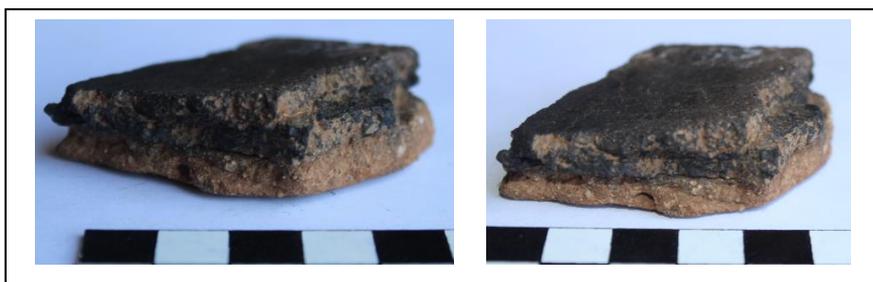


Figura 26 - Base plana- nível 1



Figura 27 - Base côncava - nível 2



Figura 28 - Base côncava- superfície

No sítio Porto Belo II a maioria dos fragmentos apresentam coloração marrom, queima redutora seguida de queima oxidante externa/redutora interna, a espessura varia de 0,5cm a 1,5cm. Observamos também uma presença significativa de fragmentos com espessura acima de 1,5cm. As formas apresentaram capacidade volumétrica baixa e média, o volume máximo chega a aproximadamente 15,5 litros, as vasilhas menores são preenchidas com menos de 1litro. As formas mais recorrentes nos níveis é a vasilha em forma de calota com boca aberta e diâmetro de 17cm a 44cm, e a forma semi-esférica constricta com diâmetro de 9cm a 38cm. O diâmetro das vasilhas aumenta

significativamente no Porto Belo II em relação ao Porto Belo I, porém a capacidade volumétrica permanece baixa, o que significa que a produção está concentrada em vasilhas rasas com abertura ampla da boca. O sítio também apresenta forma que indica o uso de pratos. As formas das vasilhas e as características das bases sugerem vasilhas usadas para cocção de alimentos e vasilhas de uso individual. Assim como no Porto Belo I, não foram identificadas formas que indiquem armazenamento de líquidos.

O Porto Belo II também é caracterizado por um elemento muito representativo para alguns povos indígenas do Nordeste: o cachimbo. Como observado entre os Tuxá da Ilha da Viúva (Figura 11), a prática ritual é composta pelo uso de substâncias que induzem o transe, dentre elas o uso da Jurema e fumo de rolo. O cachimbo nessas cerimônias é de uso imprescindível. Alguns dos sítios de Xingó contam com a presença de cachimbos em sua coleção, é o caso do sítio Justino, São José I, Barracão e Porto Belo II. Os cachimbos do sítio São José e do sítio Barracão aparentam ser de contextos recentes (ALCÂNTARA, 2019).

O cachimbo da coleção do Porto Belo II é classificado como tubular com a forma rabo de peixe, (ALCÂNTARA, 2019). O nível 2, onde o cachimbo foi evidenciado, é caracterizado pela presença de uma estrutura, nove ossos de fauna, dois ossos humano, cerâmica e lítico.

Na nossa análise foi possível identificar as seguintes características:

- Manufatura: moldado
- Conservação: parcialmente erodido
- Cor da superfície interna: preta
- Alisamento: fino
- Espessura: 1,1 cm
- Antiplástico mineral: quartzo e mica
- Mineral: arredondo
- Concentração de antiplástico: 30%;
- Pasta: friável

Após análise dos aspectos técnico/morfológico do cachimbo, construímos um modelo hipotético para sua manufatura: o cachimbo aparenta ser constituído de duas camadas de argila, uma interna e outra externa (Figura 29). A camada interna apresenta algumas estrias/sulcos que sugerimos ser marcas do molde, possivelmente de madeira, usado para produção do orifício da chaminé (formato elipsoide). A camada externa, aplicada sobre a primeira camada de argila já moldada, seria orientada para dar forma ao cachimbo. O orifício da parte distal, cuja função é ascender o cachimbo e permitir a circulação do ar em cada tragada, foi produzido, possivelmente, utilizando-se de uma ferramenta cortante.



Figura 29 - Cachimbo rabo de peixe- Porto Belo II

Além do cachimbo o sítio Porto Belo II conta com a presença de um outro objeto semi-inteiro em sua coleção. Apesar da aplicação de tratamento de superfície no sítio Porto Belo II ter uma maior recorrência na face interna da cerâmica, o objeto caracteriza-se por apresentar um alisamento fino com polimento na superfície externa, revestido com uma camada de engobo vermelho (Figura 31).



Figura 31 - Copo revestido com engobo vermelho- Porto Belo II

Outro elemento que nos chamou atenção na coleção do sítio porto Belo II foi um fragmento de parede que contém uma possível tentativa de conserto da peça. A camada de argila, superposta na superfície externa da vasilha foi aplicada, possivelmente, quando

a cerâmica não apresentava mais plasticidade, esta pode ter se fragmentado em uma das etapas de produção, secagem ou queima, ou já em estado de uso (Figura 32).



Figura 32 - Fragmento com marca de conserto-  
Porto Belo II

Partindo do pressuposto que só se conserta aquilo que é importante, podemos considerar que os ceramistas do Porto Belo II tinham um elevado apreço pela cerâmica, não sendo, portanto, diante de uma rachadura, descartadas de imediato. Essa valorização da cerâmica, representada pelo prolongamento da vida útil da vasilha, pode estar ligado a fatores relacionados a utilidade doméstica ou de caráter simbólico.

## COMPARAÇÃO INTER-SÍTIO

Em escala espacial a variabilidade da cerâmica é mais recorrente nos atributos que caracterizam a pasta e nas formas dos vasilhames (Quadro 19).

Quadro 19- Comparação dos atributos predominantes na cerâmica do Porto Belo I e II

	<b>Porto Belo I</b>	<b>Porto Belo II</b>
Classe	parede, borda e base	Parede, borda Base, copo e cachimbo
Manufatura	Modelada, (acordelada nos níveis mais antigos)	modelada
Antiplástico	Quartzo/ mica/ feldspato; e quartzo/ feldspato	Quartzo/ mica/ feldspato; e quartzo/mica
Forma do antiplástico	Arredondado	Muito anguloso
Frequência do antiplástico	10%	30%

Espessura do antiplástico	1mm a 3mm	3mm a 5mm
Cor	Marrom	Marrom
Queima	Redutora; e oxidante externa/redutora interna	Redutora; e oxidante externa/redutora interna
Conservação	Predominantemente não erodidos	Quantidade significativa de erosão (FE)
Alisamento (FI)	Fino	Fino
Alisamento (FE)	Médio	Médio
Tratamento de superfície	engobo vermelho;	engobo vermelho
Marcas	Alisamento/polimento	Alisamento/polimento; remendo
Sinais de uso	-	-
Bordas	Predominantemente direta	Predominantemente direta
Bases	Plana com placas	Plana com placas; côncava; e convexa
Capacidade volumétrica	Baixa e média (aproximadamente 23 litros no máximo)	Baixa e média (aproximadamente 16 litros no máximo)
Decoração plástica	Roletada; escovada; incisa; excisa; ponteadas; e ungulada.	incisa; escovada
Espessura dos fragmentos	0,5cm a 1cm	0,5cm a 1,5cm

Mesmo sendo evidente a diferença das pastas, comparando os dados da cerâmica dos dois sítios, observamos que a cerâmica da primeira ocupação do Porto Belo I tem mais similaridade com a cerâmica do Porto Belo II do que com a segunda ocupação do Porto Belo I.

Enquanto a primeira ocupação do Porto Belo I é caracterizada pela variabilidade da decoração, no Porto Belo II o que chama atenção é a variabilidade morfológica e a permanência dessas formas nos diferentes níveis. Das três formas identificadas nos níveis mais antigos do Porto Belo I, a forma 4 não tem recorrência nos níveis mais recentes do Porto Belo I, porém tem recorrência em praticamente todos os níveis do Porto Belo II (Quadro 20). A decoração incisa, escovada e excisa, mesmo sendo com baixa frequência, foi verificada no Porto Belo II, mas não é observado nos níveis mais recentes do Porto Belo I.

Quadro 20 - Presença das formas nos níveis dos sítios Porto Belo I e II

<b>Porto Belo I</b>	<b>Porto Belo II</b>
---------------------	----------------------

	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Sup.		X							X	X	X	
Lim.												X
Nível 1								X				
Nível 2		X	X		X		X	X	X	X	X	
Nível 3								X		X		
Nível 4							X			X		
Nível 5	X		X					X				
Nível 6										X	X	
Nível 9			X	X	X							

Quadro 21- Cerâmica do sítio Porto Belo I





Porto Belo I- segunda ocupação





Quadro 22 - Cerâmica do sítio Porto Belo II





Apresentamos a seguir um quadro com os elementos mais relevantes observados na cerâmica dos sítios de Xingó que tiveram sua coleção analisada (Quadro 23;24).

Quadro 23 - Análise da cerâmica dos sítios Cipós, Barracão e Vitória Régia

	<b>Cipó</b>	<b>Barracão</b>	<b>Vitória Régia</b>
Classe	parede, borda, base, fuso, alça, asa e bolota de argila	Parede, borda e base	Parede, borda, base e bolota de argila
Manufatura	modelada, acordelada e torno	acordelada, torno (níveis recentes), não identificada (modelada)	não identificada (modelada); acordelada (baixa frequência)
Antiplástico	Mineral (quartzo, mica e feldspato)	mineral (quartzo e mica)	mineral (quartzo e mica); caco moído
Frequência do antiplástico	10% e 20%	5%	
Cor	Preto; marrom; vermelho; amarelo; cinza; e laranja	marrom, amarelo ocre, cinza	
Queima	Redutora	redutora	Redutora
Conservação	Predominantemente sem erosão	quantidade significativa de erosão (FE)	
Alisamento (FI)		médio	fino e médio
Alisamento (FE)		médio	fino e médio
Tratamento de superfície	engobo vermelho; branco; marrom;	engobo vermelho; marrom; esfumarado	engobo vermelho; marrom; branco (inexpressivo)
Marcas	Raspagem; alisamento/polimento	furo próximo a borda; alisamento/polimento e torno	furo próximo a borda
Sinais de uso			
Bordas	Introvertida (maior recorrência); extrovertida; e direta	Direta e extrovertida (com entalhe)	Borda direta, introvertida e extrovertida (com entalhe)
Bases	Côncava e plana com ponta angular		
Capacidade volumétrica	Baixa, média e alta (aproximadamente 35 litros no máximo)	Baixa (aproximadamente 14 litros no máximo)	
Decoração plástica	Escovada; incisa; roletada; ungulada; entalhada;	Incisa; entalhado; escovado/incisa; escovado (níveis mais recentes)	Escovada; incisa; roletada (corrugada, excisa, digitado e digitoungulado tem baixa frequência)

Decoração pintada	Branco, vermelho preto e marrom (níveis recentes)	Branco e vermelho	Pintura
-------------------	---------------------------------------------------	-------------------	---------

Fonte: SCHUSTER, 2018; DANTAS, 2018; PAIVA, 2019.

Quadro 24 - Análise da cerâmica dos sítios Curitiba, Justino São José e Jeremum

	<b>Curitiba</b>	<b>Justino</b>	<b>São José</b>	<b>Jeremum</b>
Classe	Parede, borda; Base e alça	Parede, borda e Base, cachimbo, vasilhas inteiras	Parede, borda e Base	Parede, borda, Base e fuso
Manufatura	acordelada	acordelada		acordelada
Antiplástico			areia; areia e mica	
Porcentagem				
Cor				
Queima	Redutora	redutora		redutora
Conservação				
Alisamento (FE)	fino			
Alisamento (FE)	fino			
Tratamento de superfície	Engobo vermelho		Engobo branco; marrom; preto	
Marcas				
Sinais de uso				
Bordas	Diretas; extrovertidas			
Bases				
Capacidade volumétrica				
Decoração plástica	Incisas; escovadas; roletadas e corrugadas			
Decoração pintada	Pintura branca		Pintura sobre engobo	

Fonte: DANTAS et al. 2006; VERGNE et al, 2006; LUNA, 2001.

No sítio Curitiba, fragmentos decorados, com engobo e com alisamento fino são mais recorrentes nos níveis iniciais. Do nível 6 ao 10 há apenas alguns fragmentos com incisões. São cerâmicas finas, a maioria com espessura entre 7mm a 9mm, bordas

extrovertidas e queima oxidante. Nas análises do sítio Curitiba, Luna (2006:163) observou baixa variabilidade tecnológica, morfológica e tratamento de superfície, levando a crer que sua produção era destinada para uso cotidiano.

Ao que parece a partir do nível 6 acontece mudanças significativas em muitos dos sítios de Xingó. Evidentemente esse nível não corresponde a mesma temporalidade em todos os sítios, porém uma mudança que aparentemente não é brusca merece atenção já que reconfigura, em parte, toda uma prática de manufaturar a cerâmica.

No Vitória Régia há um aumento na densidade de fragmentos, o alisamento passa a ser mais elaborado (fino) a medida em que há uma redução de fragmentos decorados (DANTAS, 2018).

No Porto Belo I inicia um novo período de ocupação, dessa vez com uma ampliação da área ocupada (Porto Belo II), há uma redução também dos fragmentos decorados e um aumento na variabilidade técnica/morfológica.

No Cipó, o modo de enformar a argila recebe novas influências: torno, novas formas tipológicas com função bem definida, além da presença de louça e esmalte.

No Barracão, Paiva (2019) considera um contínuo ocupacional do sítio Cipó, pela proximidade e semelhança da cerâmica.

De maneira geral, notamos características na cerâmica dos sítios Porto Belo I e II, que em uma escala menor diferenciam esses dois sítios, e em escala maior, diferenciam estes, dos sítios localizados a jusante da barragem de Xingó (Barracão e Cipó). Os sítios Porto Belo I e II se assemelham por não apresentar decoração pintada, torno, bordas extrovertidas, fusos, louça e esmalte. São também esses mesmos elementos que os diferenciam dos sítios Cipó e Barracão. Trata-se de uma mesma indústria cerâmica, caracterizada não só pela sua variabilidade vertical, mas também horizontal.

Na pesquisa sobre variabilidade cerâmica do sítio Cipó, Schuster (2018:107) considera que os sítios São José, Barracão e Jeremum apresentam um perfil técnico semelhante. Na sua análise, nos níveis mais recentes existem dois tipos distintos de cerâmica ocorrendo no sítio, cerâmica indígena e cerâmica não indígena, que indica o período de contato entre os dois povos. Os elementos que coloca esses vestígios em outra categoria de cerâmica são torno, louças, e esmalte.

“ (...) dos níveis 5 e 6 para baixo ocorreriam apenas cerâmicas indígenas; a partir daí até as camadas de superfície se percebe a presença de cerâmicas confeccionada em torno, louças, tratamento de superfície de esmalte no sítio, marcando o início do processo de contato e colonização que mais tarde viria a dizimar grande parte, mas não todos os indígenas do baixo São Francisco.”

Ao associar a cerâmica do sítio Cipó com a cerâmica Kariri e a cerâmica Xocó, Schuster (2018) está reforçando a ideia de continuidade de uma tradição cerâmica que se manteve no tempo, uma tradição viva, uma tradição que permite ser moldada junto com a argila.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o avanço das pesquisas arqueológicas na região Xingó tem-se delineado uma gama de possibilidades para compreender as populações ceramistas das margens do São Francisco. A pesquisa em questão teve por objetivo discutir história indígena na região por meio da cerâmica dos sítios Porto Belo I e II resgatadas dos terraços do rio São Francisco e Salvaguardada no Museu de Arqueologia de Xingó. Embora resgatados na primeira metade da década de 1990, a grande maioria dos vestígios não passaram por análises. A proposta da pesquisa consistiu na classificação dos atributos cerâmicos para compreender o significado da variabilidade cerâmica em escala temporal e espacial.

O sítio Porto Belo I abarca dois períodos distintos, o período anterior e posterior a invasão portuguesa, por volta do século XVII, coexistindo com 5 sítios da região. Foi observado nas análises que os sítios Porto Belo I e II diferem dos sítios da região, a cerâmica não apresenta elementos como marcas de torno, decoração pintada nem introdução de novas formas tipológicas que surgem em períodos mais recentes, como potes para armazenar água (SCHUSTER, 2018). Uma justificativa provável que talvez explique essa ausência pode estar ligado ao início das missões no rio São Francisco: os primeiros missionários a chegarem ao rio para fundar as missões foram os capuchinhos franceses antes de 1691. Inicialmente fundaram as missões de Rodelas e dos Aramurus no baixo São Francisco (NANTES, 1979:2; DANTAS, 1992:441). Há uma probabilidade, ainda que remota, desses acontecimentos estarem relacionados. As missões podem ter iniciado no mesmo período em que o sítio deixou de ser ocupado, não se excluindo portanto, a possibilidade dos moradores do Porto Belo I terem sido aldeados em algum lugar.

Os sítios da região de Xingó são relativamente próximos, o que nos sugere a existência de relações estreitas entre os seus habitantes. Observamos na etnografia o intercâmbio de pessoas entre os povos indígenas, para realizarem práticas rituais -Xokó e Natu; e compartilhamento de tecnologias -Xóko e Funiô (HOHENTHAL, 1960) (Figura 12) (Figura 13).

O sítio Porto Belo I deixou de ser ocupado em um dado momento, mas continuou sendo visitado. Por volta de  $810 \pm 30$  anos AP o sítio volta a ser habitado a 300m da ocupação inicial (Porto Belo II). Em  $537 \pm 30$  anos AP ocorre uma ampliação dessa área

ocupada. O local escolhido para essa nova ocupação, é o mesmo ocupado inicialmente, logo, o Porto Belo I é marcado por dois momentos distintos, onde o momento mais recente é uma extensão do Porto Belo II.

Verificamos que dentro da produção cerâmica existe elementos mais estáveis no tempo que outros, como a técnica de manufatura, as formas das vasilhas e o tipo de antiplástico, este último, no contexto de Xingó é variável de acordo com a necessidade de se ter locais alternativos para extração de argila.

A decoração na cerâmica do sítio Porto Belo I é verificado no primeiro momento de ocupação, o que nos leva a acreditar que essa é uma característica de um contexto mais amplo, estando relacionada as práticas sociais desenvolvidas nos demais sítios e principalmente, no sítio Justino. A partir do momento em que se abandonam as práticas de enterramento e/ou moradia no Justino (1280±45), deixa-se também de ser verificado no registro arqueológico, cerâmica com uma maior variabilidade dos tipos de decoração, bem como uma redução nos fragmentos manufaturados por meio do acordelamento.

Acreditamos que os dados gerados nesta pesquisa, juntamente com os dados das pesquisas recentes, compõem um importante quadro de referência para os futuros trabalhos que virão a se desenvolver na região.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AB'SABER, Aziz Nacib. Os domínios de natureza no Brasil: Potencialidades paisagísticas. Ateliê Editorial, São Paulo, 2003.
- AB'SABER, Aziz Nacib. O homem dos terraços de Xingó. In: Salvamento arqueológico de Xingó: Relatório Final- PAX. Aracaju: MAX/UFS, p.16-26, 2002.
- AB' SABER, Aziz Nacib. Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida. Estudos avançados, São Paulo: Instituto de Estudos Avançados/USP, v.13, n.36, p.7-59, 1999
- ALBUQUERQUE, Marcos. Ocupação Tupiguarani no estado de Pernambuco. Clio. Recife: Editora Universitária, n.4, 1991, p.115-116.
- ALCÂNTARA, E. V. G. T. Cachimbos do Xingó: Análise técnica e primeiras interpretações. Monografia, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras- SE, 2019.
- ALMEIDA, F. O.; KLOKLER. D. M., Projeto do sertão para o mar: a fluidez de pessoas, ideias e estilos tecnológicos na história das populações ceramistas do Baixo São Francisco (AL-SE). 2016.
- ALMEIDA, F. O.; KATER, T. As cachoeiras como bolsões de histórias dos povos indígenas das terras baixas sul-americanas. Revista Brasileira de História. v. 37, n. 75. 2017, p. 39-67.
- ALMEIDA, F. O. O Complexo Tupi da Amazônia Oriental. Dissertação de mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia- USP. São Paulo, 2008.
- ALMEIDA, F. O. A Tradição Polícroma no Alto Rio Madeira. Tese de doutorado em Arqueologia – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2013.
- ALVES, C. A Cerâmica Pré-histórica no Brasil: Avaliação e Proposta. Clio, Série Arqueológica, nº 7, UFPE. Recife, Ed. Universitária, p.11-88, 1991.
- BANDEIRA. Maria de Lourdes. Os Cariris de Mirandela: um grupo integrado. Estudos Baianos, n. 6, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1972.
- BARBOSA, R. P. A cartografia do Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendaju. In: IBGE. Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju/ Fundação do Instituto Brasileiro de Geografia

e estatística em Colaboração com a Fundação Nacional Pró-memória, 1 edição, Rio de Janeiro, 1981.

BASTOS, M. A. L. C. Análise espacial do sítio arqueológico Vitória Régia I (Xingó) através da forma e função dos vasos cerâmicos. Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras- SE, 2019.

BROCHADO, J.P.; MONTICELLI, G. Regras práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica Guarani a partir dos fragmentos. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v.xx, n.2, p. 107-118, dezembro, 1994.

CASTRO, Viviane Maria Cavalcanti de. Sítio Cana Brava: contribuição ao estudo dos grupos ceramistas pré-históricos do Sudeste do Piauí. Dissertação de Mestrado em História – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

CHMYZ, Igor. Terminologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica. Cadernos de Arqueologia, n. 1, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1976. CONNERTON, Paul. How Societies Remember. Cambridge University Press, 1989.

DIAS, A. S. Repensando a tradição umbu a partir de um estudo de caso. Dissertação de Mestrado. PUC-RS. Porto Alegre, 1994.

DIAS, A. S; SILVA, F.A. Sistema tecnológico e estilo: as implicações desta inter-relação no estudo das indústrias líticas do Sul do Brasil. Ver. Do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 11: 95-108, 2001.

DANTAS, E. N. As escolhas do tempo na cerâmica arqueológica no sítio Vitória Régia I, Xingó. (Monografia). Departamento de Arqueologia. Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras, 2018.

DANTAS, V. J; LIMA, A. T. Pausa para um Banquete: Análise das marcas de uso em vasilhames cerâmicos pré-históricos do Sítio Justino, Canindé do São Francisco, Sergipe. Museu de Arqueologia de Xingó, 2006, p.150.

DANTAS, B. G.; SAMPAIO, J. A. L.; CARVALHO, M. R. G. de. Os povos indígenas no nordeste brasileiro: um esboço histórico. In: CUNHA, M. C. da (Org.). Histórias dos índios do Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, p.431- 456, 1992.

ETCHEVARNE, C. A ocupação humana do Nordeste brasileiro antes da colonização portuguesa. Revista USP, São Paulo, n. 44, p.112-141, dezembro/fevereiro 1999-2000.

ETCHEVARNE, Carlos. Sítios dunares: contribuição à arqueologia do Sub-médio São Francisco. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991, p 227.

FAGUNDES, Marcelo. Sistemas de Assentamentos e tecnologia lítica: Organização tecnológica em Xingó, Baixo São Francisco, Brasil. Tese de doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia – USP. São Paulo, 2007.

FARIA, L. C. Curt Nimuendaju. In: IBGE. Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju/Fundação do Instituto Brasileiro de Geografia e estatística em Colaboração com a Fundação Nacional Pró-Memória, 1 edição, Rio de Janeiro, 1981.

GALVÃO, Eduardo. Áreas Culturais Indígenas do Brasil; 1900- 1959. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Antropologia, n.8, Pará, 1960.

GUIDON, Niède; PESSIS, Anne- Marie. Recente Discoveries on the holocenic levels of Sítio do Meio rock- shelter, Piauí, Brasil. Clio- Série Arqueológica, Recife: UFPE, n.9, 1993, p.77-98.

GUIDON, Niède. Pesquisas arqueológicas em São Raimundo Nonato- Piauí: Novos Dados. Revista arqueológica. Sociedade de arqueologia Brasileira, n. 8, v. 2, São Paulo, 1994-1995, p.37-46.

HOHENTHAL. As tribos indígenas do médio e baixo São Francisco. Revista do Museu Paulista, Nova Série, Volume XII, São Paulo, 1960.

HALFELD, H. G. F. Atlas e relatório concernentes à exploração do rio São Francisco, desde a Cachoeira de Pirapora até o oceano Atlântico. Rio de Janeiro, 1860 .

LA SAVIA, Fernando; BROCHADO, José Proenza. Cerâmica Guarani. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

LIMA. Tânia Andrade. Cerâmica indígena brasileira. In: RIBEIRO, Darcy at all (Orgs.). Suma Etnológica Brasileira: Edição atualizada do Handbook of South American Indians, v. 2. Editora Vozes, Petrópolis, p. 173-229, 1987.

LIMA, C. F. M. de. Padrão de assentamentos em sítios arqueológicos na zona da mata norte de Alagoas e sul de Pernambuco. Dissertação de Mestrado. Recife, 2006, p.140.

LUNA, Suely. Os grupos ceramistas pré- históricos do baixo São Francisco. Clio Arqueológica, nº19, v.2, 79-103, 2005.

LUNA, Suely. As pesquisas arqueológicas sobre cerâmica no Nordeste do Brasil. Revista Canindé, Xingó, n. 8, dezembro de 2006, p.167-207.

LUNA, Suely. O sítio Sinal Verde - São Lourenço da Mata, PE. Uma aldeia pré-histórica na zona da mata pernambucana. CLio - Série Arqueológica, Recife, UFPE: Editora Universitária, n.7, p.89-142, 1991.

LUNA, Suely. As populações Ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco – Brasil. Tese de doutorado em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001, p. 306.

LUNA, Suely; NASCIMENTO, Ana. Os grupos ceramistas do baixo São Francisco: primeiros resultados. Aracaju: UFSPAX/ CHESF/PETROBRÁS. 1997, p.31.

MAGALHÃES, Eloi. “Faroeste caboclo”: catequese e civilização de índios Chocós na província do Ceará. In: OLIVEIRA, J. P. de (Org.). A presença indígena no Nordeste: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória. Rio de Janeiro, Contra Capa p. 389 - 411, 2011.

MARANCA, Siva. Estudo do sítio Aldeia da Queimada Nova, Estado do Piauí. Revista do Museu Paulista, vol. 3, São Paulo, 1976, p.102.

MARTIN, Gabriela. Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife, Ed. Universitária da UFPE, 1996.

MARTIN, Gabriela. Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife, Ed. Universitária da UFPE, 2000.

MARTIN, Gabriela. A sub-tradição Seridó de pinturas rupestres pré-históricas do Brasil. Clio, n. 5. UFPE, p. 19-26, 1985.

MELO, M. Os Carnijós de Águas Belas. Revista do Instituto Archeológico Histórico e Geográfico Pernambucano, vol. XXIX, Pernambuco, 1930.

MELATTI, J. C. Curt Nimuendaju e os Jê. Série Antropologia, Departamento de Antropologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 1985.

MELATTI, J. C. Índios do Brasil. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

NASSER, N. A. S. Notas preliminares sobre a arqueologia da foz do sistema Curimataú-Cumataú. Programa Nacional de Pesquisas arqueológicas, Resultados Preliminares do

Primeiro Ano 1965-1966. Publicações avulsas, n.6, Museu Paranaense Emílio Goeldi, Belém, 19967, p.121-128.

NANTES, Martinho de. Relação de uma Missão no rio São Francisco, Brasileira. Vol. 368, rio de Janeiro, 1979.

NASCIMENTO, Ana. A aldeia Baião - Araripina, PE. Um sítio pré-histórico cerâmico no sertão pernambucano. CLio - Série Arqueológica, n.7. Recife: UFPE : E. Universitária, 1991, p.143-206.

NASCIMENTO, Ana. A aldeia Baião - Araripina, PE. Um sítio pré-histórico cerâmico no sertão pernambucano. Dissertação de Mestrado, Recife, 1990, p.188.

NEVES, Eduardo G. Sob os Tempos do Equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central (6500 a.C. – 1500 d.C.). Tese (Livre-docência) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

NIMUENDAJU, Curt. Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes. Museu Nacional, Belém, 1944.

NIMUENDAJU, Curt. Cartas do Sertão, Curt Nimuendaju para Carlos Estevão de Oliveira Lisboa: Museu Nacional de Etnologia (Croqui da distribuição das tribos Jê, incluído na carta de 20.7.1934).

OLIVEIRA, Cláudia Alves de. estilos tecnológicos da cerâmica pré-histórica no Sudeste do Piauí. 2000. Tese de Doutorado em Arqueologia – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

OLIVEIRA, J. P. O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridade. Editora: Contra capa, Rio de Janeiro, 2016.

OLIVEIRA, J. P. Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. Revista Mana, vol. 4, n 1, Rio de Janeiro, 1998.

DE PAULA, I. P. Populações ceramistas do Baixo São Francisco: o sítio arqueológico Barracão e seu estilo tecnológico. Monografia, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras- SE, 2019.

PESSIS, A. M. Pré-história da Região do Parque Nacional Serra da Capivara. In: Teório, M. C. (Org.). Pré-História da Terra Brasilis. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 2000, p. 61-72.

POMPEU SOBRINHO, Th. Povoamento do Nordeste brasileiro. Revista do Instituto do Ceará, tomo LI. Editora Instituto do Ceará, Fortaleza, 1937.

PROJETO DE SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO DO XINGÓ. Salvamento Arqueológico de Xingó: Relatório Final. Museu de arqueologia de Xingó, Universidade Federal de Sergipe, 2000.

RICE, P. M. Pottery Analysis: A Soucerbook. The University of Chicago Press/Chicago and London. Parpperbar edition, 2005.

RIBEIRO, Darcy. Os índios e a Civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno. 3.ed., editora Vozes. Petrópolis, 1979.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Língua. In: Grande Enciclopédia Delta- Larousse. V.9, p. 4035-6, 1972.

SAHLINS, Marshall. Esperando Foucault, ainda. Cosac & Naify, São Paulo, 2004.

SANTOS, J. O. & MUNITA, C. S. Estudos arqueométricos de sítios arqueológicos do Baixo São Francisco. Aracaju: MAX/UFS, 2007.

SCHLANGER, S. Recognizing persistent places in Anasazi settlement systems. IN: ROSSIGNOL & WANDSNIDER. Space, time, and archaeological landscapes. New York and London, Plenum Press, pp. 91-112, 1992.

SCHUSTER, A. J. Variabilidade cerâmica do sítio Cipó- AL, Xingó. Monografia, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras- SE, 2018

SENA, Vivian Karla de. O padrão de assentamento dos grupos ceramistas do semi-árido do Nordeste, Araripina - PE. Dissertação de Mestrado, Recife, UFPE, 2007.

SILVA, F.A. O significado da variabilidade artefactual: a cerâmica dos Assurini do Xingu e as plumárias dos Kayapó-Xikirin do Caeté. Boletim do Museu Paranaense Emílio Goeld, v.2, p. 91-103, 2007.

SHEPARD, Anna O. Ceramics for the Archaeologist. Carnegie Institution of Washington, Washington, D.C.1956.

SOUSA, Eliane da Silva. O Potencial Interpretativo dos Artefatos Cerâmicos: A Tradição Tupi-guarani na Amazônia. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós- Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

SOUZA, V. S. Particularidades e similaridades do registro rupestre da Fazenda Mundo Novo em Canindé de São Francisco- Se. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, 2013.

STRATHERN, Marilyn. Social Relations and the Idea of Exrtrnality. In: RENFREW Colin & SCARRE, Chirs (eds.). Cognition and Material Culture: The Archaeology of Symbolic Storage. McDonald Institute for Archaeological Research, 1998.

TOSSIN, Laísa. As línguas dos outros: uma perspectiva sobre a formação das famílias linguísticas no encontro colonial. Tese de Doutorado, UNICAMP, São Paulo, 2017.

VERGNE, C.; FAGUNDES, M.; CARVALHO, A. F. de; ARAÚJO, M. M. F. Estudos tecnológicos e tipológicos da cerâmica arqueológica do sítio Curitiba I, Canindé de São Francisco- SE. Revista Canindé, Canindé de São Francisco: MAX/UFS, n. 8, p. 151-166, 2006.

VIDAL, Lux; SILVA, Aracy Lopes da. Sistema de objetos nas sociedades indígenas: arte e cultura material. In: Temática Indígena Na Escola: Novos Subsídios para Professores de Primeiro e Segundo Graus, 1995.

ZENDEÑO, M. N.;BOWSER, B. J. Archaeology of Meanungful Places. In: ZENDEÑO, M. N.;BOWSER (eds.). Archaeology of Meanungful Places, Salt Lake Cite: University of Utah Press, 2009, p. 1-14.

ZUSE, Silvana. Variabilidade cerâmica e diversidade cultural no Alto rio Madeira, Rondônia. Tese (doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2014.



## APÊNDICES

### APÊNDICE 1

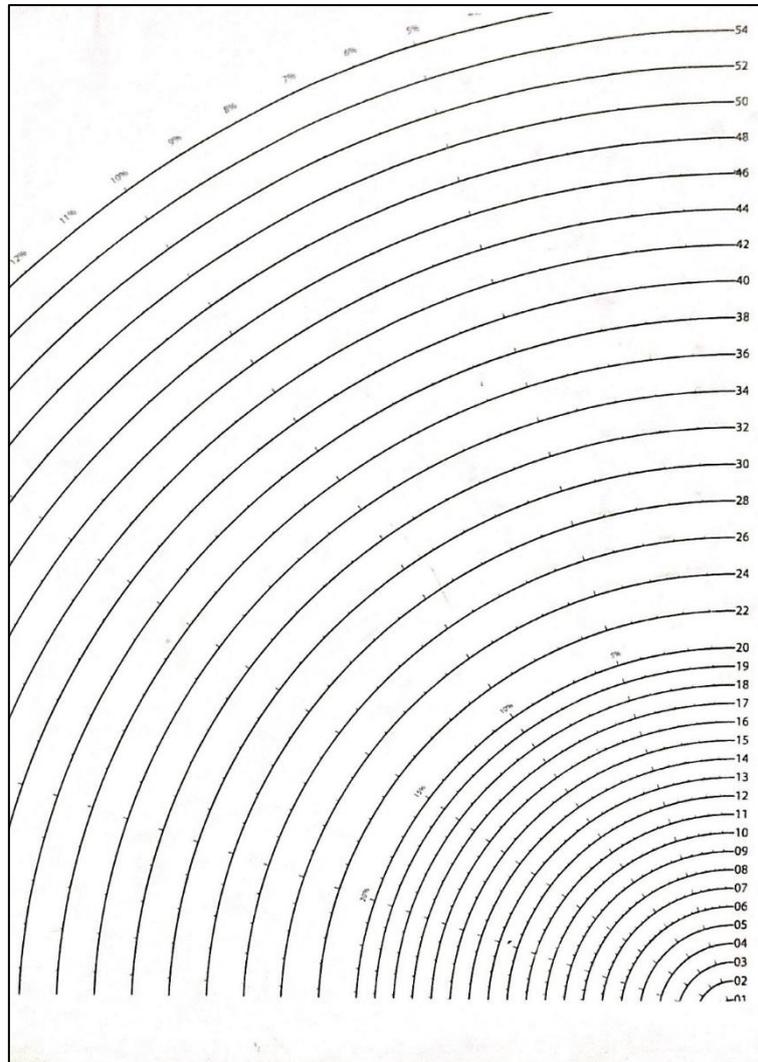
Tabela: Levantamento inicial dos sítios da região de Xingó. Relatório Final- PAX.

	<b>Sítio</b>	<b>Latitude</b>	<b>Longitude</b>
01	Mandacaru das pedras	8953000,211 N	604800,357 E
02	Caraibas	8952520,189 N	606800,067 E
03	Curva solidão	8952100,740 N	607280,459 E
04	Mandú	8951800,219 N	608800,260 E
05	Recanto do Olodum	8948280,150 N	609040,345 E
06	Mulungu	8948000,361 N	608360,100 E
07	Xingozinho	8948140,211 N	608960,150 E
08	Fronteira	8947700,312 N	609200,350 E
09	Juazeiro	8947500,095 N	609400,050 E
10	Esperança	8944400,235 N	616720,650 E
11	Letreiro	8943200,305 N	615700,100 E
12	Poço verde	8944400,750 N	617200,159 E
13	Vale dos mestres 1	8942400,251 N	616700,510 E
14	Vale dos mestres 2	8942700,123 N	616500,212 E
15	Vale dos mestres 3	8943000,250 N	616320,350 E
16	Jurema	8944000,710 N	617800,135 E
17	Bela Vista	8944100,095 N	618240,350 E
18	Sergipe	8944000,455 N	618840,230 E
19	Lamarão	8945400,610 N	616630,405 E
20	Xingó	8944680,122 N	618400,325 E
21	Mirador 1	8945120,330 N	619800,710 E
22	Mirador2	8944900,125 N	619840,835 E
23	Castanho	8947960,080 N	617840,250 E
24	Brejo	8948000,215 N	619100,950 E
25	São Jose 1	8945600,730 N	621000,150 E
26	São Jose 2	8945440,325 N	620700,642 E
27	São Francisco 1	8945640,187 N	621600,530 E
28	São Francisco 2	8945940,250 N	622000,280 E
29	Talhado	8946400,609 N	621680,163 E
30	Riacho	8947100,312 N	622900,610 E
31	Maribondo	8947680,450 N	622120,240 E
32	Caibeira	8951200,235 N	621400,350 E
33	Curva do Talhado	8951845,133 N	620910,231 E
34	Talhado 1	8953480,510 N	620640,090 E
35	Talhado 2	8953440,312 N	621160,417 E
36	Encontro	8954000,124 N	620600,175 E
37	Sal	8954120,690 N	621240,320 E
38	Vitoria Regia 1	8942160,215 N	624280,193 E
39	Vitoria Regia 2	8942000,091 N	624720,420 E
40	Vitoria Regia 3	8942200,730 N	624000,165 E
41	Vitoria Regia 4	8941800,193 N	624280,520 E
42	Vitoria Regia 5	8941600,355 N	624000,730 E
43	Vitoria Regia 6	8941200,412 N	622280,313 E
44	Vitoria Regia 7	8941120,160 N	622000,109 E
45	Vitoria Regia 8	8941400,666 N	622760,250 E
46	Vitoria Regia 9	8942200,175 N	622720,450 E
47	Vitoria Regia 10	8942320,390 N	622600,224 E
48	Saco da onça 1	8941800,125 N	625480,420 E
49	Saco da onça 2	8941520,882 N	625600,644 E

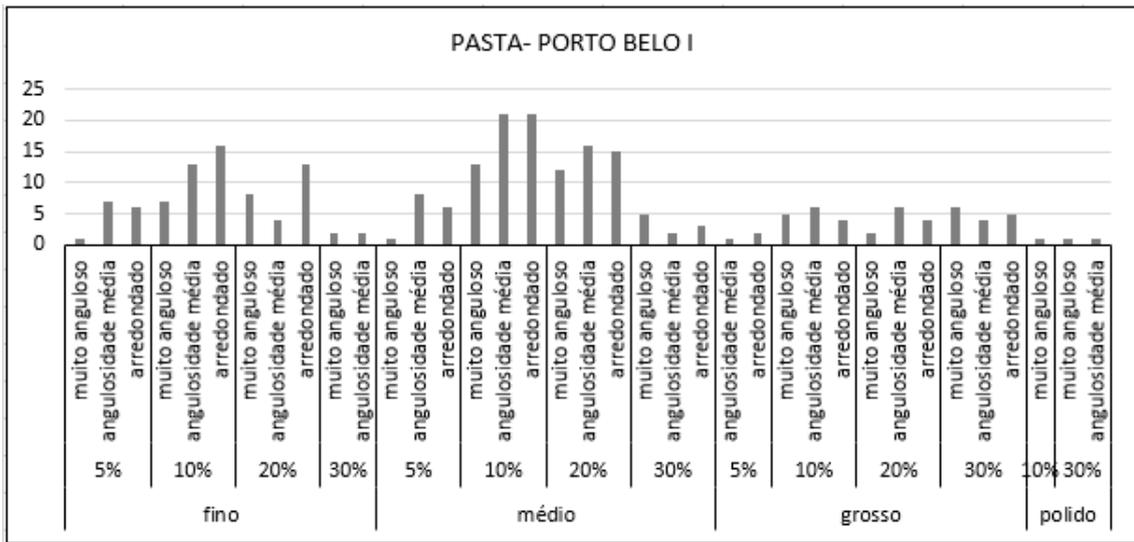
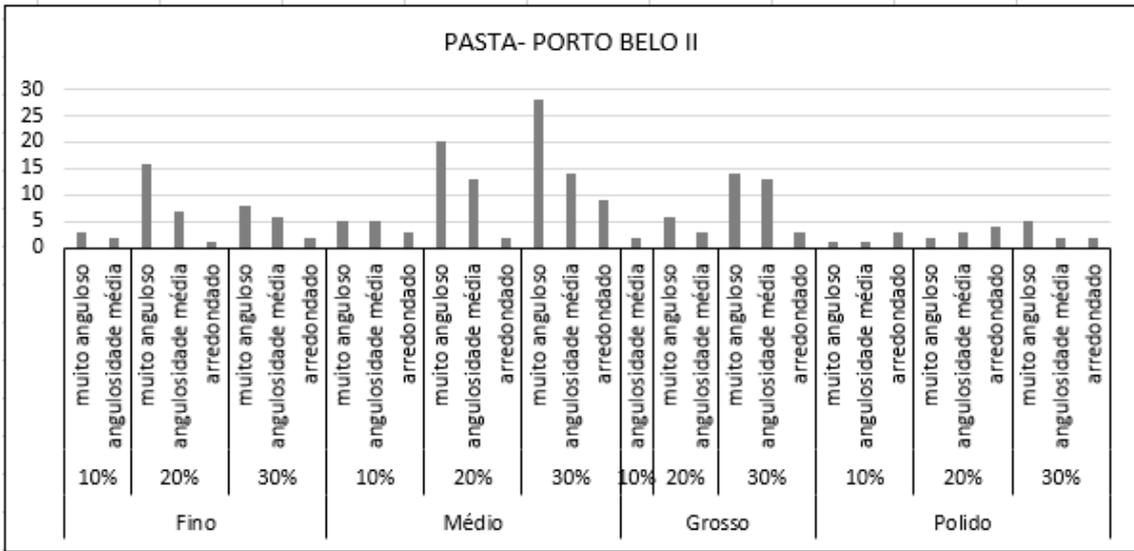
50	Porto Belo 1	8940680,010 N	626800,381 E
51	Porto Belo 2	8941000,703 N	626260,230 E
52	Porto Belo 3	8940700,315 N	626000,810 E
53	Porto Belo 4	8940400,430 N	625800,150 E
54	Porto Belo 5	8940100,223 N	626300,215 E
55	Porto Belo 6	8939800,330 N	626000,710 E
56	Porto Belo 7	8939760,105 N	625400,910 E
57	Porto Belo 8	8939480,815 N	625480,085 E
58	Porto Belo 9	8939400,075 N	625200,144 E
59	Do Tôpo	8939800,610 N	627240,805 E
60	Ouro Fino	8939300,450 N	627600,550 E
61	Justino	8938880,360 N	627560,186 E
62	Cabeça do Nêgo	8938400,480 N	627360,730 E
63	Curituba 1	8938600,220 N	628000,430 E
64	Curituba 2	8938300,190 N	628040,720 E
65	Cancamunhé	8942600,630 N	625120,415 E
66	Fazenda Velha 1	8941800,705 N	626920,019 E
67	Fazenda Velha 2	8941730,520 N	626720,803 E
68	Tanque	8940600,110 N	628000,445 E
69	Cabeça do Nêgo 2	8938480,335 N	629400,630 E
70	Cabeça do Nêgo 1	8938470,290 N	629400,157 E
71	Riacho Seco	8937500,230 N	630040,350 E
72	Faveleira	8937800,450 N	630360,065 E
73	Cachueira dos veados	8937570,205 N	630600,191 E

## APÊNDICE 2

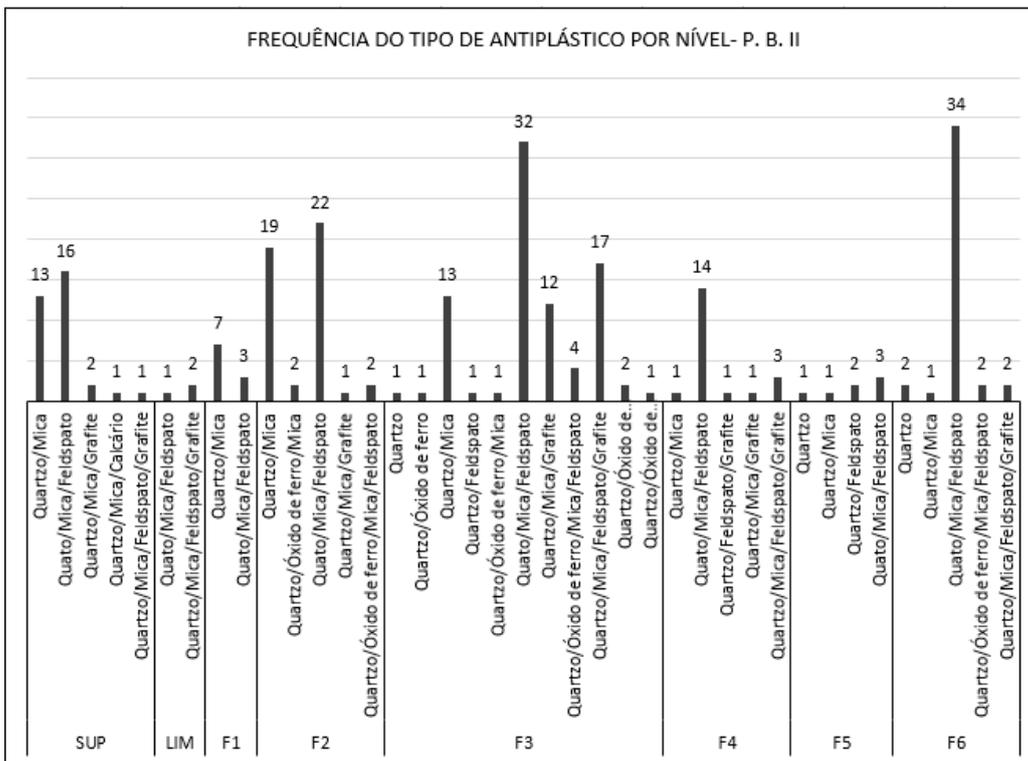
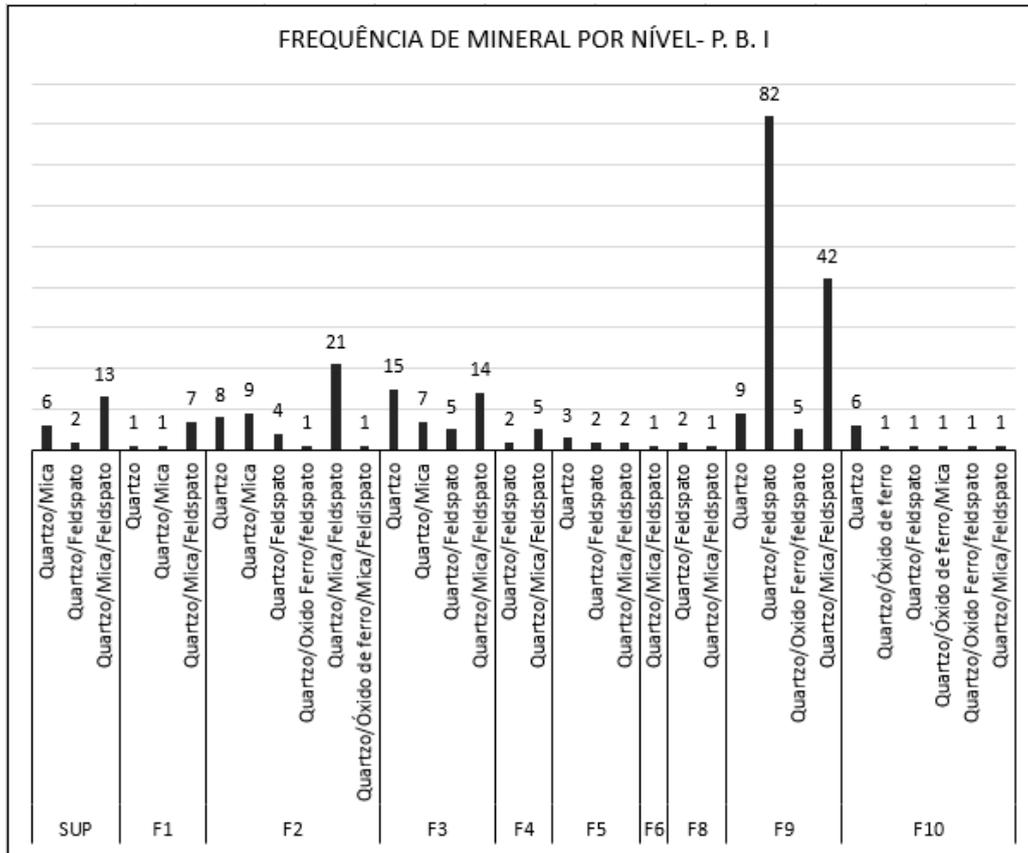
Figura: Gabarito para estabelecer diâmetro da borda e da base.



### APÊNDICE 3



## APÊNDICE 4



## APÊNDICE 5

<b>SELEÇÃO DE FRAGMENTOS COM DECORAÇÃO- PORTO BELO I</b>	
<b>Superfície</b>	
	Inciso assimétrico perpendicular
<b>Nível 1</b>	
	Decoração excisa com motivo ondular, intercaladas por espaços lisos.
<b>Nível 5</b>	
	Fragmentos de borda parcialmente erodida com decoração possivelmente roletada
	Fragmentos de borda parcialmente erodida com decoração escovada transversal
<b>Nível 9</b>	

	<p>Decoração ungulada</p>
	<p>Decoração com faixas transversais com linhas incisadas oblíquas assimétricas realizadas com um instrumento de ponta, sobrepondo-se inciso linear.</p>
	<p>Decoração excisa com motivo ondular, intercaladas por espaços lisos.</p>
	<p>Decoração escovada</p>
<p>Decoração incisa com linhas paralelas</p>	
	

	
	
	<p>Decoração incisa</p>
	<p>Decoração incisa</p>
	<p>Decoração incisa</p>

			Decoração incisa
			Decoração incisa
			Decoração incisa
			Decoração incisa
Decoração excisa com linhas paralelas			
			
Decoração excisa com motivo angular			
			

		<p>decoreção excisa com linhas paralelas simétricas intercaladas por faixas lisas</p>
		<p>decoreção excisa e ponteados</p>
		<p>Decoreção excisa e incisa com motivo zonado</p>
		<p>Decoreção roletada helicoidal</p>
		<p>Decoreção roletada com marcas (amassado)</p>
		<p>Decoreção roletada</p>

		<p>Fragmento de borda roletada obliqua</p>
		<p>Decoração roletada</p>
<p><b>Nível 10</b></p>		
		<p>Decoração excisa com motivo em grega com linhas retas e ondular.</p>
		<p>Decoração excisa</p>
		<p>Decoração incisa</p>

## APÊNDICE 6

<b>SELECÃO DE FRAGMENTOS COM DECORAÇÃO- PORTO BELO II</b>	
<b>Superfície</b>	
	Decoração incisa com linhas paralelas
	Decoração incisa
	Decoração incisa intercalada por faixa lisa
	Fragmento erodido com provável decoração escovada
	Decoração excisa
Decoração incisa com motivo composto: linhas intercaladas por espaços lisos que delimitam as linhas transversais que cruzam.	

	
	<p>Decoração escovada</p>
<p><b>Nível 3</b></p>	
	<p>Decoração escovada</p>